

LEONOR QUINTANA MOROTTO

***Além do Ganges:
Rituais Hinduístas na Urbe Paulistana. Fenômeno de Re-
Significação Religiosa Numa Metrópole Ocidental***

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
SÃO PAULO - 2007**

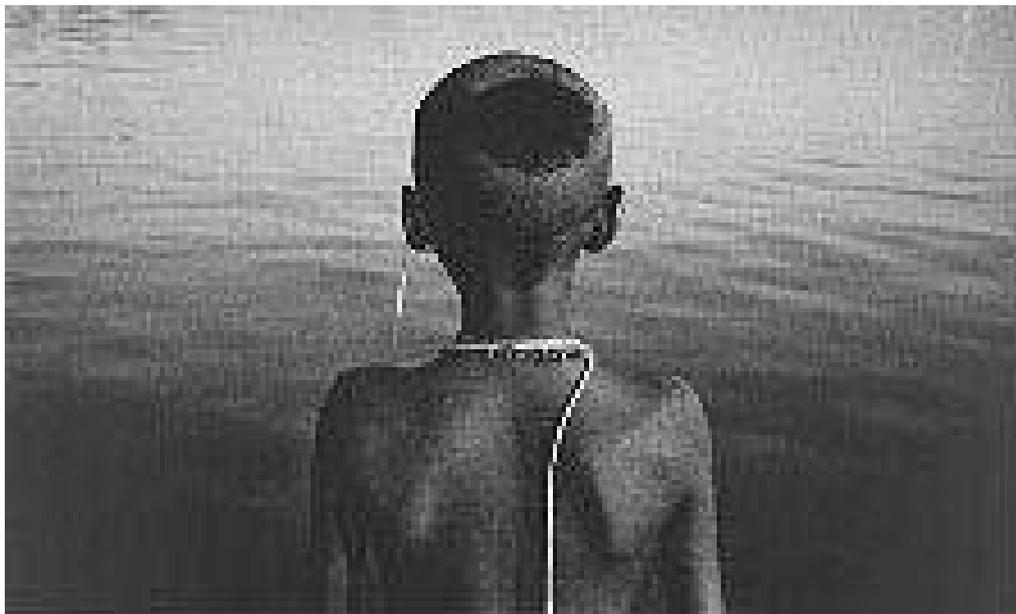
LEONOR QUINTANA MOROTTO

***Além do Ganges:
Rituais Hinduístas na Urbe Paulistana. Fenômeno de Re-
Significação Religiosa Numa Metrópole Ocidental***

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião sob a orientação do Prof. Doutor Silas Guerriero.

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
SÃO PAULO - 2007**

BANCA EXAMINADORA



Ekam sat, viprah bahudh vadanti

Esse é o Uno. Os eruditos

o chamam de muitos nomes.

A meu pai (*in memoriam*). Para minha mãe.

A Diego, Nara e Dario, minhas melhores razões.

Ao magnífico Ganges pelo qual isto é possível.

AGRADECIMENTOS

Ao meu professor e orientador Silas Guerriero, pela dedicação e compreensão e, acima de tudo, pela sua visão de mundo. A todos os professores do Departamento de Ciências da Religião da PUC, especialmente ao professor Frank Usarski por suas sugestões.

Aos amigos que contribuíram para minhas escolhas.

Aos colegas da educação, que muito me alentaram e aqueles que dispuseram do seu tempo e paciência para serem entrevistados e fazer realidade este trabalho.

A Lika, Likinha e Blakie pela sua estima e companheirismo.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo descrever e explicar alguns aspectos dos rituais hinduístas realizados em São Paulo por alguns grupos, e que tem no Hinduísmo sua principal referência. Partimos de uma concepção pluralista, de universos variados dentro de uma metrópole Ocidental, em que se desenha o paradigma Oriental numa convivência pacífica de elementos que se re-significam e se integram à paisagem paulistana problematizando as questões relacionadas às tradições.

Estudamos o Hinduísmo, suas concepções de religiosidade e de mundo, estabelecendo paralelismos com os movimentos da Nova Era e da Contracultura, pois, consideramos serem tendências significativas na expansão desta crença.

Foram feitas algumas pesquisas sobre os rituais realizados no movimento Hare Krishna e aqueles nas academias de Yoga e espaços esotéricos. Analisamos também outro movimento que vincula a prática dos rituais hinduístas à ciência: o Agnihotra.

O método escolhido foi à leitura da filosofia védica com ênfase nos aspectos religiosos, identificando os valores que embasam o Hinduísmo para entender o mundo em que estão inseridos os rituais.

Esperamos que este trabalho contribua para o estudo de algumas realidades presentes nesta urbe chamada São Paulo.

ABSTRACT

The objective of this work describe and explain some aspects of the hindu rituals performed in São Paulo by some groups, which referer to in Hinduism. We start with a pluralist conception to varied universes within a Western metropolis where we observe the Oriental paradigm within a peaceful co-existence of elements which re-define themselves and integrate into the São Paulo cultural background, clouding the issues related to tradition.

We study Hinduism, its concepts of religiosity and the world, establishing some parallelisms with the New Age and Counter Culture movements because these are considered to be significant tendencies towards the expansion of these beliefs.

Studies were done of the rituals common to the Hare Krishna movements and those related to Yoga and esoteric spaces. We also analysed another movement called Agnihotra which incorporates the hindu rituals into science.

The method chosen was the analysis of vedic philosophy with emphasis on the religious aspects, indentifying the values which hold to Hinduism in order to understand the world into which these rituals are being inserted.

We hope that , through this work , we can contribute to the study of the reality present in this city called São Paulo.

LISTA DE FOTOS E ILUSTRAÇÕES

<i>Foto 1: Foto da capa do livro : Quantos olhos tem uma alma? (Foto Inicial)</i>	4
Fig. 2. Ritual de fogo às margens do rio Ganges.	23
<i>Fig. 3. Fac símile de festival de Atibaia. (Fazenda Terra Viva)</i>	57
Fig. 4. Cerimônia de adoração às deidades num programa de domingo no templo Hare Krishna de São Paulo.	64
<i>Fig. 5. Sacerdote em adoração às deidades do templo Hare Krishna de São Paulo.</i>	68
<i>Fig. 6. Altar doméstico de um devoto Hare Krishna.</i>	68
<i>Fig. 7. Jayapataka Swami em dia de iniciação no templo Hare Krishna, de São Paulo.</i>	70
Fig. 8. Devoto em segunda iniciação no templo Hare Krishna de São Paulo.	70
<i>Fig. 9. Fac símile. Passos de um casamento Hare Krishna.</i>	71
Fig. 10. Preparação da mandala em que será assentado o fogo sagrado da cerimônia de casamento.	72
<i>Fig. 11. Cerimônia de casamento em Guarulhos entre devotos Hare Krishna.</i>	72
<i>Fig. 12. Cerimônia de Casamento no templo Hare Krishna de São Paulo.</i>	73
<i>Fig. 13. Conjunto de Sãlagamas –shilas.</i>	75
<i>Fig. 14. Prabupahada junto a um altar de Sãlagamas – shilas.</i>	75
<i>Fig. 15. Pequeno altar de sãlagamas – shilas montado por ocasião de um casamento.</i>	76
<i>Fig. 16. Casamento de Tulasi e Sãlagrama – shila (Vishnu).</i>	76
<i>Fig. 17. Ganesha</i>	83
<i>Fig. 18. Altar doméstico em homenagem a Ganesha.</i>	83
<i>Fig. 19. Laksmi</i>	85
<i>Fig. 20. Imagens sobre as oito manifestações de Laksmi.</i>	86
<i>Fig. 21. Sacerdotisa em ritual para Ganesha num instituto de Yoga.</i>	89
<i>Fig. 22. O Mestre Vasant em palestra sobre Agnihotra , São Paulo, 1987.</i>	92
<i>Fig. 23. Praticante de Agnihotra durante o ritual.</i>	93

<i>Fig. 24. Preparação de ritual Agnihotra.</i>	95
<i>Fig. 25. Canteiro de hortaliças onde são utilizadas às cinzas do Agnihotra. Campo Limpo Paulista, São Paulo.</i>	95
<i>Fig. 26. Sri Paramsadguru.</i>	96
<i>Fig. 27. Materias utilizados para realizar o puja, aratik ou ritual.</i>	101
<i>Fig. 28 Oferendas para um ritual.</i>	101
<i>Fig. 29. Sacerdote em culto a Ganesha, (no centro), em espaço holístico e restaurante vegetariano de Santana.</i>	105
<i>Fig. 30. Fac símile,convite para a “Festa das Luzes” do ano Novo Indiano, em São Paulo.</i>	113
<i>Fig. 31. Realização de ritual durante apresentação de cítara em 2003, no Festival da Nova Consciência, Campina Grande.</i>	116

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I - A TRADIÇÃO QUE VEM DA ÍNDIA: O HINDUÍSMO	7
1.1. Os princípios na cultura védica.....	8
1.2 A literatura sagrada dos Vedas:.....	11
1.2.1.O Sruti.....	13
1.2.2.O Smriti	15
1.3 – A religião dos Vedas	16
1.4 - O ritual de fogo como expressão sagrada.....	18
1.5. Os sacerdotes do ritual védico.....	20
1.6. Alguns rituais védicos	23
1.7. Elementos do ritual védico.....	25
1.8. Ritos ou Samskaras.....	26
1.9. O Novo Hinduísmo.....	33
CAPÍTULO II - OS CAMINHOS DA CONTEMPORANEIDADE PARA O ORIENTE.....	36
2.1 – Movimentos de mudança no século XX	38
2.1.1 – Orientalismo como manifestação da Nova Era.....	38
2.1.2 - A contracultura como fenômeno na experiência religiosa	43
2.2. A Índia no Ocidente	45
2.3. Globalização e rituais hinduístas.....	50
CAPÍTULO III - A TRADIÇÃO HINDUÍSTA CONSTRUÍDA NO BRASIL	53
3.1 - Presenças religiosas hinduístas no Brasil.....	55
3.2. Presenças religiosas hinduístas em São Paulo	56
3.3 - A ISKCON e seus rituais no processo do Bakti -yoga	58
3.3.1. O conceito de Deus, os princípios regulativos, e a Bakti-Yoga	60
3.3.2. Os Rituais nos altares Hare Krishna	62
3.3.3. Rituais de Iniciação: Hari Nama – Diksa.....	69
3.3.4. Rituais de Casamento: Vivaha- Samskara	71
3.3.5. AS PEDRAS SAGRADAS DO SENHOR VISHNU: um ritual muito particular, a adoração as Sâlagramas-shilas.	73
3.4. Rituais de fogo em ambientes holísticos e academias de Yoga	77
3.4.1. A adoração a Ganesha na Índia.....	78
3.4.2. Os rituais a Ganesha em São Paulo	82

3.4.3. A adoração a Laksmi.....	84
3.5. O Agnihotra: rituais como experiência científica?	89
3.5.1. A terapia HOMA.....	93
CAPÍTULO IV - UM <i>ETHOS</i> BRASILEIRO NOS RITUAIS HINDUÍSTAS.....	97
4.1. Uma análise dos rituais	99
4.2. Uma fronteira com a magia	100
4.3. Sacerdotes à moda da casa.....	102
4.4. Clientes ou devotos: concepções da religiosidade brasileira.....	106
4.5. Os dois ambientes: Brasil – Índia.....	107
CAPÍTULO V - CONSIDERAÇÕES FINAIS: TRADIÇÃO OU RE-SIGNIFICAÇÃO?	110
GLOSSÁRIO.....	117
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS	121
ANEXO I.....	129
ANEXO II	130

INTRODUÇÃO

Os primeiros contatos que tivemos com os rituais hinduístas resultaram da rápida passagem pelo Movimento *Hare Krishna* e que despertaram o nosso interesse pela cultura e religiosidades Orientais em especial as de origem indianas.

Observamos que: tanto devotos quanto simpatizantes realizavam e encomendavam certos rituais em determinadas ocasiões que marcassem acontecimentos importantes em suas vidas.¹ Esses contatos com a tradição hinduísta não são recentes, mas, ultimamente, parece haver uma exacerbação de influências, bem como um fluxo maior de reciprocidades expressa no cotidiano. Essa percepção nos serviu de estímulo para pesquisar o tema que é objeto central deste trabalho: “Além do Ganges: rituais hinduístas na urbe paulistana: Fenômeno de re-significação religiosa numa grande metrópole ocidental”.

Por perceber que se trata de um fato diferenciador, questionamos os motivos que levaram à expansão da tradição hinduísta para além de seu lugar de origem. Nos referimos ao Ganges² por ser considerado um dos rios mais sagrados da Índia. E se todas as manifestações do Hinduísmo transcendem seus limites chegando até nós, o Ocidente, tentaremos, por meio deste estudo, elucidar as causas que resultaram nessa expansão dentro da sociedade paulistana.

Vivemos um momento de mudanças paradigmáticas e de reestruturação social e política, ocorrida de modos distintos na sociedade, principalmente se considerarmos o esvaziamento das estruturas religiosas tradicionais, que sempre exerceram grande influência no Ocidente³ tais como o Cristianismo. Estes

¹ Ao longo desse tempo, pudemos constatar que um amigo que se iniciou como *Brahmana* –iniciação que permite realizar cerimônias, - dentro do Movimento *Hare Krishna*, foi solicitado com frequência para realizar diversos tipos de rituais, não somente para seguidores do *vaishnavismo*, mas também para outras pessoas ligadas a círculos esotéricos ou academias de *Yoga*.

² Conhecido como *Ganga*, o Ganges nasce no Himalaia, perto de *Gangotri*, e desemboca na baía de Bengala. Suas águas são consideradas sagradas - *patita-pavani*, o que significa a que libera dos pecados a todas as entidades vivas. Para os indianos é o rio mais sagrado. Acreditam que as águas do Ganges nunca se contaminam. Segundo a cosmologia hindu, o Ganges se origina nos céus. A *Kumbh Mela*, é o segundo grande festival que ocorre ao redor do Ganges, é uma celebração à criação. Ele representa uma ponte sagrada para o divino. O Ganges é um *tirtha*, um lugar de travessia de um ponto para outro. O *Gangasyhothra-satanamavali* é uma ode ao rio que revela o profundo efeito que tem sobre a Índia. É uma ode saudação que contém os 108 nomes sagrados do rio. O papel do Ganges é de mediador entre este plano material e o plano divino, isto se expressa fortemente na importância que este tem nos rituais de funerais.

³ BELLAH R.N. *A Nova Consciência religiosa e a crise na modernidade*, Religião e sociedade, 1986, p. 20.

processos iniciados radicalmente na década de 1960, contestaram pela primeira vez a legitimidade das instituições estabelecidas, em especial da religiosa.

A modernidade levou a um pluralismo na história do homem cujas conseqüências se mostram cada vez mais visíveis, principalmente no campo da religiosidade. Segundo Deis Siqueira: "... as novas religiosidades teriam noções não rígidas do sagrado e profano, religião e psicologia, além de se definirem de anti-clericais, anti-hierárquicas, e anti-institucionais".⁴ Identificamos o ritual hinduísta como um desses numerosos exemplos.

Escolhemos os rituais hinduístas porque é uma manifestação do sagrado, Por ser uma forma de experiência religiosa identifica-se com a realidade que o homem crê encontrar. Na concepção de Rudolf Otto,⁵ : "aquilo que lhe desconcerta e que está absolutamente fora do domínio das coisas habituais, compreendidas e bem conhecidas".

Destacamos a importância que Mary Douglas dá aos rituais quando observa que: "algumas religiões esvaziam os cultos religiosos", detecta-se com isso um pré-conceito anti-ritualista. Afirma ser um erro supor haver religião que seja completamente interior, sem regras, sem liturgia, sem sinais exteriores de estados internos. Consideramos os rituais hinduístas muito significativos na sua liturgia e representantes dos anseios de uma cultura, que nos chegam muitas vezes com novos significados.⁶

Na visão sociológica, os ritos vistos como linguagem codificam e expressam valores culturais. Segundo M. Peirano: "... o que se encontra no ritual também está presente no dia-a-dia-e vice-versa. Consideramos o ritual um fenômeno especial da sociedade que nos aponta e revela representações e valores de uma sociedade, mas o ritual expande, ilumina e ressalta o que já é comum a um determinado grupo".⁷

Sobre estudos específicos dentro dos rituais hinduístas no Brasil, encontramos a tese de doutorado de Marcos Silva da Silveira, apresentada em 1999 ao programa de Pós-graduação da Universidade de Brasília, onde estudara

⁴ SIQUEIRA, D. *As novas religiosidades no Ocidente. Brasília cidade mística*, 2003, p.120.

⁵ OTTO, R. *O sagrado*, 1992, p. 39.

⁶ Nos referimos à cultura indiana.

⁷ PEIRANO, M. *Rituais ontem e hoje*, 2003, p. 10.

o ritual Hari Nama Sankirtana dentro do Movimento Hare Krishna. Traz importantes dados sobre a visão de mundo do movimento Hare Krishna numa perspectiva tanto histórica quanto descritiva de um fato específico: a celebração do centenário de *Sri Srila Prabhupada* em Mayapur, Índia, em fevereiro de 1996.

A introdução desse movimento e suas inquietudes ao mundo contemporâneo estão representadas no trabalho dissertativo de Valentina Retamales; *O divino e o sagrado da natureza: A filosofia védica e o biocentrismo na relação sociedade-ambiente também presentes* no mundo Hare Krishna em especial daqueles que dizem respeito à natureza.

No campo das vivências coletivas dentro de uma perspectiva antropológica, o trabalho de Silas Guerriero traz à tona as mudanças, provocadas pela inserção de um estilo de vida, importado pelo Movimento Hare Krishna. Nesta, o autor mostra seus significados e significantes permitindo a compreensão desse universo muito diferente de nosso cotidiano.

Há outros trabalhos que procuram levantar as questões pertinentes a religiões orientais e suas práticas inseridas na nossa sociedade, em especial do Budismo⁸, e outros trabalhos que abordam o uso de variados costumes de procedência oriental atuantes na área do holismo e do esoterismo.

No campo da ritualística, encontramos outros estudos que analisam o ritual num sentido antropológico e psicológico. Defende-se que o rito possui uma eficácia psicológica, permite a organização mental⁹. Do ponto de vista antropológico ao observar os rituais religiosos interpreta-se a visão de mundo.

Anteriormente ao século XX, autores evolucionistas como Frazer consideravam os rituais como magia. Posteriormente, seguiram-se trabalhos com uma abordagem simbólica do ritual, tais como os realizados por Victor Turner, Mary Douglas e Clifford Geertz, que fundamentam a presente pesquisa, bem como estudiosos da cultura indiana, Renou, Panikkar, Mircea Eliade e Romila Thapar, entre outros autores.

Quanto às relações entre Oriente e Ocidente, há uma gama de trabalhos que buscam interpretar o papel da globalização e as questões do imaginário

⁸ RAFAEL, S. *Uma perspectiva analítica para os convertidos ao Budismo japonês no Brasil*.http://www.pucsp.br/rever/rv2_/2002/t_shoji.htm, 2006.

⁹ TERRIN, A.N. *O rito*, 2004, p.19.

ocidental relacionados ao Oriente. Edward Said observa que nem sempre essas relações foram bem compreendidas:

... Um dos aspectos que o mundo eletrônico pós-moderno trouxe, foi o reforço dos estereótipos através dos quais se observa o Oriente; a televisão, os filmes, e todos os recursos dos meios de comunicação têm contribuído a que a informação use modelos cada vez mais standard.¹⁰

Esperamos que esta pesquisa acadêmica contribuia com o estudo da cultura indiana e do Hinduísmo no meio social paulistano e forneça subsídios para entender à incorporação desses rituais na cidade de São Paulo, tentando, em parte, suprir esta lacuna. Julgamos importante uma atenção especial ao estudo do universo Hindu, pois se trata do outro aparentemente longe de nós, mas o qual se pretende adotar como referência. Sabemos que o Hinduísmo originou diversas escolas¹¹ na Índia, presentes em amplas expressões culturais, expandidas por todos os continentes em diversos países, inclusive o Brasil.

A Índia encontra-se incorporada em diversos aspectos da urbe paulistana: na linguagem, na arte, na decoração, na arquitetura e no vestuário; o que estabelece um verdadeiro segmento de consumo e costumes, como a adoção da alimentação vegetariana.

Numa análise mais ampla, incluímos o aumento dos movimentos em defesa dos animais e das florestas. No *Yoga*, e em suas distintas modalidades, essa influência crescente se revela na prática da espiritualidade, em concomitância com os cuidados do físico. Este assunto tem sido amplamente difundido em revistas¹² e outros meios de Comunicação. A influência da Índia se

¹⁰ SAID, E. *Orientalismo*, 2003, p. 52.

¹¹Zimmer E., apud Joseph Campbell, p.431/436. Estas escolas na Índia consideradas ortodoxas,são conhecidas como os seis sistemas ou Darshanas. São elas: 1.Nyaya, fundada por Gautama, o livro básico é o Nyaya Sutra, talvez uma doutrina anterior ao Budismo; 2. o Vaisesika, fundada por Kanada que viveu no século III a.C, o livro básico é o Vaisesika Sutra; 3.Mimamsa, fundada por Jaimini que viveu entre 100 e 450 a.C. Seu principal livro é o Purvamimansa que desenvolveu um método de argumentação.Sustenta a infalibilidade do Veda. 4. Vedanta, significa“final do Veda.

Os filósofos do Vedanta foram: Bada Rayana, talvez do segundo século a. C, Ramanuja, Shankara e Madhava. No início, a palavra Vedanta estava associada aos Upanishads no final dos Vedas. A obra mais antiga considerada no Vedanta, é o Brahma Sutra.O Vedanta tardio representou ainda uma espécie de Contra-reforma no sentido de um retorno da sociedade ao sistema ortodoxo que abalaria o Budismo. Shankara do século IX d.C, exerceu muita influência sobre a espiritualidade indiana; 5.Samkhya, fundada por Kapila; e o Yoga, escrita por Pantânjali cuja principal obra é o Yoga-sutra composta os três primeiros capítulos, nos séculos II a.C e o quarto talvez no século V d.C., são obras em prosa. O Yoga foi no Ocidente o mais difundido sistema filosófico. Estas escolas são provenientes de uma reforma do Hinduísmo promovido contra a casta brahmanica seguidora dos Vedas do século VI a.C.

¹² Tomamos como exemplo o artigo publicado na revista Veja, de 26 de junho de 2006, p.66.

encontra também na música, assim como na dança, às vezes mesclada aos ritmos brasileiros. Observamos na meditação oriental e nos rituais um novo costume. Este crescente mercado consumidor dessa tradição, a remodela e a ressignifica.

A pesquisa de campo concentrou-se na capital paulista e em seus arredores. Nossa opção se deve ao fato de a cidade ser uma das metrópoles de maior expressão no Brasil e na América Latina. Consideramos o fenômeno da penetração dos rituais hinduístas numa cidade do porte de São Paulo, uma das manifestações do pluralismo religioso presentes no mundo contemporâneo.

Destacamos a existência de uma grande variedade de aspectos culturais indígenas, africanas e portuguesas que muito colaboraram para formar o atual panorama religioso do Brasil.

Muitas vertentes religiosas hinduístas atuantes no nosso meio se esforçam por demonstrar que suas doutrinas são originais e tradicionais, porém, há um panorama similar ao dos movimentos e do pensamento originário da Nova Era.

¹³O Universo místico-esotérico impregnado de elementos orientais coincide com o que Françoise Champion definiu como *arranjos pessoais*, composições religiosas que cada um adota para compor uma bricolagem conforme suas necessidades. ¹⁴ A adoção dos rituais hinduístas faz parte dessa composição. O levantamento de dados e a coleta de depoimentos apontam uma adaptação da tradição hinduísta nestes rituais.

Ao estudar uma cultura tão distante da nossa, lembramos de Tzvetan Todorov que se refere ao outro da seguinte maneira: "Pode-se descobrir o outro em si mesmo e perceber que não se é uma substância homogênea, é radicalmente diferente de tudo o que não é si mesmo; eu, é um outro. Mas cada um dos outros é um eu também, sujeito como eu".¹⁵

Entendemos que as práticas religiosas orientais no Brasil, em especial do Hinduísmo, não aparentam ser um fenômeno isolado, e obedecem a numerosas

¹³ A *Nova Era* é tida como uma subcultura do bem-estar e do desenvolvimento pessoal e individual por meios diferentes aos tradicionais.

¹⁴ CHAMPION F., Religiosidade flutuante, eclectismo e sincretismos, In: Jean DELUMEAU, *As grandes religiões do mundo*, s/d p. 705.

¹⁵ TODOROV T., *A conquista da América*. 1996, p. 3.

causas dentre as quais destacamos o processo de globalização, uma possível decepção com as religiões tradicionais judaico-cristãs, o secularismo, e a tendência natural do povo brasileiro de se aproximar dos ritos como uma linguagem particular de expressar o sagrado.

Pretendemos inicialmente, dar um panorama da tradição védica, fonte e origem do Hinduísmo. No último item desse primeiro capítulo analisamos a compreensão do Hinduísmo no mundo globalizado, porque se trata daquele que se expandiu pelo Ocidente. No capítulo seguinte, abordamos os caminhos que o mundo contemporâneo seguiu para trazer até nós os conhecimentos da tradição oriental, verificando que o auge desses novos paradigmas se deram no ápice da Contracultura. Consideramos também nesse capítulo a importância que a globalização trouxe para que as trocas culturais fossem possíveis.

No terceiro capítulo propomos analisar os rituais realizados pelos grupos escolhidos. No quarto, trazemos alguns questionamentos que visam à compreensão de alguns pontos que consideramos críticos. Por fim, no último capítulo pretendemos responder à questão principal que estimulou este trabalho, em que medida esses rituais hinduístas são parte de uma tradição que nos chegou, ou se se trata de uma re-significação no mundo Ocidental ao oferecer mais uma possibilidade ao vasto mundo da religiosidade paulistana.

CAPÍTULO I - A TRADIÇÃO QUE VEM DA ÍNDIA: O HINDUÍSMO

Os caminhos que conduziram à construção da tradição que serviu de base ao Hinduísmo, fundamentam-se dentro de um amplo panorama social além de religioso, que justificam o uso dos rituais. Percorremos também aquelas vias que alicerçaram o Hinduísmo moderno por acreditar, que foram estas as formas que mais se expandiram pelo Ocidente principalmente do Hinduísmo Reformado dos séculos XIX e XX.

O termo Hinduísmo foi adotado no século XIX como conseqüência do contato que a Índia teve com os europeus, e da necessidade de dar um nome diferenciado para a realidade religiosa do subcontinente indiano, na qual se percebiam variadas formas de cultos e crenças¹⁶. Historicamente falando, o Hinduísmo surge como uma síntese que demora quase um milênio para se consolidar. Sua construção é complexa já que compreende vários elementos heterogêneos; sua compreensão ultrapassa os limites da religião, e perfaz um recorrido que engloba desde os atos comuns da vida diária, ao encontro de um universo mais limitado como a literatura e a arte. A expressão adequada a essa forma de vida é *Sanathama Dharma*, o que equivale a dizer, Lei Eterna.

As religiões Hinduístas têm originado numerosas seitas, várias formas de olhar para um mesmo objeto. Estabeleceu as bases para outras correntes filosóficas e inclusive, outras religiões como o Budismo e o Jainismo surgidos no século VI a.C. Muitas variações dentro do Hinduísmo, que vão do politeísmo ao monoteísmo, tem convivido durante séculos não somente na Índia como em outras regiões do mundo. F. Challaye¹⁷, assim como outros historiadores distinguem uma Índia ortodoxa ou relativamente ortodoxa mantida pelos *brahmanes* desde o século VI a C, o Brahamanismo e uma anterior sustentada pelo culto védico e ainda uma religião posterior, o Hinduísmo propriamente dito. Embora seja no *Brahmanismo* onde mais se vivenciaram profundamente os rituais, o nosso propósito é estudar alguns dos que sobreviveram até hoje no Hinduísmo.

¹⁶ VELASCO, D. de F. *Hombres, ritos y dioses*, 1995, p.395.

¹⁷ CHALLAYE F. *As grandes religiões*, cap.IV, s/d, p.60.

Guenón define: “São hindus todos aqueles que aderirem a uma mesma tradição, a condição bem entendida de que estejam devidamente qualificados para poder-se aderir a esta real e efetivamente, e não de uma forma simplesmente irreal e ilusória; na são hindus aqueles que pela razão que seja não participarem desta mesma tradição”.¹⁸

Certos elementos da religião védica são idênticos ou muito parecidos com os da religião iraniana e a religião indo-européia do reino de Mitanni, estabelecidas na mesma época na Ásia Ocidental.

Concordamos com Joseph Campbell quando afirma que: “existe hoje uma idéia patriótica compartilhada por muitos eruditos indianos, de uma sabedoria eterna, revelada unicamente na Índia, em uma época indefinível, talvez antes do dilúvio¹⁹, quando ” o pensamento se originava por outros métodos que não os de nosso raciocínio lógico e expressão “; e os Vedas vieram à existência como ” uma palavra divina que surgiu vibrando do infinito para a recepção interna do homem que já se tinha preparado para o conhecimento impessoal “. Concordamos, ainda, com Joseph Campbell quando cita o professor Gordon Childe, ao referir-se ao Beluchistão, (hoje esta região é uma das trinta províncias do Irã, localizada ao sudeste do país na fronteira com o Paquistão e o Afeganistão), que algum dia deve ter feito parte de um *continuum cultural* estendendo-se do Tigris até o Indo²⁰.

1.1. Os princípios na cultura védica

Podemos buscar as raízes do Hinduísmo na fusão de elementos de uma cultura já estabelecida na Índia, chamada dravidiana e uma que chegou depois, a dos arianos, classificados como indo-europeus, provenientes das regiões do mar Báltico e da Rússia Meridional e que ocuparam o Irã até chegarem na Índia.²¹

¹⁸ GUENÓN,R. *Introducción general a las doctrinas Hindús*, p. 76.

¹⁹ CAMPBELL, J . *As Máscaras de Deus*, 1994, p.123. APUD Dr. Ananda K. Coomaraswamy, “ A crença de que a vida teve origem na água”, era comum a muitas culturas antigas e deve ter surgido muito naturalmente em casos de povos como os do Nilo, Eufrates,ou vale do Indo, entre os quais a água , em forma de chuvas sazonais ou de inundações constantes , era o pré – requisito mais óbvio para o crescimento vegetativo.”

²⁰ *Ibidem*, p.124.

²¹ São identificados também no Decan ao sul da Índia, outros povos que tem semelhanças aos australianos autóctones, os mundas.

A presença do homem na Índia²² se remonta à época pré-histórica. Segundo estudos arqueológicos, os assentamentos humanos de maior antiguidade na Índia atual, localizaram-se no vale do Indo. Seguiu-se um período de evolução lenta que resultou nas civilizações do Vale do Indo, a cultura de Harappa, no Punjab, às margens do rio Ravi, e de Mohenjo-Daro, no sul, em Sind, às margens do Indo, do qual o rio Ravi é afluente. Ambas tinham entre si aproximadamente 640 quilômetros de distância e, cronologicamente, situaram-se em aproximadamente 2.500 a.C.

Nas cidades de Harappa e Mohenjo-Daro as ruas eram planejadas; as casas de tijolos tinham banheiros cuja água podia ser drenada por canos que corriam sob as ruas. A importância que estes povos davam à água sugere uma grande preocupação com a higiene e o saneamento. Talvez houvesse uma crença implícita no ritual de purificação através desta.

Foram descobertos também vestígios de alguns símbolos e cultos que permanecem até hoje nas religiões da Índia tais como numerosos objetos fálicos encontrados no vale do Indo, representações de *lingam* e *yoní*²³ e outros objetos sagrados que correspondem ao de muitas religiões indianas contemporâneas. Chamam à atenção às descobertas de sinetes com figuras humanas em postura de yoga, estatuetas que lembram o deus *Shiva*,²⁴ e o culto à deusa-mãe, provavelmente *Kali* ou *Durga*²⁵.

A civilização do vale do Indo decaiu no segundo milênio a.C e tinha-se desintegrado quase totalmente quando os arianos²⁶ emigraram a Índia pelos desfiladeiros das montanhas do Hindu Kush, por volta de 1.500 a.C.²⁷ Dedicados em princípio às atividades de criação de gado, os arianos aos poucos se foram organizando em comunidades de aldeias e praticando a agricultura. Talvez fossem os povos que a literatura védica posterior descreveu como “os povos da cerâmica pintada de cinza”.

²² Neste período a Índia compreende o atual Nepal, Bangladesh, e o Paquistão assim como outras áreas subjacentes ao atual território.

²³ Respectivamente o símbolo sexual masculino e feminino.

²⁴ Shiva, o deus destruidor da mitologia indiana.

²⁵ Kali ou Durga, esposa de Shiva, protetora e belicosa.

²⁶ Estes povos denominados também de indo-europeus ou indo- germânicos falavam línguas que tinham o mesmo idioma- raiz nos quais foram-se fixando também relações no plano material.

²⁷ THAPAR, R. *Historia de la Índia*, 2001, v. I, p. 36.

Durante este período, começaram as práticas de memorização dos hinos do Rig Veda²⁸. Para alguns estudiosos, a chegada dos arianos representou um retrocesso, porque a cultura de Harappa era muito mais desenvolvida. Quando estes chegaram à Índia, encontravam-se numa fase pré-urbana de sistemas agrários e eram nômades. A medida de valor entre eles era a vaca e muitas expressões lingüísticas estavam associadas ao gado. Provavelmente a vaca fosse considerada um animal totêmico, um objeto de veneração, e comê-la seria um tabu.²⁹ Outras concepções foram se desenvolvendo com os arianos: o rei védico que no princípio era um chefe militar foi adquirindo atributos religiosos e passou a ser auxiliado por sacerdotes. Uma rede de astrólogos, conselheiros, espiões, comandantes militares e aurigas³⁰, mordomos, tesoureiros e superintendentes de dados³¹ completavam seu séquito.

Foram os arianos que introduziram o sistema de castas³² que permanece na Índia há mais de 2.000 anos, apesar dos esforços para desintegrá-lo.

A unidade da sociedade era a família patriarcal. O nascimento de um filho varão era bem-vindo, pois a presença de um filho homem era essencial para algumas cerimônias importantes.

Embora a cultura de Harappa conhecesse a escrita, os arianos somente a utilizariam muito tempo depois. Suas idéias religiosas estavam associadas a um animismo primitivo. As forças da natureza eram representadas como deuses masculinos e femininos. Alguns deles: *Indra*, deus da força, guerreiro, do raio e fazedor de chuvas; *Agni*, deus do fogo, reinava no lar, solicitado nos casamentos e em qualquer cerimônia de fogo; *Surya*, o Sol; *Savitri*, a quem era dedicado o

²⁸ Os hinos mais antigos da literatura védica.

²⁹ Ibidem, p. 46.

³⁰ Condutores dos carros de guerra.

³¹ Função daquele que controlava o jogo dos dados, jogo muito apreciado entre os arianos.

³² De acordo com o código de *Manu*, o *Prajapati* (Deus), produziu, o mundo, homens, animais e plantas em quatro categorias ou castas, cada uma delas com qualidades e tarefas a serem desenvolvidas. Das partes do seu corpo teriam surgido: da boca, os *brahmanas*, aos quais lhes conferia falar a palavra divina. Responsáveis de salvaguardar o conhecimento védico, conselheiros e orientadores espirituais; os *Ksatryas* teriam surgido dos braços, são os guerreiros, protegem o povo, devem também ser administradores, estudar os textos sagrados e realizar sacrifícios; os *vayshas*, saídos das coxas do *Prajapati*, guardam as propriedades, a produção agrícola, emprestam dinheiro, comercializam. Devem realizar sacrifícios; os *Sudras*, saídos dos pés, formam a classe inferior, devem respeitar as outras classes e servi-lhes, são os operários. Todas elas compõem a quatro *Varnas*, que representam as categorias sociais, o sistema é denominado *Varshama-dharma*. Esta tradição estaria baseada no *Karma* e sofreram influência dos *Gunas* (as forças modeladoras, *satwas*, *rajas* e *tamas*).

mantra *Gayatri*; *Soma*, o deus da bebida embriagante; *Varuna*, o deus patriarcal; e *Yama* o deus da morte.

O centro da vida religiosa ariana era o sacrifício, não somente o sacrifício doméstico como também aqueles nos quais participava a aldeia inteira e, portanto, público. Na prática do sacrifício, os sacerdotes foram adquirindo mais e mais importância, daí surgindo o termo *brahmana*, aplicado a quem detinha o poder mágico de *Brahma*, identificado por alguns autores como *Mana*³³. Os rituais de sacrifício aumentaram o poder dos sacerdotes, assim como estimularam os conhecimentos de matemática, já que eram necessários cálculos exatos para posicionar os elementos indispensáveis ao ritual, durante a cerimônia. O sacrifício de animais aumentou os conhecimentos de anatomia³⁴. Outros conhecimentos associados à religião dos arianos foram encontrados na literatura védica.

1.2 A literatura sagrada dos Vedas:

O período védico é considerado pelos religiosos, como uma época gloriosa, de um passado distante, em que os deuses se misturavam aos homens, e que estes, por sua vez, eram os heróis e defensores da justiça³⁵. Muitas instituições da vida hinduísta têm sua origem nestes princípios arianos. Entre outras coisas, os arianos introduziram o *sânscrito*³⁶, língua em que foram escritos os Vedas e como dissemos anteriormente consolidaram o conceito das castas.

A palavra “*Veda*” significa conhecimento, revelação. É um termo *sânscrito* que equivale ao de ciência. Os livros que compõem os Vedas são considerados autoridade, verdades no campo do conhecimento. O conjunto dos livros védicos é denominado também de *shastras* - livros revelados - e oferecem explicações seja de cunho material, quanto espiritual.

³³ THAPAR R., *Historia de la Índia*, 2001, v. I, p. 59-60.

³⁴ *Ibidem*, p. 60.

³⁵ THAPAR R., *Historia de la Índia*. v.I, 2001, p.64.

³⁶ Sânscrito.<http://pt.wikipedia.org/wiki/sânscrito>. É a língua clássica da antiga Índia que influenciou os idiomas Ocidentais. No século XVI, humanistas ingleses e italianos apontaram semelhanças entre dialetos indianos e persas com possíveis correspondentes em grego e em latim. A idéia de uma fonte comum teve origem no século XVIII e XIX. É uma das línguas mais antigas da família indo-européia e uma das línguas oficiais da Índia. Divide-se em sânscrito védico e sânscrito clássico. Surge cerca de 1500 a .C e desempenha um papel muito importante na literatura religiosa e histórica da Índia. É também ancestral de outras línguas também utilizadas na Índia denominadas Pracríticas a oeste do Decan, (sindhí, gujarati, hindi), a leste do Decan, (bengali, bihari, vriya), ao sul do Decan, (mahathi). Há ainda vestígios de uma língua anterior ao sânscrito que seria sua predecessora, o *brahmi*.

A literatura védica é ampla e variada, contendo diversos assuntos, desde mundanos, até religiosos. De acordo com alguns estudiosos, foram escritos há cerca de 5.000 anos, mas, segundo outros acreditam, por tratar-se de um conhecimento transcendental, não existe uma data precisa para seu aparecimento. No *Bhagavad Gita* está escrito: (15:15), “Através de todos os Vedas, é a mim que se deve conhecer. Na verdade sou o compilador do *Vedanta* e sou aquele que conhece os *Vedas*”.³⁷ As escrituras definem a si próprias como *apauruseya*, as que procedem do Supremo.

O conhecimento dos *Vedas* tem como único propósito conhecer o Eterno e viver de acordo com o estabelecido pelas leis divinas³⁸.

A sabedoria dos *Vedas* teria chegado a alguns sábios, os *rishis* encabeçados por *Vyasadeva*³⁹, que os teria documentado por escrito.

Segundo o físico indiano-americano Subhash Kak, os *rishis* eram os sábios videntes que obtinham a inspiração espiritual que fundamentava o sacrifício. Estes sábios observaram que havia correspondências sutis entre o macro e o microcosmo, que se traduziam em expressões matemáticas, cuja simetria permitia a existência de um sistema ritual altamente desenvolvido e preciso⁴⁰. O conhecimento védico teria sido estabelecido por essas pessoas especiais, meditadores videntes recolhidos às florestas e às montanhas, e aos quais esse conhecimento foi “revelado”. São denominados “*Maharishis*” e cada um deles teria dado origem a uma família de sábios.⁴¹

O termo *Samhita* denomina os hinos védicos primitivos. Há ainda a palavra *vidya*, para designar o conhecimento e a contrária *avidya*, que significa ignorância.

³⁷ *Bhagavad gita como ele é*, 1995, p. 697.

³⁸ “Estou situado no coração de todos e é de Mim que vêm a lembrança, o conhecimento e o esquecimento. Através de todos os Vedas é a mim que se deve conhecer. Na verdade, sou o compilador do *Vedānta*, e sou aquele que conhece os Vedas.” O *Bhagavad Gita* como ele é, p. 15.

³⁹ *Vyasadeva (Krsna Dvaipayana Vyasa)* – a encarnação literária de deus, que segundo a historiografia védica ortodoxa, compilou os Vedas e os Upanixades e escreveu os Vedantas-sutras, os Puranas e o Mahabaratha.

⁴⁰ KARK, S. apud KUPFER P. A cosmovisão hindu. [Http:// www.yoga.pro.br/artigos.php](http://www.yoga.pro.br/artigos.php), 2005.

⁴¹ O *Samhita* do Rig veda escrito após o século XIII a C.os reveladores do conhecimento védico foram: *Vishvamitra, Vamaveda, Atni, Bharadvaja, Vaisishtha, Kanva, Jamadagni*. Os *rishis* que compõem as famílias dos *Maharishis* podem ser homens ou mulheres. *Apala, Indrami, Goshala, Lashi, Paulomi* que correspondem a nomes de mulheres.

Os indólogos modernos dizem não existir um corpo consistente de conhecimento entre os diferentes livros, senão uma acumulação de textos de diferentes épocas. Isto supõe que foram escritos por um longo período a partir da imigração ariana para a Índia.

1.2.1.O Sruti

Os primeiros quatro *Vedas* são considerados *shrutis*, o que literalmente quer dizer *aquilo que é ouvido*. Estão estruturados em quatro coleções chamadas *samhita*, embora a mensagem seja considerada única. Inicialmente foram transmitidos oralmente de mestre a discípulo.

Segundo alguns estudiosos, somente os quatro primeiros *Vedas* são autênticos sendo os mais antigos. Outros autores têm diferentes opiniões e consideram os outros textos védicos também genuínos, com a mesma finalidade e conclusão.

Os quatro *Vedas* que se consideram básicos são:

- O *Rig Veda*: significa ritual, ou *Veda do louvor*. Contém hinos e *mantras* em adoração aos semideuses. São umas séries de invocações em que se destacam as realizadas a Agni,(o fogo), Soma,(a bebida embriagante), Ushas (a aurora), Vayu, (o vento), Surya, (o sol),e aos deuses Mitra, Varuna e Indra.
- O *Yagur Veda*: é o veda dos sacrifícios e cerimoniais. Descreve como realizar rituais. Era o instrumento do sacerdote *adhvaryu* (executante). É dividido em outros dois, *Yagur Veda negro* e *Yagur Veda Branco*. O *Yagur Veda negro* apresenta entre suas preces uma série de explicações e comentários que dificultam seu entendimento.. O *Yagur Veda branco* é mais fácil de ser lido. Conhecido como o *Veda das fórmulas*.
- O *Sama Veda*: é o veda dos cânticos. Contém estritas regras de como cantar os *mantras* de acordo com sua fonética. Eram usados pelo sacerdote Udgatar (cantor) para acompanhar a oferenda de soma.
- O *Atharva Veda*: é o veda das orações, cânticos e rituais, utilizado principalmente para a cura das doenças, isto é, o *Ayurveda* (o *Veda da*

vida longa). Inclui especulações mais recentes e de origem popular, por isso algumas escolas não o aceitaram como revelado. Era utilizado por sacerdotes de dois tipos: os curandeiros (*atharvan*) e os feiticeiros (*angira*).

Os *Brahmanas* são as explicações em prosa dos métodos para usar os *mantras* e *yajnas* comentando também o significado do ritual sacrificial. Por volta do século IX ou VIII a.C, os *brahmanas*, extraíram dos *Vedas* clássicos uma religião destinada a justificar o lugar ocupado por eles num primeiro plano da sociedade. Este *Brahmanas* devem ter sido compostos entre 800 a 600 a C. Compreendem tratados que se reportam ao sacrifício, justificam seus pormenores, quer pela etimologia ou pelas lendas sobre os deuses. Seriam os marcos iniciais do pensamento místico especulativo.

Os *Aranyacas* são tidos como os livros místicos da floresta, expressam interpretações filosóficas sobre os rituais.

O estudo dos *Upanishads* conhecido como *Vedanta*, significa a conclusão dos *Vedas*. Está focalizado no ensinamento da meta espiritual suprema e é considerado como o grau mais alto de educação védica, tradicionalmente reservado para os *sannyasis* (renunciantes). É uma coleção de 108 dissertações filosóficas. O *Vedanta Sutra* consiste em 560 aforismos (*sutras*)⁴² condensados que apresentam o método para se compreender o conhecimento védico. Um mínimo de palavras deve expressar a essência de todo esse conhecimento.

O propósito da compilação dos *Vedas* e de sua divisão em quatro compêndios por *Vyasadeva* está ligado ao advento da era de *Kali Yuga* (Era de Ferro), que segundo os *Vedas* começou há 5.000 anos.

Esta última pertence a um ciclo de quatro eras sendo a mais degradada. Nela diminuiria a religiosidade, aumentaria o materialismo e o ateísmo e desapareceria a capacidade espiritual. Por isso a necessidade de documentar os ensinamentos de forma escrita para não se perderem já que o ser humano se tornaria menos inteligente, incapaz de seguir regras e regulamentos.

⁴² Sutras são textos pequenos, resumidos e tratam de assuntos diversos como gramática, astronomia, astrologia, geometria, arquitetura, leis éticas e sociais.

1.2.2.O Smriti

Dentro da literatura védica suplementar chamada *smriti*, os Puranas são antologias que contém mitos cosmogônicos, lendas e saber teológico. O *Ramayana*, e o Mahabaratha são considerados como Puranas. Provavelmente ambas surgiram entre o 400 a.C e o 400 d.C. Existem 18 *Puranas*, 18 *sub-puranas*, o mais conhecido é o *Bhagavata Purana* o *Srimad Bhagavatam*. Este último aborda principalmente aspectos da vida de Krishna, enfatizando detalhes ligados à devoção. Eles expressam o conhecimento védico sob a forma de histórias, os *Itihasas*.⁴³

O *Bhagavad-Gita* faz parte do *Mahabharata*. É o livro onde se descreve um importantíssimo diálogo entre *Krishna* e *Arjuna*, uma hora antes da batalha de *Kurukshetra* o que de acordo com a cronologia védica, teria ocorrido há 5.000 anos. O *Bhagavad-Gita* serve de base para toda a ética hinduísta. Nele se descrevem alguns dos rituais védicos. O texto é composto por 700 versos divididos em 18 capítulos. No diálogo, *Krishna* (Deus) explicaria a *Arjuna* (os humanos) o verdadeiro propósito da humanidade e seus deveres para com Ele.

Voltaremos a descrever o conteúdo do *Bhagavad-Gita*, quando apresentarmos as características do movimento *Hare Krishna* e da *Bakti Yoga*.

Podemos mencionar ainda textos mais recentes, os *Tantras*, escritos após o século VI d.C. Entre estes se distinguem aqueles considerados *Vishnuístas* ditos *Samhitas* ou coletâneas, e os *Shivaístas* denominados *Ágamas* ou *Tradições*, assim como os *Tantras* propriamente ditos. Estes últimos guardam uma forte relação com as seitas chamadas Shaktas. São consideradas revelações diretas do deus Shiva. Contém rituais diversos para o desenvolvimento das chamadas faculdades paranormais (Siddhis), a obtenção de certos estados alterados de consciência e elementos éticos e doutrinários⁴⁴. O germe desses tantras estaria localizado no Atharva veda. São cheios de aspectos esotéricos e ocultos, contém formulas mágicas e expressões iniciáticas transmitidas de mestre a discípulo. Nestes aparecem também aspectos eróticos e são exaltadas às atitudes consideradas ilícitas tanto quanto os rituais macabros

⁴³ VEDAS, Wikipédia. <http://pt.wikipedia.org/wiki/veda>. Estão também incluídos dentro dos Smriti, os Tantras, Sutras, Stotras, Ashtavakra Gita, Gherand Samhita, Gita Govinda, e Hata Yoga Pradipika, 2005.

⁴⁴ Entre eles, *Brahma*, *Vishnu*, *Ishvara*.

realizados com o objetivo de destruir o ego de quem os pratica. Denominam-se práticas de esquerda. Existem também outras formas pertencentes a “via da direita”. No Tantrismo se cultuam os aspectos femininos das deidades dando ênfase ao culto da deusa-mãe com seus diversos nomes: Kali, Durga, Parvati, Uma, Sati, Padma, Cândi, aparentando familiaridade com concepções de cultos pré-históricos do neolítico. Estes cultos às manifestações femininas ficaram ocultos durante o período védico em que se dava preponderância aos deuses masculinos arianos. Nos últimos Upanishads aparecem as esposas dos deuses encaradas como as manifestações femininas de seus respectivos maridos. (Shakti)

1.3 – A religião dos Vedas

O Hinduísmo é considerado por muitos, uma religião politeísta, principalmente pelo julgamento feito pelos europeus do século XIX. Os Vedas, porém, se referem a um Deus Supremo ao qual se atribuem diferentes nomes.⁴⁵

Porém os hindus afirmam que se trata de monoteísmo já que todas as formas passariam a ser manifestações de um Deus único.

Max F. Muller criou o termo Henoteísmo⁴⁶ para designar um tipo de religião a qual ao se invocar um deus este passaria a ser o Supremo, a semelhança do Hinduísmo.

No princípio, o culto religioso seguia formas arianas e não arianas, como foi explicado anteriormente. No hinduísmo atual encontram-se aspectos de ambas conformações, às vezes separadas, outras vezes sutilmente misturadas. O povo de Harappa adorava símbolos da fertilidade: a deusa-mãe, o touro, as árvores sagradas. O sistema de crenças *brahmânico*, fundamentado nos *Vedas*, revela arquétipos dos arianos. O fogo era considerado o mais puro dos cinco elementos⁴⁷ e também o intermediário entre os deuses e os homens. O céu

⁴⁵ *Indra*, em outras ocasiões, *Prajapati*. No *Atharva veda*, *Brahma* é o deus único.

⁴⁶ Segundo a wikipédia, o termo henoteísmo, é a crença religiosa que postula a existência de várias divindades, mas que atribui a criação a uma divindade suprema, que seria objeto de culto. Outras crenças henoteístas são aquelas mais próximas do monoteísmo que afirma existir um único deus que, no entanto se manifesta e interage com os seres humanos em uma variedade de aspectos ou avatares de variadas aparências e personalidades como no Hinduísmo.

⁴⁷ Os outros elementos eram: água, terra, ar e éter.

estava também representado por seres celestiais, os *gandharvas*,⁴⁸ os *apsaras*⁴⁹, os *maruts*⁵⁰ e os *vishvedevas*⁵¹, que segundo se acreditava, poder-se-iam multiplicar.

Havia hinos dedicados ao poder que residia nos instrumentos do sacrifício, em especial ao altar, às pedras para exprimir as plantas de soma, ao arado, às armas de guerra, ao tambor, ao morteiro e à mão do morteiro.⁵²

Segundo, o físico indiano-americano Subhash Kak, os *rishis* eram os sábios videntes que obtinham a inspiração espiritual fundamentando o sacrifício. Estes sábios observaram que havia correspondências sutis entre o macro e o microcosmo, que se traduziam em expressões matemáticas, cuja simetria permitia a existência de um sistema ritual altamente desenvolvido e preciso⁵³. A essas pessoas especiais, meditadores e videntes recolhidos às florestas e às montanhas, se lhes atribui ter sido “revelado” todo o conhecimento. São denominados “Maharishis” e cada um deles teria dado origem a uma família de sábios.

No hino do *Purusha-Shukta* encontramos uma descrição em que o universo é criado a partir de um sacrifício que os *brahmanas* deviam explicar. Neste hino, o Uno aparece como um gigante primordial, protótipo da vítima de todos os sacrifícios⁵⁴. Os *brahmanas* interpretam no *Purusha-Sukta* um esquema ritual em que os esforços tendem a reconstituição do *Prajapati*⁵⁵. O texto afirma que

⁴⁸ Os cantores e músicos celestiais entre os semideuses.

⁴⁹ Espíritos femininos da natureza, habitantes das águas, considerados muito talentosos. Adoram a dança.

⁵⁰ São as deidades das tempestades dos tempos védicos. Filhos de Rudra e dos assistentes de Indra, eram agressivos e violentos.

⁵¹ Senhor do Universo. O termo é usado para se referir aos vários deuses.

⁵² THAPAR R, Historia de la India, V. 1, 2001, p. 59

⁵³ S. KARK apud P.KUPFER, A cosmo-visão hindu. [http:// www.yoga.pro.br/artigos.php](http://www.yoga.pro.br/artigos.php), 2005.

⁵⁴ “Com milhares de cabeças, o *Purusha*, em quantas partes o dividiram? Milhares de olhos, milhares de pés, que foi de sua boca, dos seus braços, e pervadindo a terra por todos os lados, que foi de suas coxas, como se chamaram seus pés? Enche o espaço na largura de dez dedos. sacerdote foi sua boca. O *Purusha* é todo o que hoje é, seus braços converteram-se no guerreiro, o que foi e será, suas coxas foram os lavradores, é senhor também da imortalidade de seus pés nasceram os serventes. Da qual, devido ao alimento, ele está por cima. A lua nasceu do seu pensamento.(...) As sua boca *Indra e Agni*. *Viraj* nasceu dele. De seu hálito *Vayu* (...) e de *Viraj* nasceu o homem. Ao sacrifício, sacrificaram os deuses, o sacrifício. Tão pronto como nasceu foi maior que a terra tais foram as primeiras leis por trás e por diante (...) A força de tal fato alcançou os céus, sobre o florido tapete sacrificial espargiram. Onde estão os seres antigos.” Hino *Rigvédico*. [http:// www.yoga.pro.br/artigos](http://www.yoga.pro.br/artigos)

Homem, nascido no princípio: sacrificaram-lhe os deuses e também os *Sádhyas* e os sábios poetas. Deste sacrifício de oferenda total, formou-se o leite coalhado e a manteiga, dali fizeram-se os animais regidos pelo vento, os das florestas e das aldeias. Deste sacrifício de oferenda total, nasceram estrofes e melodias, também nasceram os ritmos, e as palavras rituais (...) Quando imolaram o homem.

⁵⁵ Senhor das criaturas. O pai dos deuses.

quando o *Prajapati* terminou de emitir as criaturas ficou muito cansado a ponto de não poder mais se levantar e que foi através de um sacrifício, o Agnihotra, que os brahmanas o curaram e juntaram seus pedaços⁵⁶. Neste sacrifício, sustenta-se à tradição védica e as correlações do equilíbrio das forças entre a natureza e o homem.

O corpo humano é segundo esta explicação, uma imagem do cosmos. Mediante isso, *Prajapati* originou o mundo e para manter essa ordem o homem deve emular ao fogo a oferenda de *mantras*.

Parece-nos importante mencionar algumas características da religião nos Vedas, pois isto determina as estruturas em que apareceram os rituais.

1.4 - O ritual de fogo como expressão sagrada

Affluence and abundance are our natural state.
We just need to restore the memory of what we
already know.

Dr. Deepak Chopra⁵⁷

O ritual hinduísta obedecia a um imperativo social, observando-se não somente a casta a qual se pertencia, como também respeitando a fase da vida humana pela qual se estava passando. Na sociedade védica as pessoas passavam por fases distintas, desde o momento da concepção, até sua morte.⁵⁸ Tais passagens obedeciam a um padrão, que envolvia uma situação preparatória, pré-liminar, até o momento em que o ritual colocava os envolvidos numa situação de liminaridade frente à vida social cotidiana, passando a uma fase de reintegração chamada pós-liminaridade.⁵⁹ Na atualidade é muito difícil afirmar que o ritual ortodoxo védico ainda exista na própria Índia. Mas ainda sobrevive de forma mais concisa nas aldeias e de maneiras mais sintetizadas dentro das grandes metrópoles indianas.⁶⁰ O comportamento da casta dos brahmanas era

⁵⁶ TERRIN A. N. , *O rito*, 2004, p. 204.

⁵⁷ “Afluência e abundância são nosso estado natural. Precisamos restaurar a memória do que sempre conhecemos.” (A tradução é nossa).

⁵⁸ Estas fases já estavam mencionadas no código de Manu: a criança, a fase do bramacharya, (segundo nascimento em que o jovem recebia um nome espiritual e se colocava nas mãos de um mestre), fase de grihastra, onde o jovem poderia casar-se, e a fase do vanaprastha, velhice , poderia ainda passar a fase seguinte, sannyasin (renunciado).

⁵⁹ SILVA, M., 1999, p.33.

⁶⁰ Cf *Hinduism*, 1995.

seguido e adaptado às outras castas. Enrique R. Gamboa, diz que, dois tipos de pessoas praticam rituais: as que seguem a senda do desejo e as que seguem a primeira etapa da *Bakti yoga*. Os primeiros se realizam com o intuito de corrigir uma má ação ou de obter um desejo material, curar uma doença, evitar a infelicidade devendo ser realizados de acordo com os *Shastras*.⁶¹ Os segundos se realizam com o objetivo de purificar à mente e adquirir amor por Deus.

Os arianos davam uma grande importância ao sacrifício. Segundo a crença, os deuses tiravam suas forças do sacrifício, considerado “a carruagem dos deuses”. O sacrifício doméstico se limitava às pequenas oblações, porém existiam sacrifícios maiores dos quais participava a aldeia inteira. Sendo o espírito guerreiro a marca principal deste povo, não é de estranhar que sempre se oferecessem sacrifícios para atrair a boa vontade dos deuses para ganhar as contendidas.

As origens dos rituais se encontram nos textos *Brahmanas*, de cada Veda. Trata-se de verdadeiros manuais com orientações a ser seguida pelos sacerdotes durante os rituais. Sua função era manter a ordem social e preservar o *dharma*, o *bathil* em ação, ou seja, manter o modo de vida pré-estabelecido na vida cotidiana (*artha*). Em suma, manter a tradição. O termo para o ritual é também o de *Samskara*.

Cabe assinalar que quando os hinduístas realizam os *samskaras* aceitam submeter-se ao poder superior do *dharma*, consentindo que estes lhes moldem a personalidade⁶². Os rituais são o meio pelo qual a tradição se faz sentir. À medida que o corpo vai-se submetendo a uma série de alterações biológicas, como nascimento, puberdade e morte, os *samskaras* marcam essas passagens através de rituais específicos da tradição o que determinaria esse novo estado. Os *samskaras* só fazem jus aos homens, os *Dharma Shastras* se referem apenas a ritos de passagem masculinos. Na Índia, as mulheres passam por cerimônias que se encontram atreladas a tradições orais e ao folclore de cada região, conhecidas como *lamika*.

⁶¹GAMBOA, E. R., 2004, p. 92.

Dentro da literatura considerada *smirti*,⁶³ distinguem-se os rituais diários e obrigatórios, *nitya-karman*, e aqueles que são praticados com objetivos específicos, *kamya-karman*.

De um modo geral, os rituais se encontram integrados na categoria dos *Kalpa-sutra*, escritos por volta do século VI a.C. Divide-se em três partes: os *Srauta sutras*, destinados a descrever a forma como os *brahmanas* procediam nos sacrifícios; os *Dharma-Sutras*, preocupados com a retidão da conduta humana, e os *Grhya-Sutras*, que tratam dos rituais domésticos. Porém, existem as contribuições orais de cada região da Índia.⁶⁴ Os ritos de passagem das classes superiores na Índia podem ser considerados uma mistura de elementos folclóricos e eruditos.

Ao retomar os tempos védicos, verificamos que a realização dos rituais era uma espécie de garantia para propiciar o sucesso. A sua eficácia dependeria da perfeição com que seriam entoados os hinos e da disposição dos elementos no altar. Errar a pronúncia ou o modo de cantar era considerado perigoso, fato que poderia levar à morte dos envolvidos. O momento astrológico e astronômico adequado aos moldes preditos nas escrituras sagradas também tinha uma grande importância. Por isso a astrologia era um conhecimento muito importante. Para a celebração de um casamento eram tidas em consideração as cartas astrológicas de ambos noivos e só poderia ser realizado se ambos estivessem em harmonia.

O sacrifício tinha por outro lado, o propósito de liberar energias e inibições dos que deles participassem. A “liberação” poderia ser a consequência direta da ingestão de grandes quantidades de soma⁶⁵ o que levaria conseqüentemente a um estado alterado de consciência.

1.5. Os sacerdotes do ritual védico

O ritual védico era uma cerimônia que podia ocupar até quinze sacerdotes, cada um dos quais cumprindo uma determinada função e cujos honorários (*dakshina*), eram previamente estipulados.

⁶³ Literatura sagrada escrita.

⁶⁴ Estes seriam os regionalismos.

⁶⁵ Licor embriagante que alguns autores têm identificado como um cogumelo alucinógeno, *amanita muscaria*.

A cada ramo do Veda era associado um tipo de sacerdote, peculiar à sua respectiva especialidade. Da mesma forma que o ritual ariano evoluiu, assim também evoluiu o papel do sacerdote. Foram se afirmando como uma casta de privilegiados frente aos guerreiros e os vaishas. Sua produção literária, na maioria das vezes não escrita, os colocava no topo da hierarquia social.

Marvin Harris, antropólogo americano, ao estudar a sacralidade da vaca na Índia faz uma interessante observação : “Não restam dúvidas que num princípio a vida ritual brahmínica, assim como a dos druidas⁶⁶ e dos levitas⁶⁷, se centrava no sacrifício animal” e, “da mesma forma que seus equivalentes no Velho mundo, os brahmanas primitivos gozaram do monopólio de cumprir os rituais sem os quais não podia ingerir carne animal”. Por outro lado os Sutras nos dizem que originalmente os brahmanas eram uma casta que presidia os aspectos rituais dos festins patrocinados pelos governantes e os governos.

As oferendas serviram para enriquecer os sacerdotes. Através dos presentes recebidos, esta casta enriqueceu. Muitas vezes recebendo inclusive gado pelos seus serviços, o que para a época era muito dispendioso.

Aparentemente depois do ano 600 a C, houve uma grande dificuldade para manter o consumo de carne popular e assim como ocorria em outras regiões do Oriente, os sacerdotes se viram limitados de fazer sacrifícios de animais para que isso não levasse a um desequilíbrio econômico, já que esses animais eram muito mais necessários para abonar e arar a terra. Como consequência disso o consumo de carne se tornou um privilégio de sacerdotes e governantes já que os camponeses deveriam poupar seu gado para uso doméstico, tração, produção de leite e esterco. Para este autor, foi surgindo um distanciamento cada vez maior entre uma elite brahmínica comedora de carne, e um povo empobrecido sem direito a ela. Com isso se justificaria o advento de novas religiões a mediados do primeiro milênio a.C que se questionava a legitimidade de uma casta brahmínica e do sacrifício de animais.⁶⁸

⁶⁶ No contexto religioso, os druidas eram sacerdotes e sacerdotisas dedicados ao aspecto feminino da divindade. A palavra druida está associada ao aspecto sagrado de uma árvore, o carvalho.

⁶⁷ Os levitas eram sacerdotes do Tabernáculo entre os judeus.

⁶⁸ Cf. HARRIS, M. *Caníbales y reyes : los orígenes de la cultura*, 1996.

Por outro lado em certo momento que não se pode afirmar ainda, os brahmanas se tornaram grandes defensores do vegetarianismo. O que aparentemente é difícil ainda compreender é como à Índia a diferença de outros povos do Oriente se converteu num centro religioso que proibira o consumo de carne e inclusive venerava a vaca como símbolo de vida.⁶⁹ Este mesmo autor nos mostra algumas hipóteses que pretendem dar uma explicação e que estão expostas no seu livro.

De todos modos existira uma hierarquia funcional de cada sacerdote. O mais bem pago era o *brahmana*, que se limitava a vigiar o desenvolvimento da cerimônia, supervisionando e avisando dos possíveis erros ou acidentes. Uma outra função era determinada pelo *hotar*, que derramava os líquidos enquanto entoava os versos do *Rig Veda*. O *Udgatar* cantava, o *Samaveda* e o *Aadhvaryu* realizavam os gestos manuais (*mudras*), usando o *Yagurveda*. O Atharvan era o nome dado aos sacerdotes curandeiro do Atharva veda, e o Angira, nome dado aos sacerdotes-magos do Atharva Veda. Ainda era identificado o *purohita*, capelão real encarregado de realizar as operações para a proteção do rei e verificar o calendário ritualístico.

Apesar da complexidade das personagens, o mundo sacerdotal védico não criou uma estrutura rigorosa, assim como também não exigiu estruturas especiais para a realização dos sacrifícios. Qualquer espaço poderia ser um lugar consagrado cujo centro era ocupado pelo fogo sagrado.

A grandiosidade e importância das cerimônias podiam ser medidas pela quantidade dos oficiantes. Quando tratava-se de um sacrifício real costumavam participar muitos sacerdotes.

⁶⁹ Ibidem, p. 198.

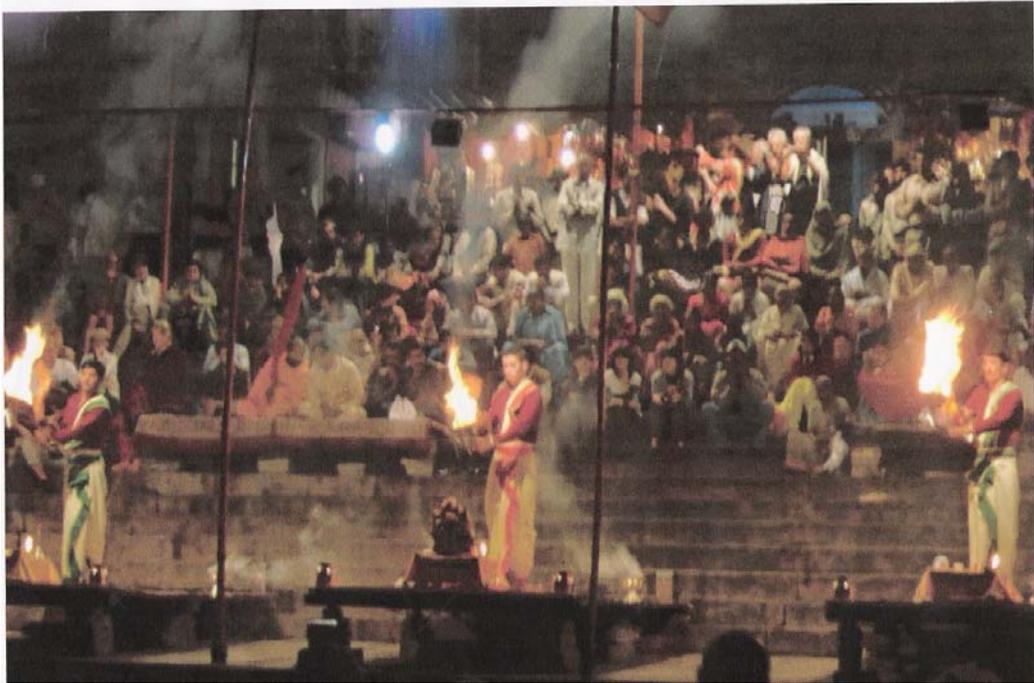


Fig. 2. Ritual de fogo às margens do rio Ganges.

1.6. Alguns rituais védicos

Os principais rituais realizados nos tempos védicos eram: o *Agnihotra* vespertino e matutino; o oferecimento de leite a *Agni*⁷⁰; os sacrifícios de plenilúnio e novilúnio realizados de acordo com as posições da lua e do sol. Quatro vezes ao ano eram realizados também os sacrifícios de solstício e dos equinócios.

Nos tempos védicos tinha uma grande importância o sacrifício do Soma, que poderia ter a duração de um dia (*agnistoma*) chegando a um ano (*rajasuya*). Muito particular e especial era ainda o *ashamedha*, (sacrifício do cavalo)⁷¹ e ainda mais raro, o *purushamedha*, que consistia no sacrifício de um homem de estirpe real, um guerreiro ou um *brahmana*.

Assim como uma ampla diversidade de rituais, também se encontra contidos nos Vedas e outros livros religiosos, os mantras a serem utilizados em cada ocasião. Os *shastras* ensinam de que modo se podem satisfazer os desejos

⁷⁰ Deus do fogo.

⁷¹ O simbolismo do sacrifício do cavalo tinha em muitos lugares, uma conotação sexual. Supunha-se que os aspectos fálicos concedessem não apenas fertilidade, mas principalmente poder real supremo e autoridade sobre todos.

sem ocasionar danos a outros praticando ações meritórias; esses atos conhecidos como *Yajnas* ou rituais podem ser dirigidos aos deuses, aos ancestrais, aos sábios videntes, à humanidade e aos animais. Segundo aqueles, aos deuses, se lhes pôde homenagear com hinos e rituais; aos sábios e videntes, lendo as escrituras; aos homens com caridade; e aos animais com comida.⁷²

O Código de Manu⁷³ diz que, devido à carência de generosidade no homem, este deve oferecer rituais aos deuses. Além dos brahmanas, só poderiam oferecer rituais, os kshatryas, e os vaisyas. A casta dos sudras não tinha acesso aos rituais. Na sociedade védica, os ritos começavam no ventre materno e se estendiam em sucessão até à morte.

Os primeiros rituais obedeciam a se libertar das más influências que poderiam ser herdadas dos pais. Este ritual acontecia no 4º mês de gestação. Mediante a separação do cabelo da mãe em duas partes com um espinho de um porco –espinho, se acreditava que o sacerdote facilitava a entrada de um espírito na criança que ia nascer. Também eram utilizados os frutos da figueira sagrada, Udumbara, para fazer um colar que a mãe deveria usar. Ao nascer a criança era realizada um ritual de purificação. Se fosse um menino, após o 10º dia do nascimento ganhava um nome de acordo com sua casta; se fosse uma menina, esse nome deveria ser fácil e possuir vogais longas, terminando em i ou a.

Entre um e três anos de idade, o cabelo da criança era cortado, apenas deixando-se um pouco no topo da cabeça. O cabelo cortado era enterrado num local considerado auspicioso como próximo de uma árvore frondosa, um rio ou um estábulo.

Mais tarde iniciava-se outra fase “*dvija*”, que quer dizer nascido duas vezes, antes disso a criança era considerada impura para a realização dos rituais. Existiam idades para a segunda iniciação e que ia de acordo com a casta a qual se pertencia.⁷⁴ Após esse período poder-se-ia casar e esquecer a vida anterior. O casamento sempre era arranjado entre os pais e o Guru. Esta

⁷² Cf. HOLM, J. e J. Bowker. *Ritos de passagem*, 1994.

⁷³ Cf. ZIMMER, H. *As filosofias da Índia*, 2003. Nos Dharma- shastras aparecem personagens míticos tais como Manu, antepassado do homem e que teriam compilado as leis e regras a serem seguidas pelos homens.

⁷⁴ Denomina-se *Gayatri* devido a sua métrica e ao seu ritmo.

fase correspondia à fase de *Grihastra* (senhor do lar). Existia uma série de particularidades para se escolher uma esposa. Os casamentos deveriam ocorrer sempre entre pessoas da mesma casta. Se houvesse um segundo casamento existia a possibilidade de escolher uma esposa de casta inferior.

Os filhos herdavam a casta da mãe. O filho mais velho era o que casava primeiro numa seqüência de idades até o mais novo. O casamento sofria uma classificação sendo que, havia quatro tipos entre a casta dos *brahmanas*. Entre *eles* não era levado em consideração o envolvimento emocional.

1.7. Elementos do ritual védico.

As correspondências na forma da métrica dos Vedas foram conservadas para elaborar os rituais de fogo, *Agni-Hotra*. Haveria uma relação entre a estrutura que se apresentavam nos altares e aquelas formas em que se escrevera o *Rig Veda*. Nos altares estariam representados os três níveis da criação: terra (*bhur*), ar (*bhuva*) e céu (*swaha*) em forma de pirâmide invertida.

Na época védica, nos sacrifícios aos deuses eram oferecidos oblações com mel, leite, soma e fogo enquanto se recitavam hinos dos Vedas.

Atualmente se rende culto às divindades com luz de velas, incensos, flores, frutas e doces acompanhados por *mantras* e hinos procedentes dos *Puranas* e dos *Tantras*. utilizam-se imagens ou símbolos das deidades e frente a eles se realizam as oferendas.

É muito importante a utilização dos mantras adequados. A palavra mantra significa “formula sagrada”, composta das partículas man (revestimento da mente) e Tra, disciplinar em sânscrito, é o equivalente então a: disciplina da mente. Significa também a representação sonora da entidade divina. Quando cantados na combinação certa de letras e pronunciadas corretamente, acredita-se que produzam efeitos não somente no plano físico, senão também no plano mental e espiritual.⁷⁵ Para cada mantra existe um *rishi* criador e uma entidade, o deus receptor.

⁷⁵ O *Rig veda* se refere a uma linha específica do saber sacerdotal, *Saman*, que trata das melodias com as quais se devem cantar as diversas estrofes. “É um saber carregado de tanta magia que certas partes por serem consideradas perigosas, não poderiam ser transmitidos dentro dos limites do povoado: mestre e discípulo se retiram para algum lugar solitário do deserto”. E. Zimmer, p. 97.

Cada aspecto de uma divindade pode revelar um mantra diferente. *Shiva* e *Vishnu* têm 1000 nomes distintos, cada um representa um aspecto. Considera-se que o som eterno do mantra é matriz de toda criação, sua prática contínua traz a energia da respectiva divindade dentro da pessoa.⁷⁶ Da mesma forma que existe a representação sonora da entidade, existe uma imagem pictorial, o yantra, a forma da entidade que emite sua energia. O tipo mais conhecido de *yantra* é a *mandala*. Além de representar todo o universo, possui um sentido protetor e está ligada a iniciação. Em todo ritual de fogo observado por nós é desenhada uma mandala onde se assenta a fogueira.

O ritual é acompanhado por gestos feitos com as mãos denominados mudras. São os resultados da cristalização da purificação de um estado interior.

As *asanas* do *Yoga* são os mudras do corpo inteiro. Os mudras têm-se popularizado por meio da dança sendo um ato ritualístico por excelência.⁷⁷

1.8. Ritos ou Samskaras

Os Samskaras ou rituais dentro das religiões indianas se distinguem entre os que correspondem à vida mundana e ao campo da soteriologia. O *Vedanta-Advaita* diferencia o conhecimento libertador da ação ritual. Os primeiros são parte dos que renunciaram ao mundo e os que praticam rituais tem uma vida comum. O cidadão está preocupado com as atividades rituais cotidianas, pois ele deve atuar de acordo com essa vida material. Dentro de uma classificação, os ritos mundanos correspondem a ritos de passagem.

Tornando-se uma via de comunicação dentro de um grupo social, os rituais, passam uma mensagem de geração em geração, significando uma alternativa, uma espécie de tecnologia mágica capaz de funcionar como um método eficaz para aqueles que o praticam.

⁷⁶ Neste sentido, qualquer estudante dos Vedas conhece o valor da palavra e que da repetição da repetição exata dos mesmos depende seu efeito. Uma das técnicas usada para assegurar os benefícios consiste em dizer minuciosamente todas as partes que devem ser afetadas evitando a totalidade para que nada fique fora. No Atharva Veda por exemplo se menciona: “Deseja meu corpo, desejam meus pés...”

⁷⁷ PANIKKAR, R. *Espiritualidade hindu*, 2005, p.317.

Nos rituais não se incluem as cerimônias de renúncia ou de diferentes realizações sectárias consideradas como libertárias.⁷⁸ Os ritos de passagem são agentes transformadores, servindo para moldar e ajudar a construir identidades sociais, assim como, definir os papéis dentro dessa sociedade em que se expressam.

Os processos ritualísticos estariam ligados a dois conceitos: aqueles relacionados a “pureza” (*suddha*) e impureza (*asuddha*), e aos bons auspícios (*subbha*) e aos maus auspícios (*asubbha*). Outro conceito diz respeito ao campo que compõe as relações sociais, o *dharma*, termo que engloba deveres e responsabilidades sociais. A prática do *dharma* é vivenciada pelo cumprimento dos deveres que devem ser respeitados dentro da classe social/casta (*varna*) a qual se pertence e do cumprimento a um determinado momento da vida (*asrama*). Para o cidadão comum da Índia, a manutenção do *dharma* funciona como a garantia de uma vida moralmente correta.

Tomando como referência a casta superior, “os nascidos duas vezes”, e de acordo ao esquema teórico que marca a vida de um homem de nascimento elevado, as fases da vida são: a fase do aluno aprendiz (*bramacharya*), a fase do chefe de família (*gryhastra*), a fase do habitante da floresta (*vanaprastha*) e, por último, a fase do renunciante, (*sannyasa*). Os dois primeiros períodos se relacionam com a vida mundana, o terceiro com a fase afastada do chefe de família e o quarto com o mundo da transcendência e da salvação. Alguns se tornaram ascetas antes mesmo de constituir família. Este último estado não é conhecido como rito de passagem, lembrando que os *samkaras* se referem somente à vida social, nunca à libertação (*moksa*).

Há *Samkaras* menos significativos durante a infância e que constituem um sistema litúrgico, tratando-se de uma seqüência invariável que descreve a vida de qualquer cidadão. Os significados dos ritos de passagem se baseiam no *brahmanismo*, e seu número varia de acordo com os *Dharma-shastras* consultados, mas sempre simbolizando o *dharma*.

⁷⁸ HOLM J. & John Boeker, 1994. O termo rito de passagem, começou por ser um termo técnico usado no início do século XX por aqueles que se dedicavam a antropologia social. Descrevia o processo ritual ao qual o indivíduo se sujeitava passando de um estatuto para outro, jovem para adulto, solteiro para casado, etc.

Existe uma lista padrão de dezesseis *samkaras* ou ritos mais comuns que vão desde os pré-natais, nascimento, casamento e por último à morte. Esses dezesseis ritos são:

1. *Garbhādhana*, o rito da concepção do feto.
2. *Pumsavana*, o rito de gerar um rapaz, desempenhado pelas mulheres com a perspectiva de gerar o nascimento de uma criança do sexo masculino, muito apreciado na cultura indiana.
3. *Simantonnayana*, o rito de separar o cabelo da grávida ao redor do quarto, sexto ou oitavo mês de gravidez. Destina-se a garantir a segurança da futura mãe e a protegê-la dos espíritos malignos.
4. *Jatakarman*, o rito do nascimento, através do qual é suposto que a criança nasce sã e salva.
5. *Nāmakarana*, a atribuição do nome à criança, o que acontece por volta do décimo ou segundo dia depois do nascimento.
6. *Niskramana*, a primeira saída da criança num dia favorável.
7. *Annaprasana*, a cerimônia que comemora a primeira vez que a criança come alimentos sólidos.
8. *Chudakarana*, ritual de raspar o cabelo que ocorre no primeiro ou terceiro ano de vida.
9. *Kamavedha*, a cerimônia de furar a orelha, entre o terceiro e quinto ano de vida.
10. *Vidyarambha*, a aprendizagem do alfabeto entre os cinco e sete anos.
11. *Upanayama*, ritual de iniciação, o que corresponde à investidura do velo sagrado.
12. *Vedarambha*, o início dos estudos védicos.
13. *Kesanta*, o ritual de fazer a barba pela primeira vez.
14. *Samavartana*, o fim oficial da aprendizagem escolar.
15. *Vivaha*, ritual de casamento.
16. *Antyesti*, os ritos fúnebres.

Destes rituais selecionaremos alguns que são realizados pelos grupos que estudamos, por exemplo, o *Upanayama* (ritual de iniciação) e o *Vivaha* (ritual de casamento). Os rituais hinduístas obedecem a duas fases: uma que separa o devoto do estado anterior e outra que o inicia num estado novo. De acordo com isso descreveremos alguns pontos sobre o Upanayama na antiga Índia.

Como dizemos anteriormente, “os nascidos duas vezes” na sociedade védica eram submetidos a rituais que eram seguidos à risca pelos sacerdotes. O jovem era iniciado entre os oito e vinte e quatro anos. Na sociedade indiana contemporânea esse rito pode ser realizado um dia antes do casamento, em virtude da dificuldade que os parentes tem ao assistir estes rituais, já que é comum que a família esteja dispersa. Aproveitando a viagem são realizados dois rituais num mesmo dia. Ressaltamos que este ritual era realizado apenas para o sexo masculino e, para os da casta superior. Ficavam excluídos à priori, as mulheres e as castas inferiores por serem considerados impuros. Segundo G. Flood, este rito tem um simbolismo cosmológico (lembrando que as castas se derivam do gigante Pantajali, e os brahmanas, saíram da cabeça). A cerimônia tinha início quando o sacerdote sentava frente ao fogo sagrado junto a um grande jarro. Embora existam algumas diferenças de região para região, distinguem-se alguns elementos comuns como: a cabeça do rapaz deveria ser raspada deixando apenas um pequeno monte de cabelos no topo do crânio. Depois ele tomava um banho e recebia suas novas roupas (*kaupina*), com as que deveria enrolar sua cintura. Depois o pai deveria conduzi-lo até o sacerdote e o fogo sagrado onde poderia ser atado a um buraco escavado no fogo como num forno de metal. Depois de realizadas as oferendas, o rapaz recebia um cordão para atar em volta da cintura. Para um *brahmana*, o cordão era feito da erva *munja*, para um *ksatrya*, do material das cordas dos arcos, para um *vaysha*, de lã. O rapaz deveria usar também uma pele de antílope. Ele usava também um bastão, símbolo de aprendiz védico. O rapaz tomava votos de celibato e investia o manto sagrado, verdadeiro símbolo dos que nascem duas vezes e que deveria ser usado até a morte, ou até o pedido dos votos de renunciante. O manto era composto de cinco laçadas unidas num só nó, aprendia o mantra “*Gayatri*” que deveria ser recitado ao amanhecer. Era-lhe atribuído um nome secreto e aprendia também os passos da vida para estar apto a oferecer as oferendas ao fogo (*homa*). No final da

cerimônia, era realizado um gesto que significava a partida para Benares, o principal gesto do Hinduísmo. Ao fim da cerimônia era realizado um banquete em comemoração ao novo estado.

No caso das mulheres, o casamento era o correspondente a uma iniciação de Upanayama. Somente algumas comunidades hinduístas realizavam cerimônias de iniciação femininas que correspondiam como já dissemos a tradições locais.

O casamento é considerado elementar no Hinduísmo. Através deste, os deveres da casta superior eram perpetuados. Serve para unir famílias, promover adesão a normas sociais, a união simbólica dos elementos do cosmo, feminino e masculino. De forma geral os casamentos eram arranjados pelas famílias. A compatibilidade entre as castas era essencial. Os matrimônios eram vistos como a oportunidade de mostrar a riquezas das famílias e às vezes motivo de dívidas das mesmas. Sendo um ritual relativamente simples, existiam algumas variedades de região para região. A cerimônia era realizada numa tenda construída com folhas de bananeira e começando quando o pai da noiva formalizava a oferta de sua filha ao noivo. Os passos principais eram dados ao redor do fogo sagrado; os pulsos da noivas eram ligados a uma faixa, devendo a noiva bater com um símbolo pertencente à família do noivo. A seguir o casal caminhava em torno da fogueira e juntos realizam o ritual do *Homa* (cerimônia de fogo).

Se a cerimônia fosse realizada à noite, ambos poderiam assistir ao nascimento da estrela polar, *Dhruva* e a noiva prometer ao noivo sua fidelidade. Finalmente a noiva passava a morar na casa do marido e assumir uma nova identidade.

No nosso trabalho analisaremos também outros rituais que são dedicados especialmente a algumas deidades em particular e que têm finalidades específicas como a obtenção de prosperidade (rituais direcionados a *Laksmi* e *Ganesh*) que aparecem nos Puranas e outras escrituras. Os rituais do Sendero dos desejos, ou seja, aquilo que se quer obter, são mais elaborados e completos. São denominados também, *Shodasha-upachara puja* ou adoração que consiste

nas dezesseis oferendas ou passos. Em cada passo são realizadas invocações à deidade, feita uma oferenda e uma nova invocação.⁷⁹

Os dezesseis passos do puja:

Invocação	Espalhar grãos de arroz sobre a murti pedindo que o espírito do deus entre nela.
Oferecer o assento	Espalhar grãos de arroz num prato debaixo da murti.
Lavar os pés da murti	Os pés devem ser tocados com uma flor molhada.
Mantras e reverencias	Devem ser oferecidos junto com uma mistura de mel e leite, yogurth, ghee, mel e açúcar.
Oferecer água para beber	Sempre água fresca
Banho	É um banho simbólico. Uma flor deve ser colocada na água junto com mel e yogurth assim como pasta de sândalo.
Roupas	Uma roupa vermelha
Cordão sagrado	O cordão sagrado deverá ser colocado ao redor da murti.
Pasta de sândalo	Também pós-vermelhos e amarelos para pintar à testa.
Flores	Devem ser arrumadas ao redor da murti
Incensos	
Lamparinas de ghee	Manteiga clarificada.
Alimentos	Aquelas preferidas da murti
Frutas frescas	As preferidas da murti
Passos ao redor da murti	Dar uma volta ao redor da murti
Arakti e oferecimento de flores	Usar outra lâmpada de ghee, tabletes de cânfora, cantando os mantras adequados se possível com os címbalos.

⁷⁹ GAMBOA E. R. *Ganesha el destructor de los obstáculos*, 2004, p.93.

Tanto o culto védico antigo quanto os realizados atualmente não dispensam a música e a dança. Ambas ocupam uma posição de grande destaque. Segundo os Vedas, a música possui *vimuktida*, ou seja, é portadora de salvação e promove a liberação do ciclo de reencarnações. O *Rig veda* refere-se aos sete *rsi*, poetas místicos cujo canto teria gerado a primeira aurora. Uma outra versão diz que *Prajapati*, o deus das origens, nasceu de um concerto de dezessete tambores.

A importância da dança dentro do Hinduísmo é notória, exemplificando-se dentro dos relatos existentes na literatura védica onde se mencionam as danças de Krishna com as *gopis*.⁸⁰ A dança dentro do Hinduísmo constitui um capítulo a parte de uma forma ritual.

Krishna se apresenta sempre como um grande tocador de flauta e é desse modo que é representada sua imagem em todo o mundo hinduísta.

Os testemunhos iconográficos dão especial importância ao soar dos tambores com as mãos, cujo uso se mantém vivo até hoje, tomamos como exemplo as *miridangas* para a realização dos *kirtans*⁸¹ entre os *Hare Krishna*.

Não podemos esquecer também, o ritualismo representado na dança cósmica de *Shiva (Nataraja)*, simbolizando o eterno movimento do Universo que impulsionado pelo ritmo regular da dança começou a manifestar-se de todas as formas. Conta à lenda que os deuses, demônios e outras criaturas sobrenaturais acercaram-se de *Shiva* e ficaram maravilhados. Segundo H. Zimmer, a dança é uma ancestral forma de magia, sendo seu propósito transformar o dançarino no demônio, deus ou entidade telúrica que ele personificar.⁸²

Quando *Shiva* cessava o som de seu tambor para procurar um ritmo novo e melhor, o Universo desaparecia e só renasceria quando a música recomeçava. O círculo em chamas em volta de *Shiva* simboliza ao mesmo tempo energia em sua forma mais pura, o fogo da cremação, o *mantra* sagrado *AUM*, o som básico da criação⁸³.

⁸⁰ As vaquerinhas amigas de *Krishna* na floresta sagrada de *Vrindavana*.

⁸¹ *Sankirtana* ou *kirtana*, “cantar os santos nomes de Deus”.

⁸² ZIMMER, H. Mitos e símbolos na arte e civilização da Índia, 2005, p. 122 – 123.

⁸³ JANSEN, R. O livro das imagens hinduístas, 1993, p. 111.

No presente capítulo, procuramos mostrar o quadro histórico-temporal e descritivo em que se processaram as mudanças que levaram à formação da tradição hinduísta.

Mircea Eliade se refere a um adágio hindu: “Assim fizeram os deuses; assim fazem os homens”.

A retomada de uma simbologia diferente daquela a qual fomos acostumados, fundamentada numa antiga existência, tradicional na sua origem, está provavelmente ligada à fascinação que estas exercem sobre os ocidentais, tão carentes de explicações cosmogônicas. Consideramos que exista uma provável crise de criatividade no homem moderno que sobrevém de processos complexos que explicariam a retomada de antigas tradições já anteriormente testadas e bem sucedidos. O homem moderno não mais cria, mas copia, faz uma “bricolagem” “”, tomando elementos daqui e de acolá, recriando o que já foi criado. E se os deuses já o fizeram, por que não imitá-los adaptando essas antigas tradições à nossa realidade e à nossa forma de conceber o mundo?

concluimos então que o conhecimento dos Vedas é a raiz das filosofias e das práticas hinduístas. Não podemos afirmar que não houve mudanças através dos séculos ou variadas interpretações da literatura védica. Concordamos sim que o conhecimento védico serviu de base para outras interpretações e usos que viriam bem depois.

O mundo dos rituais e as variedades encontradas confirmam que a vida cotidiana entre os povos da antiga Índia se baseava em um ritual após o outro cujas influências se sentem ainda hoje.

1.9. O Novo Hinduismo

Percebemos que grande parte das influências do chamado renascimento indiano da corrente reformista na Índia, durante os séculos XIX e XX, influenciaram também direta ou indiretamente, na expansão do Hinduismo pelo mundo ocidental abalando as tradições védicas, o sistema de castas, e o *brahmanismo*.

Seguido a um longo período conturbado e criativo do ponto de vista religioso⁸⁴ fixado entre os séculos VII ao XIV d.C, sofrendo inclusive a influência muçulmana, um outro domínio marcaria fortemente o modo de vida indiano, a ascendência britânica.

*Ram Mohan Roy*⁸⁵ (1772-1833), foi um dos primeiros *brahmanas* bengalis a ser educado no pensamento ocidental e na língua inglesa, dando início ao diálogo entre a religiosidade indiana e a visão cristã do Ocidente.⁸⁶ Em 1828 fundou em Bengala a *Brahmo Samaj*, se colocando contra o Hinduísmo ortodoxo, negação do valor das escrituras, da existência do avatar, da justificação da teoria das castas e a condenação de qualquer forma da pluralidade de Deus assim como da adoração de imagens.⁸⁷ Defendia o resgate do monoteísmo, presente no Vedanta Sutra e nos Upanishads. Após sua morte, uma outra liderança, Debendranath Tagore⁸⁸, daria continuidade a essa instituição cujos adeptos eram tanto instruídos nos princípios hinduístas quanto nos cristãos. Tagore defendeu o baktismo e o vaisnavismo de Sri Chaitanya introduzindo o Hari nama Sankirtana, cantar congregacional dos nomes de Krishna, potencializando a *Brahmo Samaj* como um movimento de massa na Bengala.⁸⁹

Outro reformador defenderia também os valores de Chaitanya, Keshab Sem, proporia um baktismo aliado ao cientificismo de Augusto Comte.

Em contraposição a esse pensamento renovador surgiria a reação ortodoxa, a *Arya Samaj*, fundada por *Dayana Saraswati* (1824- 1883), que propunha um retorno aos Vedas, sem adaptação nenhuma, um hinduísmo puro, caracterizado pela volta ao ritual védico.

Estes reformadores eram líderes religiosos e mantinham grupos nas elites bengalis. Denominavam-se *Bhadraloks* ou *Babus*. Sendo agentes desse nacionalismo bengali e membros da casta dos brahmanas, passaram a se dedicar

⁸⁴ Cf. PANIKKAR, R. *Espiritualidade Hindu*. Aparecem neste período outras concepções teológicas e outras escolas espiritualistas como as apregoadas por: Sankara (780-820), Ramanuja (1017-1137), Madvha (1119-1278). O Shivaísmo, o vishnuísmo e o saktismo se afirmam como às três grandes correntes da Índia. Entre os séculos XV e XVI, surgem outras especulações religiosas dentre os quais Chaitanya (1532-1623) e Guru Nanak (1469-1538), fundador dos siks. Diferentes formas de Hinduísmo aparecem como religiões diferentes e completas mais todas centradas num tronco comum. 2005, p.101-102.

⁸⁵ Atacou entre outras coisas o *Sati* (imolação das viúvas), e elevar a posição das mulheres.

⁸⁶ SILVA, M. O Movimento *Hari Nama Sankirtana*, 1999, p.13.

⁸⁷ PANIKKAR, R. *Espiritualidade Hindu*, 2005, p.104.

⁸⁸ *Um opositor de Tagore, Kesahab Sen, que defendia a volta dos valores védicos*.

⁸⁹ SILVA, M. *O Movimento Hari Nama Sankirtana*, 1999, p. 14.

ao comércio com os ingleses. Sentindo desrespeitar os valores de sua casta, redefiniram valores de puro e impuro, já que de acordo ao seu status social estavam vedadas as atividades ditas mundanas. Abandonando as ligações tradicionais com a terra, passaram então a se sentir “impuros” por denegrir valores que até então os diferenciavam.

Esses valores da classe reformadora entraram no Ocidente a partir do século XIX.

Lembremos que essas construções denotaram as inquietudes sócias do povo indiano (o sistema de castas e a dominação inglesa). Levamos em consideração que essas construções se fizeram em base a sincretismos, sobreposições, adaptações e ao longo de muitos séculos, o que não foge a outras realidades do mundo oriental.

CAPÍTULO II - OS CAMINHOS DA CONTEMPORANEIDADE PARA O ORIENTE

Neste capítulo procuraremos mostrar alguns acontecimentos que provocaram a entrada de elementos religiosos orientais no Ocidente na época contemporânea. Nos deteremos principalmente na análise da Nova Era e da Contracultura, como marcos de importância desse processo.

Os caminhos para o Oriente levam às bases formadoras das tradições que alicerçaram a espiritualidade oriental. Tanto as tradições escritas quanto orais formam o todo da tradição hinduísta, como Guenón lembra.⁹⁰

Etimologicamente, a tradição, do latim *traditio*, é aquilo que se transmite de uma maneira ou de outra a gerações mais recentes que, acredita-se, vão perpetuá-las para as gerações vindouras. É necessário observar também que a tradição é todo o conjunto de ordens e elementos que tem seu princípio na doutrina hinduísta.⁹¹

A Índia, de modo especial, prioriza o metafísico na sua essência.⁹² O estudo da tradição Indiana e do Hinduísmo possibilita a observação de encontros diversificados, que não se limitam às fronteiras geográficas determinadas, mas que comportam um quadro de ilimitados espaços e momentos relacionados a atitudes filosófico-religiosas específicas, *Sanāthama dharma*⁹³.

Guenón diferencia o mundo Ocidental do Oriental pela questão da tradição. Para Ele o Oriente mantém a supremacia da contemplação sobre a ação, em contraposição ao Ocidente.

E quanto ao Hinduísmo afirma: “A unidade hinduísta - não dissemos Índia - não é uma unidade de raças nem de línguas, é exclusivamente uma unidade de tradição, são hinduístas todos os que aceitam efetivamente essa tradição”⁹⁴.

⁹⁰ R. GUENÓN, *Introducción general al estudio de las doctrinas hindúes*, s/d p. 34.

⁹¹ *Ibidem*, p. 34.

⁹² *Ibidem*, p. 34-35.

⁹³ Formas e comportamentos ligados à vida em geral não somente à prática espiritual.

⁹⁴ GUENÓN, R., *Introducción general al estudio de las doctrinas hindúes*, s/d p.11.

Esses conceitos se relacionam ao *dharma*,⁹⁵ uma forma de delimitar a espiritualidade humana cujos marcos são totalmente imprecisos de determinar e que identificam os vários aspectos da vida de um hinduísta.

É difícil para um ocidental entender esse *modus vivendi* indiano que, com todas suas multiplicidades, exerce sobre nós um inesgotável fascínio e desperta curiosidade. Se, durante grande parte da Antigüidade e da Idade Média, a Índia esteve vinculada à riqueza, ao misticismo e ao conhecimento espiritual, o mesmo não se verificou na Idade Moderna. Nela, os valores individuais e racionais do Iluminismo estavam além das prerrogativas indianas. Os governos dos marajás e dos sultões da Índia foram considerados despóticos, antiquados e carentes dos ideais democráticos que tanto se manifestavam na Europa nesse momento.⁹⁶

Muitos escritores ocidentais contemporâneos escreveram textos importantes sobre o tema, baseados principalmente nos indólogos do século XIX, como Sir William Jones, Charles Wilkins e T. Colebrooke, que tentaram compreender a cultura védica a partir de um olhar Cristão.⁹⁷ A partir de uma pesquisa dita *científica*, rotularam a cultura védica como *fatalista* por não compreenderem muito bem a idéia de *karma*⁹⁸ e *reencarnação*⁹⁹.

Pode-se afirmar que o Hinduísmo provém do conhecimento das escrituras sagradas dos Vedas, embora este termo estivesse relacionado ao espaço territorial e não a um credo religioso como seria usado no Ocidente. Como observa Satsvarúpa dāsa Gosvāmi, citando Ainslee T. Embree, as palavras *hindu* e *hinduísmo* não são encontrados na literatura védica:

O cenário físico e a terra que, desde épocas passadas, o mundo ocidental conhece como sendo a Índia,¹⁰⁰ é uma palavra que os gregos tomaram emprestada dos persas, que, por causa da dificuldade que tinham em pronunciar” o “s” inicial, chamavam o grande rio *Sindhu* de

⁹⁵ Etimologicamente a palavra *dharma* significa aquilo que sustenta a existência do Uno, a ocupação. É também a lei religiosa, o costume, o dever, a verdade.

⁹⁶ Cf. SORMAN, G. *El gênio de la Índia*, 2002.

⁹⁷ Foram numerosos os missionários evangelistas ingleses que foram a Índia a “converter” hinduístas ao cristianismo. Muitos se opunham ao governo britânico por manter uma atitude neutra em relação a cultura indiana.

⁹⁸ Entendido no Ocidente como negativo.

⁹⁹ A reencarnação, em Jung contém o conceito de continuidade após a morte. A personalidade é considerada susceptível de continuidade e memória. Ao reencarnar ou renascer existe potencialmente a condição de lembrar-nos de vidas anteriores, que nos pertenceram, possuindo a mesma forma do eu na vida presente. Na reencarnação trata-se em geral de um renascimento de corpos humanos.

¹⁰⁰ Cf. GOSWAMI dās S. Introdução a filosofia védica, 1986, p. 63. Os indianos chamam a sua terra de *Bharata-Varsa*. *Bharata* era um rei da antiga Índia.

“*Hindu*”. Foi com essa palavra que os estrangeiros passaram a designar a religião e a cultura dos povos que viviam nas terras banhadas pelos rios Indo e Ganges, embora os próprios nativos não usassem esse termo.

De qualquer modo, *Hinduísmo* é a palavra mais usada no Ocidente para se referir às tradições védicas, mesmo que encerre um conceito deturpado e impreciso.

2.1 – Movimentos de mudança no século XX

2.1.1 – Orientalismo como manifestação da Nova Era.

Ao verificar a adoção de rituais hinduístas dentro da sociedade Ocidental, observa-se que os mesmos se encontram inseridos dentro de um contexto maior cuja realidade corresponde à incorporação de tradições e costumes orientais, familiarizados com termos que vem do Oriente e que remontam ao movimento Nova Era ou New Age.

O orientalismo dentro do mundo ocidental moderno é uma característica marcante, o que, segundo Colin Campbell, estaria inserido dentro de numa nova teodicéia, uma mudança de paradigmas que vai além da difusão dos produtos reconhecidamente orientais.¹⁰¹ Essa mudança de paradigmas é vista como um novo modo de enfocar antigos problemas que se identificam com tradições milenares como o Budismo, o Taoísmo e o Hinduísmo. Falar de *orientalização*, para Campbell, é referir-se ao processo pelo qual a concepção do divino tradicionalmente ocidental e suas relações com a humanidade e o mundo são substituídas por aquelas que tem predominado no Oriente por longo tempo.¹⁰²

M. Fergurson cita o historiador Arnold Toynbee: “uma minoria criativa que está se voltando para o mundo interior da *psique* poderia fazer perceber a nossa atribulada civilização, uma nova forma de vida” e acrescenta que:

“o desenvolvimento mais significativo da época viria da influência que haveria de ter no Ocidente a perspectiva espiritual do Oriente”.

¹⁰¹ Cf. CAMPBELL, C. A Orientalização do Ocidente: Reflexões sobre uma nova teodicéia para um novo milênio, *Religião e sociedade*, 1997.

Segundo Campbell, a concepção do divino tradicionalme Ocidental, é substituída por aquela que predominada no Oriente.

¹⁰² Ibidem, p. 7.

O espírito da Nova Era trouxe para o Ocidente o orientalismo com muitas variedades. Cobre um vasto e diversificado campo de terapias e técnicas de auto-ajuda que dão igual importância à mente, ao corpo e ao espírito, e que insistem em levar a consciência espiritual à vida diária. Numa escala muito mais ampla, inclui uma preocupação com o meio ambiente, com o futuro da raça humana e do planeta e principalmente com a própria interioridade do indivíduo.¹⁰³

Eliade chama a atenção para o fato de que a nova explosão e o interesse pelo ocultismo assim como pelas novas religiões, se dão no interior das camadas urbanas, cuja maior parte dos membros desses cultos ignoram quase completamente sua herança religiosa, mas que se sente insatisfeita com o que viu, leu ou ouviu sobre o Cristianismo.¹⁰⁴ São essas camadas insatisfeitas que estabeleceram as bases de uma mudança significativa e um novo movimento chamado Nova Era que enxergam no Oriente um novo estilo de vida.¹⁰⁵

A partir de 1960, cria-se o quadro para as mudanças cujas raízes encontramos na década de 1950, durante o processo que levou à Guerra Fria. Neste quadro de buscas significativas, de realidades distantes, de universos opostos, são criados os elementos para a formação de uma nova consciência, adquirindo uma conotação que não existia no seu lugar de origem: a Índia.

O conceito de Nova Era, chamada também de *Era de Aquário*, se baseia em transformações significativas, ocorridas em virtude de acontecimentos cósmicos que teriam influenciado a psique das pessoas, ocasionado mudanças de comportamento, de paradigmas e de valores.¹⁰⁶

¹⁰³ Cf. CHAMPION, F. Religiosidade flutuante, eclectismo e sincretismos, In: Jean DELUMEAU, *As grandes religiões do mundo*, s/d.

¹⁰⁴ Cf. ELIADE, M. *Ocultismo, bruxaria e correntes culturais*, 1979.

¹⁰⁵ Cf. GUERRIERO, S. *O Movimento Hare Krishna*, 1989, p.137: “O Oriente é o lugar do exótico, do misterioso, do totalmente diferente dos nossos padrões ocidentais. Se há uma necessidade de ruptura com o estilo de vida vigente, nada melhor que buscar outra roupagem com aparência radicalmente diversa, “travestindo” essa vivência com novos símbolos. O Oriente atrai porque é aparentemente uma coisa nova para os ocidentais e antiga em termos de tradição e veracidade. Porém, o outro, oriental, não é evidentemente a cultura ‘pura’ e a origem hindu, já é uma adaptação ocidental feita sob medida aos anseios de seus consumidores, justificando suas maneiras particulares de existência.”

¹⁰⁶ As eras marcam marcos de influência. A era anterior foi chamada Era de Peixes e compreende desde o nascimento de Jesus Cristo até o dia em que o sol ingressou em Áries, na direção da constelação de Aquário. Segundo alguns astrólogos e estudiosos do assunto, este ingresso em direção à constelação de Aquário começou a se verificar entre os anos de 1996 e 2003. Cada era dura mais ou menos 2.160 anos. A transição Àries-Peixes foi marcada pela queda do Império Romano. A era de Aquário, segundo alguns estudiosos, seria marcada pela igualdade, liberdade e fraternidade. Existem diferentes visões para orientar o começo da era de aquário. Identificamos a visão cristã ortodoxa, a visão da tradição cristã esotérica e aquela determinada pela União Astronômica Internacional.

Há controvérsias quanto ao marco histórico de transição da anterior Era de Peixes para a atual Era de Aquário. Este início varia conforme os modelos adotados pelos astrólogos.¹⁰⁷ A tendência é reconhecer que os valores das primeiras décadas do século XXI necessitam de uma primordial mudança de direção.¹⁰⁸ O fenômeno Nova Era teria ocorrido nos EUA, a partir dos anos 60 e 70, sendo protagonizado pelos estratos sociais médios e médios-altos da sociedade norte-americana. Denota-se uma busca espiritual. Stefano Martelli se refere a um “despertar religioso” citando Bryan R. Wilson sobre os NMR (Novos Movimentos religiosos) que teriam como características:

...Proveniência exótica, novos estilos de vida cultural, um nível de participação bem diferente daquele de uma tradicional igreja cristã, uma liderança carismática, um grupo constituído, em grande parte, de jovens provenientes em medida proporcionalmente maior, das classes mais instruídas e dos setores da média burguesia, elevado peso social; operatividade em escala internacional, emergência dos mesmos nos últimos 15 anos.¹⁰⁹

Esta nova consciência começa como um movimento de vanguarda. Para a Nova Era, na sociedade atual predominam a tecnologia, o materialismo e o crescimento econômico, conceitos que estão sendo afastados em favor de coisas mais sustentáveis e duradouras como os valores espirituais.¹¹⁰ Na visão de M. Ferguson é uma conspiração, uma conjuntura de fatores culturais na qual vários indivíduos passaram a sentir as mesmas inquietações.¹¹¹ A principal característica da Nova Era ou New Age¹¹² é à busca da saúde, da harmonia, da preocupação com o meio ambiente, com o corpo e com o espírito. São desprezadas as influências da sociedade atual tais como: a tecnologia, o materialismo e o

¹⁰⁷ A maioria dos astrólogos diz ter-se iniciado recentemente, com a entrada do século XXI. Segundo tal modelo, esta mudança significa grandes transformações nas instituições e na mentalidade de todo o planeta, trazendo uma maior espiritualidade e desenvolvimento tecnológico em substituição à presente fase de emocionalidade das grandes religiões e de carisma político.

¹⁰⁸ Cf. THOMPSON, G.M. *Atlas del New Age*, 2004, p. 7.

¹⁰⁹ MARTELLI, S. *A religião na sociedade pós-moderna*, s/d, p. 339.

¹¹⁰ *Ibidem*, p. 7.

¹¹¹ Cf. FERGUNSON, M. *A conspiração de aquário*, 1994, p. 31. O paradigma da Conspiração de Aquário concebe a humanidade enraizada na natureza. Promove a autonomia individual no seio de uma sociedade descentralizada. Considera-nos administradores de todos os nossos recursos, internos e externos. A natureza humana não é nem boa nem ruim, aberta a transformações e à transcendência.

¹¹² O símbolo da Consciência New Age, é a árvore, com suas raízes plantadas na terra, seu topo no ar, trocando o ar poluído com o oxigênio que dá a vida.

crescimento econômico em prol de algo mais sustentável, valores espirituais mais duradouros e profundos.¹¹³

Para Terrin, o fenômeno inspirador das correntes orientais da Nova Era se encontram no tantrismo hindu e budista.¹¹⁴ A mística mais presente como inspiração parece ser a proveniente das religiões orientais - Budismo, Taoísmo, Hinduísmo - sem excluir certas tendências místicas contemplativas e cabalísticas do Judaísmo e do Sufismo.¹¹⁵ Porém, encontram-se algumas influências históricas deste mesmo movimento no Romantismo, que emergira a partir das revoluções Industrial e Francesa cujo começo esteve localizado na Alemanha.

Leila Amaral, analisando obras de autores como Schlegel e Shopenhauer identificam uma influência do Romantismo ao ideário da Nova Era, descrevendo-os como “a interpretação religiosa do Universo e que já estaria presente no movimento romântico resultando na constante insatisfação com a realidade superficial das coisas que povoam o mundo numa busca sem fim...”¹¹⁶. Nesta perspectiva:

... o Universo é considerado divino como totalidade do ser, não comportando uma concepção dualista do mundo na qual ficam separadas as dimensões natural e sobrenatural, humana e divina. A religião proporcionaria o sentimento desse todo ao qual o indivíduo é totalmente dependente e forneceria a ele a consciência da limitação humana (...) o que se busca, portanto (...) é a reconciliação de todas as oposições.¹¹⁷

Ainda nesta visão romântica, Françoise Champion¹¹⁸ lembra que os transcendentalistas da Nova Inglaterra do século XIX, Emerson e Thoreau, em especial, encontraram nos clássicos da Índia, um poderoso apoio para a sua própria tendência ao monismo místico. Cita a passagem do Walden, de Thoreau:

“De manhã banho meu espírito na filosofia prodigiosa e cosmogônica do Bhagavad-Gita depois de cuja composição muitos anos dos deuses passaram, e em comparação com a qual o nosso mundo moderno e a sua literatura parecem bem mesquinhos e vulgares: e pergunto a mim mesmo, se esta filosofia não deverá estar ligada a um estado anterior da existência, de tal modo sublime está longe de nossas concepções”.¹¹⁹

¹¹³ THOMPSON, M.G. *Atlas del New Age*, 2004, p.7.

¹¹⁴ Cf. A. TERRIN, A.N. *O rito, antropologia e fenomenologia da ritualidade*, 2004, p. 89.

¹¹⁵ Cf. VALLE, E. *A psicologia da religião*, 1998, p. 202.

¹¹⁶ AMARAL, L. *Carnaval da alma*, 2000, p. 25.

¹¹⁷ *Ibidem*, L. AMARAL, p. 25.

¹¹⁸ Cf. CHAMPION, F. Religiosidade flutuante, eclectismo e sincretismos, In: Jean DELUMEAU, *As grandes religiões do mundo*, s/d, p. 722.

¹¹⁹ *Ibidem*, p. 722.

Por outro lado, existe ainda um outro elemento que pretende respaldar esse movimento. É o elemento trazido pelas ciências, que pretende fundamentar essa forma de religiosidade no conhecimento científico. Muitos cientistas deram seu apoio, utilizando seu prestígio para conferir um matiz de maior seriedade a tais idéias. Entre eles, o mais conhecido é Fritjof Capra.¹²⁰

Este físico teórico procurou mostrar a unidade entre a visão de mundo da física atômica moderna e a do misticismo oriental. Em sua opinião, a afinidade entre eles emerge como parte integrante de uma nova compreensão científica da realidade, que exigirá uma mudança em nossos pensamentos, percepções e valores. Chamado Ponto de Mutação¹²¹. O mundo é um todo, uma rede unitária complexa de intersecções e de coligações, que vai do microcosmo atômico ao macrocosmo. Com algumas diferenças, mais tarde, Capra afirmaria: “O progresso da física atômica levou a não considerar de maneira exclusiva o que é múltiplo e quantitativo-corpúscular, e a afastar-se com isso de certas posições ligeiramente materialistas”.¹²²

Edênio Valle assim caracteriza a Nova Era:

“A Nova era é uma arte de viver, que não só fala de uma mutação qualitativa na consciência de si e do mundo, como quer ser uma via concreta para se chegar à sabedoria, à integração do masculino-feminino, a arte de viver com harmonia e a penetração meio iniciática dos segredos inexplorados das coisas e do próprio “ser”

E. Valle, citando um outro autor, Vernet, diz que a arte de viver: “supõe uma conversão e uma iluminação da inteligência para que se possa acumular o vazio de um mundo desencantado”.¹²³

A Nova Era acompanhou o nascimento de uma nova consciência nascida dentro de rupturas sociais e culturais no século XX, que tinham como objetivos proporcionar alternativas de vida. No dizer de L. Amaral:

(...) “devido à mobilidade, plasticidade e sincretismo exacerbado que o fenômeno Nova Era representa, construído mais ao redor de uma obsessão pela transformação e de experiências rituais do que de doutrinas ou sistemas de crenças, o movimento Nova Era é, portanto, de

¹²⁰ Ele se serve das tradições como o Taoísmo de Lao Tse, o Budismo, incluindo o zen, e o Hinduísmo.

¹²¹ VALLE, E. *Psicologia e experiência religiosa*, 1998, p. 205.

¹²² CAPRA apud E. VALLE, *Psicologia e experiência religiosa*, 1998, p. 205.

¹²³ *Ibidem*, op.cit.

difícil definição. (...) a Nova Era seria a possibilidade de transformar, estilizar desarranjar ou rearranjar elementos das tradições já existentes, de fazer desses elementos metáforas que expressem performativamente uma determinada visão em destaque em um determinado momento, e segundo determinados objetivos”.¹²⁴

Essas alternativas, sincretismos e novas performances, seriam vivenciadas pelos movimentos de contracultura tratados no próximo item.

2.1.2 - A contracultura como fenômeno na experiência religiosa

O fenômeno da contracultura foi um marco nas mudanças culturais que se processaram no mundo Ocidental do século XX. Como foi dito anteriormente, o apogeu da contracultura esteve localizado nos anos 60, mas podemos nos referir a década de 1950 como seu início. Foram os jovens da chamada *juventude transviada*, da época do rock, que começaram a contestar os antigos valores, desrespeitando os mais velhos.

No pós-guerra, surge a geração existencialista francesa, os seguidores de Sartre¹²⁵ e de Camus.¹²⁶ Ambos tiveram atitudes de contestação política contra as autoridades. Outros componentes da contracultura eram os hipsters,¹²⁷ ainda mais politizados. Não concordavam com o pessimismo dos beatniks¹²⁸, manifestando um grande descontentamento com o sistema. No final dos anos 50, os dois movimentos são absorvidos pelos hippies, que finalmente adotaram uma idéia mais radical de transformação da sociedade. Passam a seguir uma postura de rebeldia contra a sociedade americana super-industrializada e puritana, na qual a posse de bens materiais era o valor moral de peso.¹²⁹

Em 1964 surgem os Beatles, que incorporam às letras de suas músicas todas as possibilidades de alternativas em discussão: a guerrilha, o pacifismo, o

¹²⁴ L. AMARAL, *Carnaval da alma*, 2000, p. 32.

¹²⁵ J. Paul Sartre, filósofo existencialista, era considerado um intelectual engajado. Adaptava a ação às idéias, fazendo-o sempre como ato político.

¹²⁶ A vida e a obra de Camus denotam um espírito empreendedor que o impulsionava à constante luta de reconstruir sobre os escombros. Seu pensamento é baseado em dois princípios: o do absurdo, que diz respeito ao confronto da irracionalidade do mundo com o desejo de clareza e racionalidade humana e o de revolta vinculado à busca inconsciente de uma moral.

¹²⁷ Vocábulo que significa aquele que conhece, aquele que está por dentro.

¹²⁸ Os beatniks representam a contracultura dos anos 50 que desembocariam nos hippies. Embora contestadores da cultura vigente na época, eram intelectuais e gostavam de jazz. Possuíam uma linguagem própria, usavam gírias, geraram um estilo particular de literatura. O movimento criou um reduto próprio em São Francisco.

¹²⁹ TAVARES, A. P. *O que são comunidades alternativas*, 1985, p. 17.

amor livre, a desobediência, as drogas (“*Lucy in the sky with diamonds*”) e o misticismo (“*Oh, my sweet lord*”, de George Harrison)¹³⁰. A experiência com as drogas foi um dos degraus na busca por um estado mais elevado de consciência. Na alimentação lançava-se mão da macrobiótica, do vegetarianismo, do crudivorismo e do frugivorismo.¹³¹ No tratamento do corpo passam a serem utilizadas as técnicas tais como: Homeopatia, Acupuntura, Cromoterapia, Do-In, Hata-Yoga, Tai-Chi-Chuan, Aikido, Raja-Yoga, Gnana-Yoga e Karma-Yoga. Tudo isso passa a ser parte do universo da contracultura.¹³² Neste contexto surge Herbert Marcuse, um dos maiores ídolos da contracultura.¹³³

No Brasil, a contracultura foi vivenciada pelo movimento Tropicalista. Ao questionamento do sistema somava-se também a discussão sobre a postura autoritária da esquerda ortodoxa. Os problemas com a ditadura militar levaram ao exílio muitos dos seus representantes como Gilberto Gil e Caetano Veloso, que foram se abrigar em Londres.

No final dessa década, problemas de ordem internacional, como a invasão do Camboja, levaram às ruas muitos manifestantes, produzindo várias mortes nos EUA em paralelo à retomada do movimento pacifista hippie e underground. Os anos de 1970 trouxeram frustração. A revolução não se realizou, o que John Lennon sintetizou numa frase curta: *o sonho acabou*.

Em 1971, realizou-se em Berkeley, Califórnia, um congresso que reuniu cientistas e líderes de comunidades alternativas e hippies, jovens radicais e sociólogos que definiram numa declaração de princípios:

A nova sociedade deve emergir do velho sistema, como um cogumelo novo brota de um tronco apodrecido. Acabou-se a era do protesto subterrâneo e das demonstrações existenciais. Acabou-se o mito de que os artistas devem estar à margem de sua época. Devemos, de agora em diante, investir todas nossas energias na construção de nossas condições. O que for possível utilizar da velha sociedade utilizaremos sem escrúpulos: meios de comunicação, dinheiro, estratégias, “know-how” e as poucas idéias boas liberais.¹³⁴

¹³⁰ Ibidem, p. 17.

¹³¹ Macrobiótica, dieta com base em cereais integrais, verduras e frutas; vegetarianismo, dieta com base em vegetais; crudivorismo, dieta somente com vegetais crus; frugivorismo, dieta somente de frutas.

¹³² Ibidem, p.19-20.

¹³³ Alemão de nascença, vivendo nos EUA desde 1934, fugiu do nazismo e fez violentos ataques à sociedade tecnológica, tanto a ocidental quanto a socialista. Afirmava que a tecnologia aumentava a capacidade de consumo do homem e trazia mais conforto material a sua vida, embora o imbecilizasse e escravizasse cada vez mais.

¹³⁴ HAKIN, apud C. A. P. TAVARES, *O que são comunidades alternativas*, 1985, p. 27.

A partir desta década o movimento perde sua força. Os descendentes destes contestadores vivenciaram a sociedade alternativa, o resgate das tradições que vieram do Oriente. No meio deste contexto, os valores Orientais se fizeram presente, acrescentando novos modismos e práticas ao mundo Ocidental.

No próximo item pretendemos abordar alguns momentos em que a Índia se fez potencialmente presente no Ocidente para o qual apresentaremos alguns fatos históricos.

2.2. A Índia no Ocidente

Em várias oportunidades a Índia penetrou no Ocidente. Quando Alexandre Magno invadiu a Índia, em 327 a.C, deu-se o intercâmbio entre as duas culturas. Voltando da expedição, o filósofo Pirro¹³⁵ difundiu os princípios da filosofia oriental, influenciando os epicuritas¹³⁶ e os estóicos¹³⁷.

Vinte e três séculos atrás, o imperador Ashoka, rei na Índia, enviou emissários religiosos à China e também ao Ocidente. No mundo helênico, estes monges predicaram coisas novas para a época, como: renúncia, caridade e amor, noções bem diferentes das pregadas pelas religiões gregas, egípcia, babilônica e pela religião dos hebreus. Vários monastérios foram fundados por monges vindos do Oriente, dos quais se encontram vestígios ainda hoje em Antioquia e Alexandria. Estas últimas cidades representavam o centro cultural da época, passaram a ser intensamente visitadas pelos monges budistas no século IV de nossa era. São Jerônimo falava dos *falsos profetas da Índia*, o que indica que a pregação continuava forte por esses lugares. Alguns leitores dos Evangelhos ainda reconhecem ensinamentos budistas no Sermão da Montanha.¹³⁸

¹³⁵ Pirro. 318 a.C- 272 a.C, rei de Édipo e rei da Macedônia. Famoso por ter sido um dos grandes opositores de Roma vencendo-a em grandes batalhas como as de Heráclito, Ásculo e Sicília. Conhecido como um grande guerreiro, seu nome tornou-se famoso através da expressão "vitória pírrica".

¹³⁶ Epicuristas, seguidores da filosofia de Epicuro de Samos, ateniense do século IV a.C. Sua filosofia se baseava na busca do prazer e na prática. Afirmava que para ser feliz o homem necessitava de três coisas: liberdade, amizade, e tempo para meditar.

¹³⁷ Estóico é um sistema filosófico do fim do século IV a. C., criado por Zenon de Citio. De forte orientação ética, prega o autocontrole e o desapego. Recomenda a liberação das paixões e defende que o sábio deve-se desfazer das influências da sociedade.

¹³⁸ Cf.SORMAN, S. *El gênio de la Índia*, 2002, p. 229.

Flavius Josefo¹³⁹ observou que os fariseus de Alexandria haviam tomado dos indianos crenças, como a ressurreição dos mortos. De uma forma mais trivial, referimo-nos ao uso das campainhas e dos incensos nos rituais cristãos, como a um empréstimo do ritual indiano. No século XIX, havia missionários católicos que se indignavam com o fato de que na Índia, “esses pagãos utilizassem nossas campainhas e nosso incenso”¹⁴⁰, crítica que foi feita pelo padre Huc na sua obra *Voyage en Barbárie*, um livro de êxito publicado em Paris, em 1860.

Num segundo momento, a Índia penetrou no Ocidente no século do Iluminismo. Os relatos dos aventureiros que chegavam à Europa falavam de uma Índia tolerante, na qual os cultos abundavam e coexistiam, podia-se num mesmo lugar venerar a distintos deuses sem violência nem excomunhão como acontecia no Ocidente.

Princípios filosóficos védicos começaram a ser ensinados no Collège de France e em universidades alemãs. Entre outras coisas, as medidas do tempo indiano¹⁴¹ surpreenderam os europeus, acostumados a ciclos de tempo bem mais curtos como os que apareciam na Bíblia e que se tinham tornado regra no Ocidente.

O estudo do sânscrito revelou uma língua anterior ao grego e ao latim. Porém, a Índia foi relegada e tachada de atrasada pelos estudiosos racionalistas da época, que viam nela um lugar cheio de templos e superstições.

O contato oficial entre a Índia e o Ocidente se deu por ocasião do Congresso de Religiões de Chicago de 1893 (World Parliament of Religions), durante a Columbian Exposition. Grandes líderes religiosos da época ouviram e apreciaram o jovem Swami Vivekananda (1863-1902), discípulo de outro

¹³⁹ Flavius Josefo, (37 a.C - 103 d.C) historiador judeu do século I, de ascendência sacerdotal e real. Sobreviveu à destruição de Jerusalém do ano 70. Viveu em Roma. Autor de “Antiguidades Judaicas.”

¹⁴⁰ Ibidem, p. 229.

¹⁴¹ O tempo moderno bíblico finito, limitado, se contrapõe à teoria do tempo repetível da tradição hinduísta. A crença no mito da repetição eterna e da criação periódica do Universo se encontra no Atharva Veda (x,8, 39-40). A especulação hinduísta combina os ritmos que ordenam a periodicidade da criação e a destruição do Cosmos. A unidade menor de cada ciclo é o “Yuga”. A cada quatro Yugas temos um Maha - yuga, cuja duração é de 4.320.000 anos. Um Yuga é precedido por uma aurora e um crepúsculo que enlaçam as idades entre si. O ciclo completo é o Maha -yuga e se compõe de quatro idades de duração desigual, das quais a mais longa aparece no princípio do ciclo e a mais curta ao final. Assim a primeira idade Krita-Yuga tem uma duração de 1.728.000 anos; a Treta-Yuga, 1.296.000anos; a Dvapara-Yuga, 864.000 anos. Segundo os cálculos cósmicos, a nossa era, Kali-Yuga, começou há 3.102 anos a.C. e é a de maior decadência.

Swami¹⁴² muito conhecido do Ocidente, Ramakrishna (1834-1886)¹⁴³. Vivekananda divulgou na América do Norte a filosofia vedanta¹⁴⁴ e no seu retorno à Índia, em 1897, fundou a ordem Ramakrishna, que hoje se encontra espalhada pelo mundo, cujo lema é: “Buscar a própria realização espiritual e servir ao homem”¹⁴⁵.

Em 1897, Vivekananda também fundou nos EUA a Vedanta Society. Seu discípulo Prabhavananda se estabeleceu na Califórnia e foi guru de Aldoux Huxley, amigo de Krishnamurti¹⁴⁶ na comunidade Teosófica de Ojai e consultor de Michael Murphy¹⁴⁷, um dos precursores do projeto Esalem, ou Esalem Institute.

Schopenhauer foi extremamente influenciado pela noção do nada do budismo, o que pode ser constatado no livro *O mundo como vontade e representação* e outros. Além disso, o filósofo exalta, em *Princípios da filosofia de Kan*, os pensadores imanentistas Giordano Bruno e Spinoza, que tinham uma noção do divino muito próxima do Hinduísmo.

No século XIX, Helena Blavatsky também buscava na Índia uma forte inspiração que influenciaria a Teosofia¹⁴⁸ e se espalharia pelo mundo, chegando ao Brasil anos depois.

¹⁴² Swami: denominação que se dá ao monge renunciado, aquele que tem pleno controle dos sentidos.

¹⁴³ Considerado o grande místico da Índia moderna. Mergulhou em diversas práticas de meditação. Trilhou diferentes caminhos do Hinduísmo, praticou o Islamismo e mais tarde o Cristianismo. Chegou à conclusão que Deus servia a todos por igual.

¹⁴⁴ Literalmente “final dos Vedas”. Refere-se a um sistema de filosofia - advaita-vedanta - baseada nos Upanishad, que ensinam uma interpretação espiritual dos Vedas.

¹⁴⁵ A Vedanta no Brasil. <http://vedanta.org.br/index.asp?Codsecao=29>. Acesso em: 5/3/2006.

¹⁴⁶ Segundo Krishnamurti o espírito religioso não tem nada a ver com o conformismo, os dogmas, os ritos e as organizações espirituais ou religiosas.

¹⁴⁷ Murphy era um iniciado na prática da meditação indiana. Amigo pessoal de Sri Aurobindo, trouxe para Esalem o conceito de desenvolvimento evolutivo e a filosofia que primava pela síntese do físico e do espiritual. Fundador junto com Price da Human Potential Movement. A experiência mais representativa do HPM é a Psicologia Transpessoal, entre cujos métodos se encontram a meditação oriental e o Yoga.

¹⁴⁸ Teosofia é o sistema filosófico versado no conhecimento da realidade transcendente que se faz presente por meio de revelações ou da prática do ocultismo. Etimologicamente, vem do grego theos e Sophia, sabedoria. A moderna Teosofia foi fundada em Nova York pela mística russa Madame Helena Pretova Blavatsky e afirma que todas as religiões têm origem na mesma raiz ou sabedoria arcaica, repetindo muitos mitos e símbolos. O estudo de seus segredos pode conduzir as pessoas à verdade e à unidade espiritual.

Segundo BLAVASTKY, *A doutrina secreta*, todas as religiões compartilham das seguintes idéias: a) a existência de uma divindade absoluta como fonte de tudo; b) a pessoa, ao tornar-se pura como a fonte, pode receber os segredos divinos; c) a natureza imortal da humanidade é uma radiação daquela divindade. Todos os ramos da Teosofia moderna se orientam pelos seguintes objetivos comuns: formar um grupo de fraternidade universal sem distinção de credos, sexo, casta ou cor; encorajar o estudo comparativo das religiões, da filosofia e da ciência; investigar as leis inexploradas da natureza e os poderes latentes no homem. Os principais expoentes da Teosofia foram Helena Blavatsky, o coronel norte-americano Henry Steel Olcott e o advogado norte-americano William Q. Judge. Entre os principais discípulos de Blavatsky se destacaram a ativista feminista Annie Wood Bessant e o indiano Jiddu Krishnamurti, que participou da Sociedade Teosófica de 1908 a 1930.

Helena Blavastky é amplamente citada na literatura ocidental, seu nome é reiteradamente mencionado em *Ulysses*, de James Joyce e Fernando Pessoa não só a leu como a traduziu também. O escritor lusitano verteu para o português *The voice of the silence* da famosa mística russa.

No século XX, especificamente nos anos 60, em Forres, ao norte da Escócia, surgiria uma outra comunidade alternativa nos padrões da Nova Era, a *Findhorn Foundation*, assim definida por Aldo Terrin:

... em *Findhorn*, vive-se uma experiência de tranquilidade, de meditação, solidão e paz, mesmo que os invernos sejam particularmente rígidos, vive-se em contato com a terra, cultivando flores, construindo estufas (...) e arando a terra para que as hortaliças possam crescer. (...) A dança, o *yoga*, a cozinha vegetariana e os momentos da vida comunitária formam um todo bem organizado *life style*, no qual o freqüentador se acomoda fácil e serenamente.¹⁴⁹

As idéias de 68 influenciaram o movimento ecológico e o movimento feminino da nossa época¹⁵⁰. O legado de Gandhi (1869-1948) serviu como bandeira para os que adotaram uma forma de vida alternativa e se engajou nas filosofias orientais. Mohandas Karamchand Gandhi, sem ser um mestre espiritual, foi considerado pela população indiana como um santo. Sendo um hinduísta ortodoxo, apesar de sua repulsa pelo sistema de castas, baseou sua luta pela independência da Índia em quatro pilares: *satya* (verdade divina); *ahimsa* (não-violência); *tapasya* (renúncia); e *svaraj* (autonomia e liberdade). Outros nomes bastante conhecidos no Ocidente foram os de *Sri Aurobindo* (1872-1950), *Ramana Maharishi* (1879-1950), e *Sivananda* (1887-1963), que realizaram importantes reformas dentro do Hinduísmo, assim como também o poeta e filósofo *Rabindranath Tagore*¹⁵¹ (1867-1941), que se refere à Índia da seguinte forma:

A Índia tem aberto e alargado durante muitos séculos, o caminho que conduz a uma vida muito além da morte.

Muito mais alta que a idealização do egoísmo político e da avidez insaciável da acumulação.

¹⁴⁹TERRIN, N. A . *O rito*, antropologia e fenomenologia da ritualidade, 2004, p. 51.

¹⁵⁰A visão ecológica pressupõe uma visão totalizante, da interdependência que inclui todos os seres. Esta visão está de acordo com a visão holística dos NMR (Novos Movimentos Religiosos) surgidos à partir da década de 70. Com relação ao movimento feminino verificou-se a igualdade de direitos, o uso de métodos contraceptivos e uma participação política antes limitada ao mundo masculino.

¹⁵¹ Poeta, filósofo e espiritualista indiano.

A entrada da Índia no Ocidente na época contemporânea está relacionada a uma aparente *orientalização* do Cristianismo no Ocidente, uma busca de Deus em nós que substitui a busca de Deus acima de nós.¹⁵² Ao tratar da adoção do orientalismo na sociedade paulistana, deveremos ter o cuidado de identificar quais são os limites entre aquele orientalismo considerado mais próximo do tradicional ou aquele ao qual Edward W. Said se refere. Ele cita numerosas vezes que o Orientalismo Ocidental foi uma criação tipicamente européia que vem sendo construída desde o colonialismo britânico e francês na Ásia.

Falar de Orientalismo é falar principalmente ainda, embora que, não exclusivamente de uma empresa cultural britânica e francesa, mas de um projeto cujas dimensões se estendem em campos tão díspares como os da própria imaginação: todo o território da Índia, dos países do Mediterrâneo oriental, as terras e textos bíblicos, o comércio das espécies, os exércitos coloniais e uma longa tradição de administradores coloniais, um impressionante conjunto de textos, inumeráveis especialistas em tudo referente ao Oriente, um corpo de professores orientalistas, um complexo aparato de idéias orientais, (despotismo, esplendor, crueldade, sensualidade oriental), muitas seitas, filosofias e sabedorias adaptadas ao uso local europeu.¹⁵³

Acrescenta ainda:

“Meu ponto de vista, é que, o Orientalismo provém de uma relação muito particular que mantiveram a França e a Grã-Bretanha com o Oriente, que até princípios do século XIX somente havia-se limitado à Índia e às terras bíblicas”.¹⁵⁴

Talvez a sociedade moderna esteja ainda impregnada do romantismo colonialista do século XIX e perceba nas raízes de algumas tradições orientais um sustento filosófico para sua existência, embora, idealizado.

Não poderemos deixar de mencionar o quanto o desencanto com o próprio Ocidente - Pierucci se refere a des-divinização da natureza, a perda de atrativo da religião na cultura moderna¹⁵⁵ - contribuiu para a retomada de crenças e práticas tradicionais. Somado a isso, o misticismo sedutor e o exotismo oriental parecem

¹⁵²SORMAN, G. *El genio de la Índia*, 2002, p. 241.

¹⁵³ SAID, E.W. *Orientalismo*, 2003, p. 22.

¹⁵⁴ Ibidem, p. 22-23.

¹⁵⁵ Cf. PIERUCCI, A .F. A propósito do auto-engano em sociologia da religião, *Reencantamento e dessecularização*. Apud, Johannes Winckelmann. 1997, p.106. “Perda de charme. Perda de encanto, se me permitem o trocadilho. Literalmente des-encanto. Entzauberung der Welt, disse-o Max Weber, parafrasando o inspirado sintagma que Shiller cunhou na poética sonoridade da língua alemã, *Entgoetterung der Natur*, des-vinização da natureza, colando-lhe neste *transfert* um significado muito diferente do que o que neste momento emprego para aludir à perda de atrativo da religião na cultura moderna”.

ter dado boas razões para a entrada da Índia no mundo Ocidental principalmente no âmago da sociedade paulistana, caracterizada pelo pluralismo. Nas palavras de *Rabindranath Tagore*: “O homem que ainda não compreendeu seu parentesco com o mundo, vive numa prisão de altos e sombrios muros”¹⁵⁶

Podemos acrescentar que a Modernidade e o rápido processo de secularização, operante desde as últimas décadas, muito têm contribuído para o desenvolvimento das práticas e das crenças que nos chegam fragmentadas, encontrando um solo fértil para frutificar no nosso meio¹⁵⁷.

Percebemos que existe uma grande quantidade de ofertas no mercado religioso, basta dar uma olhada nos classificados dos jornais, que muito colaboram, como afirma Pierucci, “para desenraizar os indivíduos, desafiando-os de suas crenças tradicionais”¹⁵⁸.

Devemos lembrar que, existe na sociedade moderna um grande descrédito relacionado às religiões tradicionais judaico-cristãs, talvez sejam, um dos principais motivos para a procura de novas experiências que atinjam o sagrado.

2.3. Globalização e rituais hinduístas

Do mesmo modo que reconhecemos a importância da globalização do ponto de vista econômico, político e cultural, não podemos ficar alheios, que a mesma tenha produzido influências quanto ao campo das crenças e religiões. Dois papas alertaram sobre a importância da influência do Oriente no Ocidente, o Papa João Paulo II, em carta apostólica “*Orientalium humer*” de dois de maio de 1995, e o Papa Leão XIII, com as cartas, “*Orientalium Dignitas*” e “*Ad extremas Orientis oras*”.¹⁵⁹

Embora não seja um fato novo, o que temos de atual na globalização é a tecnologia a serviço do trânsito de símbolos e valores culturais. Esse serviço a

¹⁵⁶TUMMER, L. *La sabiduría de Rabindranath Tagore*, 2004, p. 128.

¹⁵⁷ Cf. PIERUCCI, A. F. *Reencantamento e dessecularização*, 1997.

¹⁵⁸ *Ibidem.*, p. 114.

¹⁵⁹ *Cartas apostólicas*. [Http://www.intratext.com/IXT/ITA1614/PIHTM](http://www.intratext.com/IXT/ITA1614/PIHTM).

disposição de um mercado consumidor de produtos religiosos e de crenças que, não sendo novas¹⁶⁰, vem a ser conhecidas por um público maior.

As ondas de imigrantes asiáticos para Europa, América do Norte e América do Sul no século XX, levaram uma variedade de novos conceitos religiosos, culturais que detonaram variadas re-significações e sincretismos, mostraram individualismos do homem contemporâneo no mundo ocidental. Num trabalho sobre o transplante do Budismo na Alemanha, Martin Baumann analisa os prováveis caminhos que o budismo seguiu do seu lugar de origem até a disseminação pela Europa e América do Norte preferindo inclusive falar o que ele chamou de “*global*” or “*globalized Buddhism*”.¹⁶¹ Outro trabalho do mesmo autor, apresentado no 18º Congresso da Associação Internacional para a História das Religiões em Durban, África do Sul, no ano 2000, Baumann, analisa as fases da diáspora indiana em Trinidad, América do Sul. Identifica cinco fases nesse processo e percebe as transformações nas tradições religiosas transplantadas. Porém, observamos que a integração de elementos da religiosidade indiana no contexto brasileiro segue outros caminhos, já que, carecemos de uma imigração indiana significativa. No Museu do Imigrante de São Paulo foi-nos informado que no início do século XX, alguns imigrantes indianos trouxeram o gado zebu e se estabeleceram em Minas Gerais para orientar os fazendeiros da região.

Nossos contatos com o universo indiano sempre tiveram outras conexões, via Portugal no período colonizador e via Europa – EUA durante o século XX. Os rituais hinduístas chegaram dentro deste último contexto, acrescentando crenças e práticas específicas. Atualmente o incremento tecnológico enriquece a expansão do universo indiano na nossa sociedade.

Neste capítulo tencionamos mostrar como as mudanças sociais que se processaram a partir dos anos sessenta, influíram intensamente na entrada de elementos orientais nas sociedades ocidentais. Deus, que até então parecia estar morto, foi novamente ressuscitado.¹⁶² Os vínculos com o sagrado e o sobrenatural, a idéia do homem em comunhão com a natureza, idéias estas estreitamente vinculadas a conceitos orientais prevaleceu, principalmente entre as novas

¹⁶⁰ Nos referimos ao Budismo, Hinduísmo e Taoísmo.

¹⁶¹ Cf. BAUMANN, M. Martim <http://www-user.unibremen.de/~mbaumann/lectures/durb-dia.htm>, 2006.

¹⁶² Cf. BERGER, P. *Um rumor de Anjos*, 1973.

correntes trazendo mudanças. O mundo começou a ficar menor, com isso as relações com o Oriente se estreitaram. É no meio desses encontros, que os rituais hinduístas se fazem presente e representam essas minorias diferenciadas carregadas de sentido, adquirem uma conotação que não existia antes, no seu lugar de origem.

CAPÍTULO III - A TRADIÇÃO HINDUÍSTA CONSTRUÍDA NO BRASIL

Neste capítulo esperamos trazer à tona alguns aspectos que envolvem a construção da tradição hinduísta no Brasil. Pretendemos também, levar em consideração os aspectos históricos da entrada da cultura da Índia no Brasil, principalmente no que tange a religião. Verificaremos a prática dos rituais hinduístas dentro de três grupos diferentes, a saber, os rituais dentro do movimento Hare Krishna, os rituais dentro de algumas academias de Yoga e os rituais dentro do grupo Agnihotra.

Percebemos que à Índia se fez presente no universo da cultura material brasileira desde os tempos coloniais. Mas, foi no século XX que o Oriente penetrou no Brasil, com as variedades filosóficas e religiosas, que, acrescentaram um novo tom as pluralidades brasileiras. Estas atitudes surgiram principalmente na classe média urbana das grandes metrópoles brasileiras, especialmente São Paulo, e introduziram práticas vinculadas a novidades espirituais.

A Índia chegou no Brasil antes que o Hinduísmo o fizera. Segundo a historiadora Fernanda Camargo-Moro afirmara que: “o contato entre a Índia e o Brasil, aconteceu no processo que levou Portugal a instalar suas colônias na América e Ásia”¹⁶³.

Gilberto Freyre também se refere à influência de costumes orientais na sociedade brasileira que reforçariam, por exemplo, o patriarcalismo¹⁶⁴ e a hierarquia social.¹⁶⁵

¹⁶³ Esse intercâmbio intenso e constante permitiu a entrada no Brasil de uma enorme variedade de espécies que se incorporariam ao habitat brasileiro principalmente daquele que se relaciona com as especiarias. Em 1578, tiveram seu plantio suspenso mais já era tarde demais. As raízes do gengibre indiano se espalharam por todo o território. Os navios de carreira intercambiavam informações entre os engenhos Gujarat e os engenhos do nordeste.

As “cousas” do Oriente passaram a influenciar desde a culinária da casa dos senhores os doces temperados com cravo e canela, até o uso da pimenta de Malabar. O contrabando permitiu acumular produtos de Goa nas casas coloniais.

¹⁶⁴ FREYRE, G. *China tropical*, 2003, p. 25 “Difícilmente se admite que um ser social e cultural tão cercado de objetos materiais do Oriente, como o brasileiro ou o português do Brasil da época colonial e dos primeiros anos do século XIX, não sofresse influências no seu modo de pensar e de sentir, que principalmente reforçaram no sexo, na classe e na raça dominante, ou senhoris, atitudes patriarcais de superioridade sobre os demais elementos da sociedade”.

¹⁶⁵ *Ibidem*, p. 80. Fora também oriental o costume de se reverenciarem em solenidades oficiais, com zumbarias características de extremo respeito à governantes, quando não a pessoas... Oriental é o costume de se ajoelharem todos na rua a passagem da Rainha ou de qualquer membro da família real, desde que a ilustre família se transferiu de Portugal para o Rio de Janeiro, ou o de a gente servil se curvar diante da senhoril em gestos que se tornam conhecidos entre nós por aquele nome indiano: zumbaias, também trocadas entre iguais na classe, na raça e na cultura regional.”

Se o materialismo indiano se manifestou em vários aspectos da vida cotidiana da colônia brasileira, de certa forma, a religião também se insinuava através da arte, em especial, da arte barroca e de elementos utilizados no ritual da missa que já antes tinham sido acrescentados nuances indianas ao mundo ibérico. Elementos indianos de decoração como os altares, as varandas, os pátios abertos, as janelas de gelsias re-significavam a arquitetura goesa¹⁶⁶. As senhoras mais abastadas não iam a missa sem seus belos xales bordados e seus rosários de contas de calambá, comprados nos navios de carreira que vinham da Índia.¹⁶⁷ O mesmo aconteceria no governo de D. Pedro I, cujo costume de usar bengala se tornara comum.¹⁶⁸

Observamos ainda, no costume do lava-pés do período colonial, uma certa semelhança ao ritual indiano de atender os pés do guru.

Na literatura brasileira também se destacam os vários elementos orientais inseridos na obra de autores do século XIX, como: Machado de Assis (que cita o gigante Purusha, em *memórias póstumas de Bras Cubas*) e Cruz e Souza (vide os poemas “Torre de ouro”, do livro *Broqueis*, e “Êxtase búdico”, da obra *últimos sonetos*). No século XX, a lista aumenta: Augusto dos anjos, Guimarães Rosa (que cita o chandogya-upanishad em “cara-de-bronze”, do livro *Urubuquaquá, no pinhém*), Clarice Lispector (que usa um trecho dos Upanishads como epígrafe do seu romance *a maçã no escuro*, mencionada na teosofia, de Helena Blavatsky).

As filosofias da Índia e a espiritualidade indiana chegaram bem depois que a cultura material. Conforme José Jorge de Carvalho,¹⁶⁹ está associada a um terceiro momento, representado pela entrada do esoterismo e particularmente pelo ingresso da Teosofia na esfera da espiritualidade brasileira no início do século XX. Segundo este autor as tradições esotéricas, ajudaram e influenciaram nossa sociedade no campo religioso. Ampliaram nosso universo ajudando a difundir o mundo das religiões orientais, muito particularmente da tradição hinduísta, considerada pelos teósofos, como: “a mais profunda religião da

¹⁶⁶ Originária de Goa, Cidade e estado da Índia. Situada na costa Ocidental a cerca de 400 km de Bombaim. É um dos menores estados em território e população.

A partir de 1510 foi capital do estado português da Índia tendo sido tomada pela União Indiana em 1961.

¹⁶⁷ No século XVII a entrada de navios de carreira procedentes da Índia, foram 45 e no século XVIII, 148 além de quatro procedentes de Macau.

¹⁶⁸ Encontra-se num anúncio de 15 de janeiro de 1822, no Diário do Rio de Janeiro anúncios de venda de “bengalas de cana da Índia”.

¹⁶⁹ CARVALHO, J. *O encontro de Velhas e Novas Religiões*, 1994, p. 74.

humanidade". Assim vemos que, diálogos e leituras das tradições espirituais orientais começaram ser introduzidas no Brasil. A linguagem do Hinduísmo começara ser sentida na formação da religiosidade brasileira. No cotidiano começam a aparecer palavras restritas a determinados círculos espiritualistas como reencarnação, karma e transmigração.

3.1 - Presenças religiosas hinduístas no Brasil

Em 1957, o Swami Vijayananda, discípulo de Vivekananda, herdeiro de Ramakrisna, fizera a primeira das tantas viagens que realizaria ao Brasil e outros países da América Latina até 1972 marcando a introdução de algumas características do pensamento hinduísta no Brasil. Portanto, as grandes transformações ocorreriam a partir dos anos 70 com o ingresso de diversas escolas hinduístas, no momento da contracultura, de um ocidente conturbado que passava por ondas de contestações que envolviam também, a espiritualidade.

Diferentemente de outros lugares do ocidente, onde o Hinduísmo se desenvolvera com a imigração de indianos, o processo de inculturação no Brasil se fez por meio de transplante dos símbolos indianos que aqui permaneceram embora encontrando um ambiente distinto.

Dentro das presenças religiosas no Brasil, destacamos o movimento Hare Krishna. Tido como um movimento bastante organizado, os Hare Krishna entrariam no Brasil em 1974 por meio de alguns devotos jovens iniciados fora do país. O fundador deste movimento, o mestre Srila Prabhupada veio da Índia para o Ocidente em 1965, iniciando sua prédica nos EUA. No Brasil os Hare Krishna se instalaram principalmente dentro de grandes cidades como Rio de Janeiro e São Paulo. É uma congregação de origem vaishnava¹⁷⁰ que segue uma doutrina fundamentada na Bhakti -Yoga. Nosso propósito neste capítulo é descrever alguns dos rituais que são realizados dentro deste grupo e perceber a importância que os mesmos tem para seus seguidores.

Procuraremos observar como esses rituais se processam e qual é a interpretação e a leitura dada pelos ritualistas.

¹⁷⁰ Seguidores de *Vishnu*.

Num segundo momento , faremos uma análise fundamentada na observação de algumas academias de Yoga, e comprovar o uso de alguns rituais provindos do Hinduísmo. Percebemos que o estudo das práticas ritualísticas nestes locais é importante. Verificamos através de propagandas pela Internet e outros meios de comunicação, como revistas especializadas em assuntos esotéricos, que existe uma oferta deste tipo de serviços, aos que Stark denominaria “especialistas religiosos”.¹⁷¹ Concluimos que o uso dos rituais tem uma clientela específica. Num terceiro momento desta análise nos deteremos a estudar o uso dos rituais hinduístas dentro de um movimento denominado Agnihotra. Este grupo afirma ter incorporado antigos ensinamentos provenientes dos Vedas, especialmente do Atharva Veda no que se refere aos benefícios da prática do ritual de fogo. Os praticantes destes rituais disseram, que, seu emprego determinaria notáveis melhoras em vários campos da vida do homem, do meio ambiente e do próprio planeta.¹⁷² Esse movimento relativamente recente no Brasil e na América Latina conta com alguns adeptos na cidade de São Paulo e arredores. Suas práticas e fundamentos são relevantes, conforme as características particulares que apresentam ao definir sua prática como científica.

Este terceiro capítulo tem como proposta uma análise da entrada do hinduísmo , particularmente em São Paulo, estudando seus rituais como uma das manifestações.

3.2. Presenças religiosas hinduístas em São Paulo

O Hinduísmo tem diferentes presenças em São Paulo. Há diferentes escolas que de certa forma mantêm um discurso similar. Preocupadas com o desenvolvimento espiritual e humano muitas oferecem cursos de meditação, filosofia, Yoga, culinária vegetariana, viagens à Índia, produtos indianos, que criam um clima de integração entre seus participantes. Com esse intuito são promovidos diversos encontros em que são oferecidos: palestras de gurus, workshops de Yoga, meditação, festivais de música e dança. Em 2006, foi anunciado, um Festival de Cultura Indiana que aconteceu em Atibaia oferecendo

¹⁷¹ Cf. STARK & W. Bainbridge w. *Theory of Religion*, 1996.

¹⁷² A prática do Agnihotra por este grupo estão relatadas na obra de Vasant V. Paranjpe sobre “Terapia Homa”.

praça de alimentação, dois palcos simultâneos, filmes indianos, cerimônias, Místicos, moda e shows. Escolas hinduístas representadas por Ramakrishna, Sivananda, Satya Saem Baba, e outras estavam no festival.

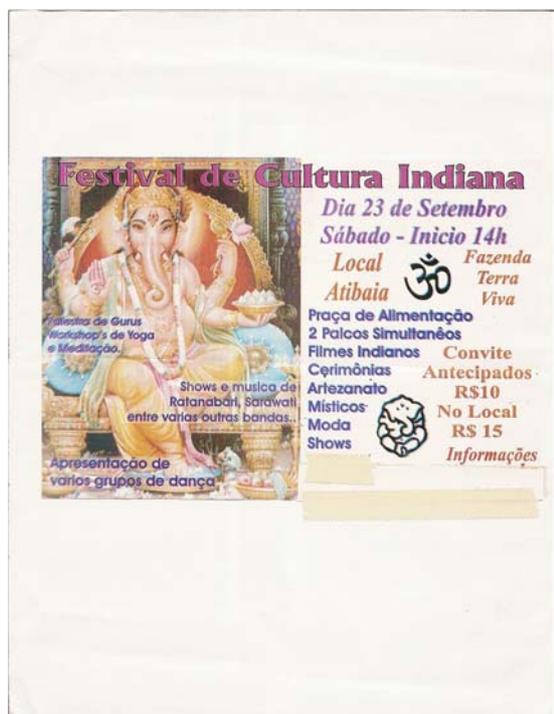


Fig. 3. Fac-símile de festival de Atibaia. (Fazenda Terra Viva)

A título de mostrar algumas dessas escolas atuantes na cidade de São Paulo, destacamos:

A Brahma Kumaris. Fundada em 1936, em Karachi, por Brahma Baba. Em 1969, Brahma Baba faleceu deixando a coordenação para Dadi Prakashman, que ainda continua como líder. Tem mais de 5000 filiais em mais de 80 países. No Brasil, desde 1979, tem escolas em diversas capitais e em algumas cidades do interior. É reconhecida como Entidade de Utilidade Pública nacional.

Ananda Marga. Fundada na Índia, em 1955 por Prabhat Ranjan Sarkar, cujo nome espiritual era, Anandamurti, a Ananda Marga é uma organização humanitária que procura associar as evoluções espirituais, baseadas no Tantra Yoga, com um trabalho social que inclui escolas, creches, atividades variadas para adolescentes, mulheres e outros trabalhos para populações carentes. No Brasil existe desde 1973, responsável por treze creches. Em Porto Alegre, recebe inclusive apoio do governo municipal. Em São Paulo, funciona um centro

em Santana onde são realizadas aulas de yoga, meditação, ayurveda e filosofia. No Alto Peri, bairro da zona norte, mantém uma creche e outra, na zona sul, além de fazer doações de alimentos a pessoas carentes.

3.3 - A ISKCON e seus rituais no processo do Bakti -yoga

A ISKCON ou Sociedade para a Consciência de *Krishna*, em inglês, International Society for Krishna Consciousness, formou-se como uma instituição de cunho filosófico – religioso nos EUA na década de sessenta. Fundado por *Sua Divina Graça A.C Bhaktivendanta Swami Prabhupada*, pertence a uma das quatro linhagens espirituais autorizadas pelos Vedas, a escola *Madha- Gaudyiyā*¹⁷³ *Sampradaya*¹⁷⁴. A instituição tem por objetivos a difusão da cultura védica praticando à devoção a Deus (Krishna), no aspecto pessoal¹⁷⁵ pelo processo de *Bakti - yoga*.

O fundador do Movimento para a Consciência de *Krishna* nasceu em Calcutá, Índia em 1908, e morreu em *Vrindavana* (Índia) em 1977. Filho de uma família de comerciantes de *Vaishnavas*, seguidor do Movimento *Gaudya Math, Bhaktivendanta S. Prabhupada* – ou *Abhay Charan*, renunciaria a vida mundana tornando-se um *sannyasi* aos sessenta e quatro anos de idade. É necessário contextualizar que o momento em que Srila Prabhupada nasceu, o neo-hinduismo que estava em plena efervescência o influenciou profundamente. Em 1959 começou a difundir a mensagem de Chaitanya¹⁷⁶

¹⁷³ Para a *Madha- Gaudyiyā*, a uto-realização espiritual é uma noção relacionada com a existência de um mundo espiritual, Vaikunta loca, diferente do mundo material.

¹⁷⁴ Sucessão discipular de gurus através dos quais se transmitem os ensinamentos de geração à geração. Outras sucessões discipulares são, *Rudra, Sri, e Kumara Sampradaya*.

¹⁷⁵ Segundo o vaishnavismo, a Verdade Absoluta sem personalidade seria incompleta, portanto a Verdade Absoluta, fonte de toda realidade cósmica, deve também possuir a qualidades que emana. Os vaishnavistas aceitam a três qualidades do Absoluto, *Brahman* (aspecto pessoal da Verdade Absoluta), *Paramatmā* (aspecto de Deus que guia a entidade viva) e *Bhagavan* (as qualidades inconcebíveis de Deus). Esta visão se contrapõe a de *Sankara*, impersonalista e que afirma que a entidade Suprema é carente de uma forma, de sentido, atividade e consciência individual.

¹⁷⁶ *Chaitanya Mahaprabu*, tido também como uma encarnação de Krishna na era de *Kali*, ressuscitou a devoção a Krishna de uma forma teísta e personalista. A adoração bakti tinha ainda raízes muito mais profundas que se remontam a séculos antes de Cristo. *Chaitanya* apareceu em Bengala (Índia) no século XV, e teria popularizado o canto do Maha mantra Hare Krishna que contém todos os nomes de Deus. O canto tem o objetivo da liberação espiritual nesta era de Kali. Após sua morte, seu irmão *Nityananda* continuou a tarefa de popularizar o mantra. No século XIX, um discípulo vaishnava chamado Bhaktivinoide, fundou uma instituição para congregar os devotos, a Missão Vaishnava. Mais tarde seu filho, *Bhaktisiddhanta*, seguiu seus passos e em 1918, fundou uma outra instituição, Gaudya Math Institute for teaching Krishna Consciousness que organizou a devoção a Krishna limitando também o número de escrituras a ser seguidas pelos ensinamentos dos mestres ou acharya numa sucessão discipular. Dentre estes mestres ou gurus estavam A.C Bhaktivedanta S. Prabhupada.

como seu mestre, *Srila Bhaktisiddhanta Saraswati Takura*,¹⁷⁷ lhe pedira décadas antes.

Em 1922, *Srila Bhaktisiddhanta Saraswati Takura*, recriara a terra de Sri Chaitanya Mahaprabhu, em Nadia, no centro da West Bengala onde se instalou um novo centro cerimonial.¹⁷⁸ Seria ele o 15° descendente de Nityananda Prabhu, o irmão de Chaitanya. Fundou em Jagannatha Puri uma sociedade de estudiosos do Bhagavata Purana, voltada para o estudo da Bhakti Yoga.

Escreveram numerosos poemas em bengali que se tornaram populares nos *kirtanas* cantados inclusive hoje entre os Hare Krishna. Escreveu também, outras obras de índole vaishnava, inclusive um Bagavad gita que, contribuiriam para o pensamento de Prabhupada,

Segundo M. Silva cita¹⁷⁹, a biografia escrita por Rupa Vilasa Das, um membro da ISKCON, *Srila Bhaktisiddhanta Saraswati Takura* reviveu a mensagem do Senhor *Chaitanya* e publicou escritos dos *Goswamis* (os principais apóstolos do Senhor *Chaitanya*) e provou a importância desses ensinamentos para o mundo moderno.

Segundo pensa V. Turner, o movimento Bakti, iniciado em Bengala no século XVI, é um símbolo do “Communitas”.¹⁸⁰ ou seja, a consciência de pertencer a uma comunidade que conhece e partilha das mesmas experiências. É nessa experiência do cotidiano Hare Krishna que se expressam os rituais que se percebem a consciência da qual fala V. Turner.

Durante a festa do *RataYatra* realizada anualmente em São Paulo, as deidades são exibidas em procissão por uma avenida importante de São Paulo, experiência da qual todos compartilham.

Em 1965, *Prabhupada* chegou à Nova Iorque iniciou sua pregação no Ocidente no momento do apogeu da contracultura e do movimento hippie.¹⁸¹

¹⁷⁷ Bhaktivinoda Thakur, importante magistrado bengali, pertencente a Renascença Hindu.

¹⁷⁸ SILVA, M. *Hari Nama Sankirtana*, 1999, p.19.

¹⁷⁹ Ibidem, p. 19.

¹⁸⁰ TURNER, V. *O processo ritual*.1978, p.19.

¹⁸¹ Prabhupada foi para os EUA numa viagem de Calcutá até Boston, a bordo do cargueiro Jaladuta. Levando apenas o equivalente a US\$ 8,00 em rúpias, recebeu a passagem gratuita da Companhia de navegação Scindia. Teria escrito as seguintes palavras a bordo do navio: “ Absortos em vida material, eles (os norteamericanos), julgam-se muito felizes e satisfeitos, e por isso não sentem nenhum gosto transcendental pela mensagem de Krishna (...) Mais sei que tua misericórdia imotivada fará tudo o possível , pois és o místico mais hábil...”

Durante o primeiro ano nos EUA, solidificou a prédica e em setembro de 1966, começou a iniciar alguns discípulos. Numa linha sucessória de discípulos (*Parampara*), *Prabhupada* era o décimo *acharya* a partir de *Sri Chaitanya*. Ainda que, conhecesse a tradição védica, a disciplina rígida e a prática de austeridades um treino permanente que permitem que um discípulo se torne um mestre, *Prabhupada* acrescentou um tom diferenciado a sua prédica, ressaltando que um guru poderia observar e adaptar certos conteúdos a filosofia védica de acordo com tempo, lugar e circunstâncias.

Esta última característica permitiu que o Movimento Hare Krishna se espalhasse prontamente por inúmeras cidades do Ocidente, inclusive o Brasil.

Existe uma discussão que pretende definir ao certo as características que definem este grupo, como sendo: uma seita ou uma religião ou sociedade espiritual. Existe algumas dúvidas que diz respeito a definição do Movimento Hare Krishna que definiriam a categoria a qual esse grupo pertence. Não é o propósito do trabalho acalantar essa discussão embora saibamos que a sociedade ocidental tem desejado enquadrá-lo e com isso criar um certo preconceito¹⁸²

3.3.1. O conceito de Deus, os princípios regulativos, e a Bakti-Yoga

Todos os princípios que organizam o Movimento *Hare Krishna* se fundamentam na adoração a *Krishna* e na prática da *Bakti – yoga* como já foi

¹⁸² Cf. STARK, R. & W. Bainbridge¹⁸², *Theory of religion*, 1996. Guiados por Benton Johnson e por um ensaio escrito anteriormente, “*Of Churches, Sects and Cults*” definem o assunto.^a Uma igreja é uma organização convencional. B. Um movimento de seita é uma organização desviante com crenças e práticas tradicionais. C. Um movimento de culto é uma organização religiosa desviante com crenças novas.

Percebemos que na formação da ISKCON, há uma estrutura burocratizada, hierarquizada com o intuito de preparar pessoas reprodutoras da filosofia e estilo de vida *Hare Krishna*. Este estilo se assemelha a uma instituição nos moldes de uma igreja.

Em relação ao item B, identificamos algumas características de seita: uma rejeição aos valores ocidentais, busca de novos modelos, tendência segregacionista onde prevalece um isolamento que se denota na formação de algumas comunidades agrícolas espalhadas pelo mundo inclusive no Brasil, como a comunidade de *Nova Gokula* em Pindamonhangaba, São Paulo. Identificamos na figura de *Prabhupada* um líder carismático que permanece na memória do grupo, o elo entre Oriente e Ocidente objeto de um ritual específico de adoração dentro do templo.

Identificamos algumas características de *cult* dado que *Prabhupada* introduziu um conceito novo relacionado a iniciação de *brâmanas* no Ocidente. Deixando de lado a tradição védica onde a função de

brahmana é exercida por uma casta específica, dentro do Movimento *Hare Krishna* é possível ser *brahmana* quando se cumpre o processo de iniciações e o cumprimento dos princípios regulativos. Qualquer devoto pode se tornar um *pujari*, aquele sacerdote que atende as deidades do altar no templo, ao ter a segunda iniciação *brahminica*. Na realidade *Prabhupada* deixou explícito que o que significariam castas sociais na Índia, aqui no Ocidente essas diferenças advêm do trabalho exercido dentro da congregação e dos dons que se tenham naturalmente para determinadas tarefas a serem cumpridas no templo.

Portanto, analisando as três definições acima especificadas, parece difícil definir este movimento dentro de uma categoria específica já que encontramos aspectos das três definições anteriormente citadas.

exposto anteriormente ou, o Yoga da devoção.¹⁸³ Dissemos que o grande livro ético – filosófico do movimento é o *Bhagavad gita*. É a história da batalha de *Kuruksetra*. A origem do conflito é a disputa pelo trono do reino..... O rei *Vichitraviria* casou-se com duas irmãs e morreu sem deixar descendente. Conforme mandava a tradição, *Vyasa*, seu irmão, dever-se-ia casar com as viúvas com as quais teve dois filhos. *Dhritarastra*, o mais velho, teve cem filhos, dos quais o primogênito se chamava *Duryodhama* e o mais novo, *Pandu* que teve cinco filhos, grandes guerreiros conhecidos como *Pândavas*.

Dhitarashtra perdeu a visão, e continuou a ser rei, porém, somente figurativo, porque acabou entregando o poder a seu filho, *Duryodhama* que banuiu os filhos de *Pandu*, seus primos, que voltaram a sua terra para formar um poderoso exército. Durante o combate é que se desenvolvem os conceitos éticos dos dois grupos. A representação do mal correspondia ao exército de *Duryodhama*, os *Kurus*, encarnados em *Bhisma*. Por outro lado, os *Pândavas*, lideradas por *Bhima*, correspondia à vontade espiritual em que *Arjuna* é uma das principais personagens. Ele está acompanhado pelos irmãos. Achando que se tratava de uma guerra fratricida por se tratar dos primos, disse a *Krishna* que preferia morrer a se defender já que teria que matar seus parentes. Porém *Krishna* lhe demonstra a necessidade dessa luta através de um discurso filosófico que faz *Arjuna* reconhecer a importância dessa luta que lhes permitiria alcançar a vitória.

O argumento que convence *Arjuna* é que só o corpo morre e que o espírito sobrevive. *Krishna* o faz entender que , cumprir o dever é o que importa, ou seja, é o cumprimento do dharma hindu.

Segundo o *Bhagavad – gitã como ele é*, tradução e significados elaborados pelo fundador da ISKCON, AC Bhaktivedanta Swami *Prabhupada*, referindo-se a *Krishna* :

“Você é a personalidade de Deus original, o mais velho, o santuário definitivo deste mundo cósmico manifestado. Você é conhecedor de tudo e é tudo o que é cognoscível. Você é, o refúgio supremo situado acima dos modos materiais. Ó forma ilimitada! Esta manifestação cósmica inteira é penetrada por você”.¹⁸⁴

¹⁸³ Existem outros tipos de caminhos para alcançar o Supremo: Os três margas são caminhos e, o caminho está em função da meta. A meta é a salvação, (liberação,realização, iluminação). Os outros caminhos são: karma – marga, ou o caminho da ação, rompendo os obstáculos que através da ação.

Ainda o Jñana- marga é atingir esse estado por meio do conhecimento, o saber.

¹⁸⁴ PRABHUPADA. *Bhagavad –gitã como ele*, 2001, p. 559.

Baseado na literatura védica, *Prabhupada* estabeleceu os princípios regulativos contidos no Néctar da devoção, capítulo sete. No mesmo capítulo podem ser encontradas as ofensas que devem ser evitadas. Além de cantar o *Maha mantra Hare Krishna*, um devoto terá por obrigação:

- Não comer carne, peixes, aves ou ovos. Não se intoxicar, não praticar sexo ilícito (fora do casamento) e não praticar jogos de azar.
- Cultivar o conhecimento espiritual.
- Oferecer sempre os alimentos a Krishna.
- Ajudar o movimento proporcionando inclusive parte dos proventos.
- Associar-se a pessoas com a mesma inclinação espiritual.
- Tornar-se discípulo indicado de um mestre espiritual fidedigno.

Existem outras regras menores que também devem ser seguidas pelos devotos que não iremos mencionar aqui.

3.3.2. Os Rituais nos altares Hare Krishna

Nos propomos observar neste item apenas os rituais realizados diariamente nos templos pelos sacerdotes no altar. Porém, existem outros rituais¹⁸⁵ na vida diária do devoto, assim como, a celebração aos domingos¹⁸⁶ nos

¹⁸⁵ Os outros rituais do devoto Hare Krishna, começam pela própria higiene muito cedo pela manhã com um banho geralmente frio. Aqueles que moram no templo devem comparecer ao redor das 4:30 h. da manhã ao *mangala*, (canto congregacional); aproximadamente as 5:00 h se dedicam ao canto do *Mantra Hare Krishna* auxiliados da *Japa mala* (rosário de contas feito da planta tulasi), todo devoto deve cantar pelo menos dezesseis voltas; a seguir em torno das 7:00h acontece uma palestra sobre literatura védica, o *Srimad-Bhagavatam*, podemos considerar também que essa palestra ou estudo dos Vedas é também um ritual, já que tem um caráter muito simbólico; depois são realizados o *Govinda – puja* (adoração a *Krishna*) e o *Guru – puja* (adoração ao mestre), que analisaremos mais apuradamente; às 8:00h é servido o *prasadam* (alimentos consagrados a *Krishna*); ao meio-dia acontece o *Bhoga-arati* (oferendas); às 16:00h. o *Darshan* (as deidades podem ser vistas); às 19:00h, o *Sundara- arati* ou canto congregacional; às 19:30h nova palestra sobre o *Bhagavad- gita*; 20:30h, *Darshan* das deidades; 20:45, *Maha prassada*.

¹⁸⁶ Nessas programações de domingo são realizados *bhajans* (canções devocionais, músicas, mantras), *Kirtanas* (canto e dança congregacional), palestra sobre o *Bhagavad gita* e por último a distribuição gratuita de *prasadam*.

templos, ou mesmo nas festas que se celebram em diversas ocasiões do calendário vaishnava¹⁸⁷.

O caráter pessoal do vishnuismo é marcante na devoção Hare Krishna. Tudo gira na devoção, e na sacralidade do ritual realizado para *Krishna* e seus associados.

No canto um, capítulo Dois, texto 27 do *Srimad- Bhagavatam*, tradução e significados elaborados por A.C *Bhaktivedanta Swami Prabhupada* ao se referir a outros tipos de adoração está escrito:

Aqueles que estão nos modos de paixão e ignorância adoram os antepassados”, outros seres vivos, e os semideuses encarregados das atividades cósmicas, pois são impulsionados por um desejo de serem beneficiados materialmente com mulheres , riquezas, poder e nascimento aristocrático.¹⁸⁸

No *Bhagavad gita* como ele é, (Cap. 7, v.20), diz : “Aqueles cuja inteligência foi roubada pelos desejos materiais rendem-se aos”. semideuses e prestam adoração através de determinadas regras e regulações que se coadunam com sua própria natureza.”

E ainda no verso 23 do mesmo capítulo: “Homens de pouca inteligência adoram os semideuses, e seus frutos são”. Limitados e temporários. Aqueles que adoram semideuses vão para os planetas de semideuses, mas Meus devotos acabam alcançando o planeta supremo.”

A visão de *Prabhupada* com relação à adoração dentro da *Bakti-yoga* é clara. Somente deverá ser observada a adoração a Krishna e demais deidades do

¹⁸⁷ Essas outras festividades são: *Nrsimha Chaturdasi* (aparecimento do Senhor *Nrishimhadeva*) e desaparecimento de *Srila Bhaktivinoda Thakura*; *Ratha Yatra* (festival de carros no qual o Senhor *Jagannatha, Krishna*, passeia com o Senhor *Balarama e Subhadra Devi* em *Jagannatha Puri, Índia*. Esta festa é realizada todos os anos no mês de janeiro em São Paulo. Aparecimento do Senhor *Balarama*) *Sri Krishna Janmastami*, aparecimento do Senhor Krishna; Radhastami, aparecimento de *Srimati Radharani, do Senhor Vamanadeva e Srila Bhaktivinoda Sarasvati Takura*; *Govardhana Puja*, adoração da colina de *Govardana*, desaparecimento de *Srila Prabhupada*, *aparecimento de Sri Advaita Acarya*, aparecimento de *Sri Varaha Dvadasi*, aparecimento de *Srila Nityananda Trayodasi*. *Gaura Purnima*, aparecimento de *Sri Chaitanya Mahaprabhu*. Todas essas festividades são acompanhadas geralmente de jejuns até determinadas horas e partes do dia.

¹⁸⁸ Significado atribuído: “Uma pessoa séria sobre voltar para Deus , não necessita adorar semideus de nenhuma categoria. O *Bhagavad-gita* diz claramente (Bg7 7.20-23) que aqueles que estão loucos atrás de prazer aproximam-se de diferentes semideuses, em troca de benefícios materiais, que são feitos para homens com um pobre fundo de conhecimento. Não devemos nunca desejar aumentar a intensidade do prazer material. O prazer material , deve ser aceito somente até o ponto das necessidades básicas da vida. Aceitar mais prazer significa prender-se mais e mais às misérias da existência material....A adoração dos múltiplos semideuses para ganho material é praticamente perversão da religião. Este tipo de atividade religiosa foi condenada logo no começo do *Bhagavatam* , como *kaitava-dharma*. Só há uma religião que ensina a adorar a Suprema Personalidade de Deus e ninguém mais.”

templo, porém, Ganesha é considerado devoto de Krishna pelo próprio líder do movimento. No Néctar da devoção, p. 70, *Prabhupada* diz: “Se deve começar a adoração ao semideus *Ganapati* quem afasta os impedimentos na execução do serviço devocional”.

Existe uma forma homogênea de adoração contida num manual, o chamado Pancaratrika – vidhi que explica como a adoração deve ser feita no templo e no lar.¹⁸⁹ Este manual é colocado em prática pelo devoto quando recebe a segunda iniciação, quando se torna um *bhramana* e recebe o mantra secreto podendo adorar as deidades instaladas no templo.

Observamos um programa de domingo no templo Hare Krishna da rua Paraíso em São Paulo, e relatamos a adoração que é realizada para as deidades.



Fig. 4. Cerimônia de adoração às deidades num programa de domingo no templo Hare Krishna de São Paulo.

O conjunto de oferendas realizada no templo para as deidades se chama aratik. . Todo programa começa com um *bhajan*, o canto congregacional. O altar é separado da sala comum por uma cortina. As músicas são cantadas em sânscrito acompanhadas de um harmônion (uma pianola de chão), címbalos e mrdangas

¹⁸⁹ Um outro manual o *Bhagavat-vidhi*, é o trabalho de pregação, chamado *Sankirtana*. Nesta apostila, “ a ciência do *Kirtana*”, canto congregacional, se relaciona com a 1ª iniciação recebendo oficialmente o *Maha mantra* e a *mala*, além do nome espiritual, que o capacita a aprender todos os símbolos vaishnavas.

(tambores). A cerimônia começa quando o sacerdote oficiante toca o búzio. O oficiante, cantando os mantras, oferece as deidades os elementos de adoração, incenso, lamparina, ghee, um lenço, flores e abano. Um *aratik* numa cerimônia de domingo leva cerca de vinte minutos. Enquanto os mantras são entoados por todos, o *pujari* distribui os elementos da adoração aos presentes; joga água das deidades à platéia e depois passa a flor da adoração. Um devoto pega a flor e oferece aos presentes para cheirar, o mesmo, faz uma devota com as devotas presentes. Silas Guerriero¹⁹⁰, observa que durante uma cerimônia de *aratik*, se percebem as posições de hierarquias, o ritual instaura limites sociais separando os devotos vaishnavas dos outros seres humanos, os que estão de acordo com a vontade de *Krishna* e os não devotos que ainda permanecem em *maya* (ilusão). Ainda para reafirmar, citando Bourdieu, disse que: “o *aratik* consagra legítimo aquilo que é arbitrário, instituindo uma divisão”. As cortinas se fecham ao tocar dos búzios pelo sacerdote e se seguem novos cantos, depois a aula do dia e finalmente a distribuição de *prassada*¹⁹¹ aos presentes.

A significância dos ritos vaishnavas tem como função a purificação dos devotos e participantes reafirmam os fundamentos que os regulam, criando uma sociabilidade particular. Da mesma forma que as deidades são adoradas, existe um cerimonial para a planta *tulasi* e uma adoração especial para o fundador do movimento *Sila Prabhupada*. Na adoração ao guru, percebemos uma semelhança com o que Weber denominou de “liderança carismática” cujo conceito foi reafirmado por Bourdieu.

O papel de *Prabhupada* é profético convertendo-se numa alternativa religiosa cujos conhecimentos atraem adeptos principalmente jovens desiludidos. Segundo Marcos Silva, os comentários da tradição védica de *Prabhupada* são os que fornecem os alicerces ao Movimento. Seu carisma atualiza a tradição e o texto está subordinado ao rito. “Não são os mitos vaishnavas em si mesmos, que constroem uma visão do mundo alternativa para jovens desiludidos com a modernidade ocidental. Foram às narrativas vaishnavas de *Srila Prabhupada*, produzidas num diálogo com esta clientela, que construíram uma visão de mundo

¹⁹⁰ GUERRIERO, S.O *Movimento Hare Krishna no Brasil: A comunidade religiosa de Nova Gokula*, 1986, p.p. 39- 40.

¹⁹¹ *Prassada*, significa misericórdia divina. É aquela comida que foi oferecida primeiramente à *Krishna*. Antes disso, os alimentos são denominados *bhoga*. Os alimentos oferecidos diretamente deidades do templo são denominadas *maha prassada*.

alternativa.” A inovação de *Prabhupada* foi permitir o crescimento hierárquico dentro da instituição a qualquer um, desde que provadas as aptidões, cumprimento de princípios regulativos e havendo realizado a segunda iniciação, pode ser um brahmana. Foi o caso do sacerdote entrevistado Krishna Gouranga, *pujari* desde o ano 2000 no templo da ISKCON de São Paulo. Por intermédio dele levantamos alguns dados que nos permitiram entrar em contato com os rituais que são realizados nos altares dos templos do Movimento. Em entrevista realizada em 13 de junho de 2006:

“O dia começa às 3:45h da manhã quando me levanto, tomo banho e rompo o dia cantando mantras”.

Logo acordo as deidades tocando os sinos.

Tiro as Deidades menores da suas camas, ofereço-lhes água de rosas para lavar os pés, e toalhas para se secarem, palitos para limpar os dentes e água de cravos para enxaguar a boca. Peço para que se sentem, falando os nomes um a um, coloco ao lado delas um pote de despejos. Coloco pétalas de rosas em cada uma das almofadas em que elas vão se sentar.

Logo a seguir lhes ofereço alimentos, cantando mantras para purificá-los, realizando mudras e colocando folhas de tulasi para que elas os aceitem. Tudo isso demora quinze minutos.

Toco o búzio (nenhuma oferta se faz sem antes tocar o búzio). Lavo-lhes os pés novamente e repito o processo de lhes oferecer incensos, lamparinas com ghee, água, lenços, flores, câmara (uma espécie de abanador feito com rabo de jaque), e as abano com outro abanador feito com penas de pavão. Este processo demora outros 25 minutos. Encerro tocando o búzio. Ofereço meus respeitos ao Mestre, agradecendo pela permissão por este serviço. Termino as 5:00.

Troco os pijamas com os quais dormiram, coloco suas roupas de festa, suas jóias, guirlandas, lhes ofereço alimentos e água. Novamente toco o búzio repetindo as ofertas anteriores.

Canto hinos que glorificam as qualidades das Deidades. Termino as 7:30h..

Limpo tudo, deixa-se o altar aberto até as 11:45h.

Ao 12:05h , lhes ofereço o almoço.

As 12:20h. retiro os remanescentes do almoço. Ofereço-lhes novamente lamparina com ghee, água de rosas, flores, palito de dentes e água com cravo.

De 12:50 h. até as 13:00 h. as cortinas do templo permanecem fechadas. Recito novos mantras para que as Deidades repousem até as 15:45.

Para que elas acordem recito novos mantras. Ofereço-lhes novamente, água, lenços, água de cravos, etc.

Novamente são alimentadas.

Às 16:20 h. retiro os remanescentes do altar. Às 16:30 faço uma nova cerimônia, oferecendo os itens anteriores, isto ,dura de nove a dez minutos.

A cortina fica aberta até às 17:45 h.

Limpo o altar e ofereço novos alimentos.

às 18:30h retiro os remanescentes dos alimentos, e faço outra cerimônia até as 19:00h.

Troco as Deidades para lhes por novamente os pijamas.

Às 19:50h ofereço o jantar, somente retiro os remanescentes às 20:05 em que faço uma cerimônia de encerramento.

Antes de colocá-las nas camas ainda lhes ofereço um leite espesso quente e através de mantras lhes peço perdão por qualquer erro que possa ter cometido nesse serviço ou por alguma ofensa. Apago as luzes do altar, presto reverências e encerro o dia.

É um trabalho muito gratificante embora muito estressante. Geralmente estou sozinho porque não tem pessoal preparado para fazer esse serviço. Requer muita concentração, disposição, devoção, manter o corpo limpo e saber controlar muito bem os pensamentos.

Como disse anteriormente, somente pessoas qualificadas podem fazer esse trabalho, a segunda iniciação permite recitar mantras que nos protegem. Não sendo um brahmana, recitar mantras pode trazer efeitos negativos, porque nossos chákaras estão abertos e um mantra traz muita energia que nem todos podem suportar. Por isso somente cuida das Deidades aquele que está muito preparado. Prabupada já dizia:” para cuidar as Deidades deve-se observar pontualidade, devoção e limpeza “.

Perguntamos sobre as impressões que tivera com o cuidado das deidades durante todo esse tempo:

“Um dia estava vestindo as Deidades e pensando num devoto de uma forma negativa quando percebi que começava a cair, a desmoronar no chão, aí percebi que estava fazendo um julgamento e eu estava de certa forma sendo alertado por isso, imediatamente mudei meus pensamentos e voltei à normalidade”.

Outra vez sem querer derrubei uma Deidade e senti que tinha feito algo muito errado, me senti culpado como se tivesse machucado alguém.

Adorando deidades a consciência muda bastante, você se torna calmo, paciente, aceita as coisas da vida com mais tranquilidade, aprende a ser compreensivo com os outros.”



Fig. 5. Sacerdote em adoração às deidades do templo Hare Krishna de São Paulo.



Fig. 6. Altar doméstico de um devoto Hare Krishna.

3.3.3. Rituais de Iniciação: Hari Nama – Diksa

Em maio de 2005, assistimos a uma cerimônia de Iniciação onde seriam tomadas primeiras e segundas iniciações.

Esta cerimônia era muito especial, porque nesse dia o templo foi privilegiado com a presença de um guru muito apreciado na comunidade Hare Krishna local, Sua Santidade Jayapataka Swami. Vários sacerdotes dispuseram os elementos do ritual na sala do templo. Durante os preparativos para o ritual o Swami (de origem norte-americana e morando na Índia há várias décadas), explicou em inglês alguns dos passos do ritual que foram traduzidos por alguns devotos fluentes no idioma. Ao se referir aos que nesse dia tomariam a segunda iniciação, explicou que estes através dessa cerimônia poderiam daí para frente realizar rituais. Ressaltou a o significado de servir a *Krishna* e da importância desses ritos:

“As promessas que fazemos ao redor do fogo não são promessas comuns, são muito importantes. São votos de compromisso para toda a vida”.

“Quando você promete servir a Krishna, ele vai adotar você, e vai assumir a responsabilidade de te proteger. Então essa responsabilidade é recíproca. Caso não aceitarmos, não poderemos culpá-lo por não nos proteger”.

“Se não for desse modo vai ter que pagar com seu Karma natural. Diz tratar-se de um investimento espiritual.”.

Esse dia o templo estava bastante lotado. As oferendas foram colocadas em volta onde foi feito o fogo sagrado. O Swami chamou a atenção de um sacerdote sobre a disposição dos cocos. Isto é muito importante. A posição dos elementos do ritual deve ser sempre correta, segundo os padrões védicos. Iniciada a cerimônia, o sacerdote principal ia entoando numerosos mantras. Num determinado momento, após ter iniciado a cerimônia, enquanto o sacerdote pronuncia a palavra *swaha* os presentes lançavam arroz ao fogo. Quando isso acabou, as pessoas foram convidadas a dançar ao redor do fogo, e finalmente as oferendas foram disputadas pelos presentes que as levaram para casa.

No ritual de iniciação, Cada um dos devotos recebeu um cordão sagrado que deverá vestir por baixo de sua indumentária comum, o mantra *Gayatri*. Na segunda iniciação todos os votos são confirmados e os devotos puderam realizar

cerimônias, tanto dentro do templo quanto fora do templo, o que lhes dará um maior status dentro da comunidade.



Fig. 7. Jayapataka Swami em dia de iniciação no templo Hare Krishna, de São Paulo.

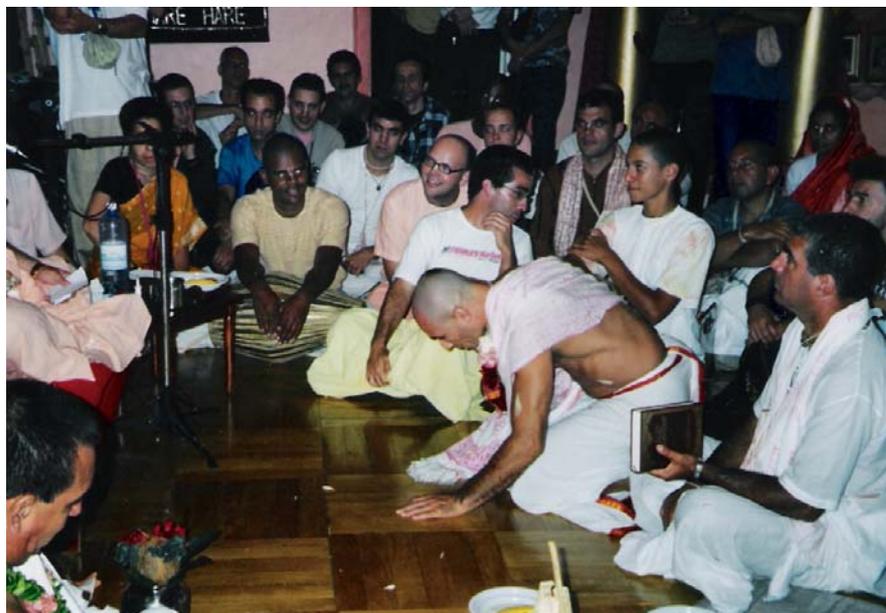


Fig. 8. Devoto em segunda iniciação no templo Hare Krishna de São Paulo.

3.3.4. Rituais de Casamento: Vivaha- Samskara

No dia 21 de maio de 2005, presenciamos uma cerimônia de casamento realizada no parque Maia, em Guarulhos, São Paulo. O casamento foi realizado por um sacerdote Hare Krishna.

Antes da cerimônia, houve a apresentação de um conjunto musical cantando músicas devocionais e também apresentações de danças indianas. Aos convidados, entre devotos e não devotos se somaram os próprios freqüentadores do parque. Os passos da cerimônia foram elaborados por uma das noivas Hare Krishna, que se casaria nesse dia e os distribuíra aos presentes.

Após o sacerdote preparar a mandala para o fogo sagrado, acender o fogo, cantar os mantras iniciais, com os noivos sentados frente às oferendas, começou a cerimônia conforme a seguir os passos relatados por uma das noivas:

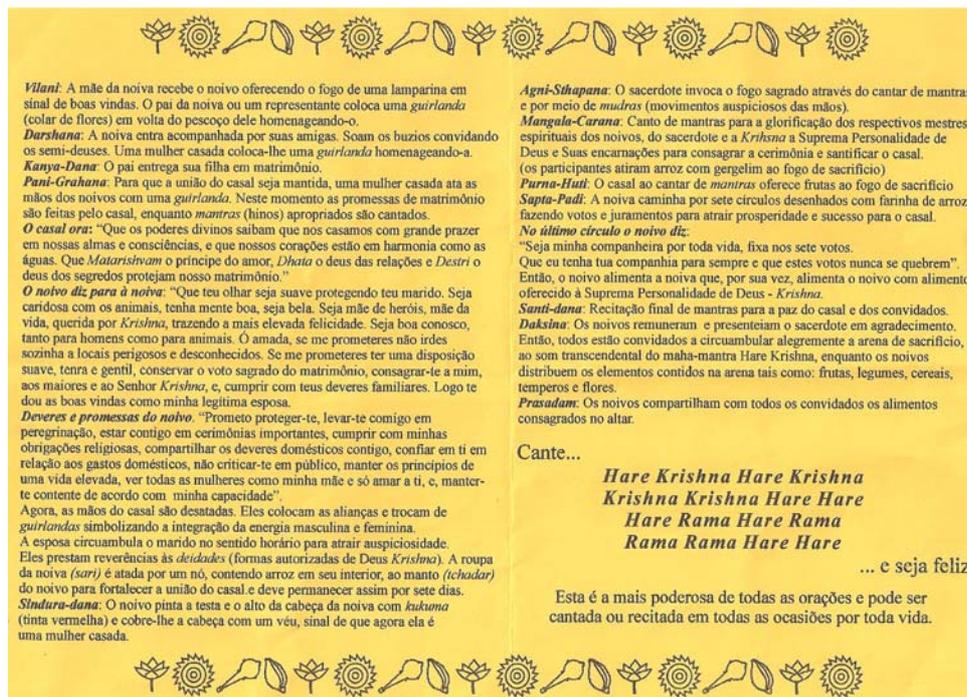


Fig. 9. Fac símile. Passos de um casamento Hare Krishna.



Fig. 10. Preparação da mandala em que será assentado o fogo sagrado da cerimônia de casamento.



Fig. 11. Cerimônia de casamento em Guarulhos entre devotos Hare Krishna.



Fig. 12. Cerimônia de Casamento no templo Hare Krishna de São Paulo.

3.3.5. AS PEDRAS SAGRADAS DO SENHOR VISHNU: um ritual muito particular, a adoração as Sālagramas-shilas.

A adoração as *sālagramas –shilas*, considerada entre muitos dos devotos *Hare Krishna* e outros devotos vishnuístas como muito íntima e quase secreta. As pequenas pedras *sālagramas –shilas* provenientes do rio *Kali-Gandaki* no Nepal, são extraídas manualmente de lugares bastante isolados desde tempos remotos, e tem um grande significado simbólico. São consideradas manifestações do Senhor *Vishnu*. Segundo as formas e cores que apresentam poderão ter significados específicos. Entre as escrituras védicas, o *Agni- Purana*, menciona diferentes tipos de *sālagramas-shilas*, que podem trazer tanto felicidade como infelicidade.

A origem da adoração das *sālagramas –shilas* está relacionada a uma história mencionada nos Puranas.¹⁹²

¹⁹² As histórias védicas explicam como isso aconteceu: *Vrinda-devi*, uma associada de *Krishna* no mundo espiritual foi amaldiçoada para nascer na terra onde era casada com *Sankachuda* (associado de *Krishna* no mundo espiritual que foi amaldiçoado para nascer como um demônio), a castidade de *Vrinda* beneficiava seu esposo, que seria invencível nas batalhas. Para quebrar essa castidade e portanto acabar com o poder do demônio, *Vishnu* tomou a forma de *Sankachuda* e quebrou a castidade dela. Como consequência, seu esposo foi derrotado na batalha pela primeira vez, e quando voltou a seu palácio encontrou sua esposa com “ele”, *Vishnu* disfarçado dele. Nesse momento *Vrinda* ficou muito irada com a trapaça, e amaldiçoou *Vishnu* a converter-se numa pedra. Daí para frente apareceram as *Sālagramas Shilas* que são adoradas como diferentes formas de *Vishnu*.

As *Sālagramas*, é a aldeia no rio *Gandaki* no Nepal, o único lugar onde se encontram as pedras. *Shilas* significa pedras. *Vrindadevi* ((*Tulasi*), depois de amaldiçoar *Vishnu* com seus poderes místicos, se imolou no fogo interno de seu corpo. *Vishnu* pegou suas cinzas e as plantou. Delas, surgiu a planta *Tulasi*. Depois disso, *Vishnu* falou que só aceitaria oferendas de alimentos que tivessem flores e folhas da planta *Tulasi*. Portanto a adoração as *Sālagramas-shilas* somente poderá ser realizada se essa planta é utilizada.

Consideradas extremamente auspiciosas e benéficas, não requerem instalação como aquela realizada para outro tipo de deidades. O culto que se lhe brinda tem todas as características da *Bakti-yoga*. São tratadas, cuidadas, pintadas, vestidas e alimentadas como qualquer outra deidade do templo. São cultuadas e tratadas diariamente.

Segundo os devotos se referem, no *Skanda-Purana* esta escrito que, “sua adoração é mais poderosa do que fazer milhares de sacrifícios ou dar milhões de vacas em caridade”.¹⁹³

Acreditam os devotos, que qualquer outro tipo de adoração que se realize perto delas tem seu poder multiplicado e os benefícios da adoração das *sãlagramas-shilas*, alcança um raio de 24 milhas.

Estas pedras, não podem ser vendidas, elas são doadas de devoto para devoto conforme o grau de amizade e capacidade de adoração que exista neles.

Segundo observou Mircea Eliade,¹⁹⁴ este sistema mágico –religioso é um simbolismo e manifestam uma divindade.

Desde tempos remotos, a adoração às pedras se faz presente na história do homem. As pedras dão uma idéia de permanência, de duradouro o que lhes adjudica um valor sagrado, virando objeto de culto. As *sãlagramas-shilas* são muito diferentes umas das outras, às vezes parecem simples rochas disformes muitas vezes confundidas com fósseis, outras vezes apresentam formatos extremamente particulares e curiosos. Nas palavras de Eliade:

Assim como os dolmens, megalitos, estátuas furadas ou inteiras, pequenas ou grandes, daqui ou de outros universos (como o caso dos meteoritos que chegam a terra), causam admiração no homem pela sua aparente eternidade. São veneradas e amadas pela perenidade que parecem possuir. O culto às pedras tem sido em todos os tempos, objeto de grandes rituais, o que muitas vezes as transformara em divindades.¹⁹⁵

Encontramos pouca literatura que fale sobre elas. Na Internet aparecem alguns sites¹⁹⁶ que mostram os diferentes tipos de *sãlagramas-shilas*, assim como a forma de adoração que deve ser realizada, de acordo com as qualidades de cada uma.

¹⁹³ Shalagramas <http://www.shaligram.com> , 10/04/2006.

¹⁹⁴ ELIADE, M. 2000, p.344.

¹⁹⁵ Idem, p.344.

¹⁹⁶ *Shalagramas: salagram.net/sstp – ARTICLES.html -97-K*
btg.Krishna.com/main.php?od=393-22k, 10/04/2006.

Não são todos os devotos *Hare Krishna* que cultuam *sālagramas –shilas*.

Um devoto antigo do movimento *Hare Krishna* se refere a elas da seguinte forma:

“Comecei adorá-las quando fui incumbido de fazer as adorações diárias que o templo mantém. Sua adoração não é diferente da adoração de outras formas de Deus, como Rama, Krishna, Jagannatha...”.

“ É uma forma pessoal de relacionar-se com Deus, processo conhecido como *bakti- yoga*. Essa adoração consiste no processo de banhá-las, decora-las, alimenta-las e coloca-las para descansar”.

“... dependendo de suas forma, recebem um nome em particular, a minha é *Jagannatha- shila*.”.



Fig. 13. Conjunto de Sālagramas –shilas.

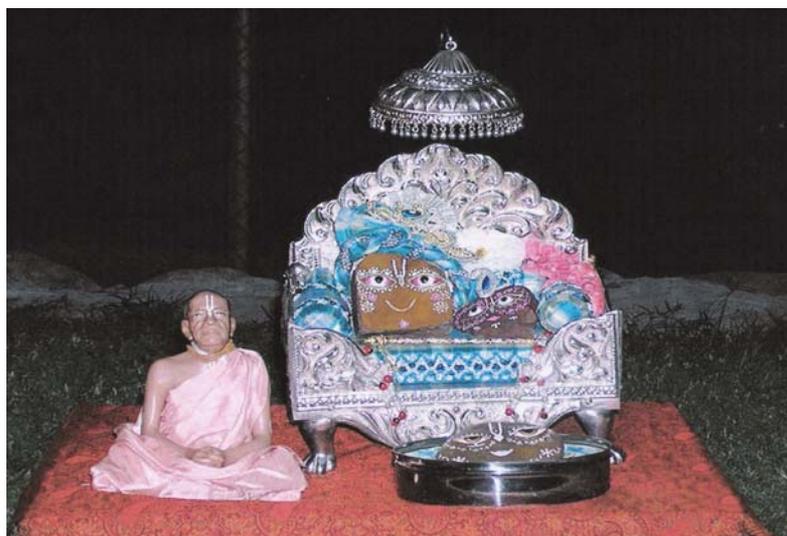


Fig. 14. Prabupahada junto a um altar de Sālagramas – shilas.

A adoração as *sālagramas* –*shilas* entre os devotos Hare Krishna representa uma adoção de significados relacionados com as práticas vishnuistas. Esta prática, relativamente comum na Índia, é escassa por aqui. Atribuímos que um dos fatores desse número pequeno de praticantes, é devido à árdua disciplina que requer sua adoração. Horários precisos, tempos mais o menos longos de dedicação, assiduidade que não condiz com a atribulada vida do devoto paulistano.



Fig. 15. Pequeno altar de sālagramas – shilas montado por ocasião de um casamento.



Fig. 16. Casamento de Tulasi e Sālagrama – shila (Vishnu).

3.4. Rituais de fogo em ambientes holísticos e academias de Yoga.

O que era como diz Magnani uma questão de “bicho grilo”, remanescente do velho modelo hippie, no final dos anos oitenta e noventa se solidificou nas grandes cidades, se tornou objeto de mercado, tendo endereços marcados nas listas telefônicas, viraram objeto de marketing, principalmente de especialistas, passando a ser tratamentos alternativos. Junto com os especialistas, vieram os produtos, os estilos de vida diferentes, as histórias e vivências em comum, as novas crenças, e o resgate de outras que são tidas como tradicionais. Tudo com o objetivo de propiciar uma melhor qualidade de vida aliada à felicidade, em que não é descartada a prosperidade material.

No contexto de cunho capitalista em que se insere a sociedade brasileira, é notório supor que a adoção de divindades propiciadoras de prosperidade e ganhos materiais se reproduzam, intensificando-se quando os indivíduos vivenciam suas crises.

Nesse universo de escolhas mitológicas, tem proliferado deuses e deusas propiciadoras de vantagens materiais. Num mundo de possibilidades oferecido pelo Hinduísmo, destacam-se duas divindades, *Ganesha* e *Laksmi* que são as deidades com a qualidade de oferecer prosperidade a quem as veneram.

Com relação a Ganesha, *Sathya Sai Baba* diz:

“Há um significado especial quando invocamos a Ganesha para iniciar uma empresa. Quando um elefante vai por uma selva, abre caminho. Da mesma forma, Ganesha abre caminho para levar ao fim os nossos propósitos. As patas do elefante são tão poderosas, que ao seu passo, apaga os rastros de qualquer animal. Aqui novamente o significado é que todos os obstáculos do caminho serão eliminados no momento em que se coloque a Ganesha no lugar de honra”.

O trajeto pela vida se faz mais suave e feliz pelas bênçãs de Ganesha.

No dia de *Vinayaka Chathurti*, os estudantes colocam seus livros diante da imagem de Ganesha e lhe oferecem sua adoração. Pedem-lhe que ilumine suas mentes. Por isso é conhecido como *Budhi Pradaya*, aquele que provê de inteligência. Ninguém deveria considerar a Ganesha como desajeitado devido a sua cabeça de elefante e a sua imensa barriga; *Vinayaka* é uma deidade que possui um imenso universo dentro de si mesma. É uma deidade de poder infinito.

Vighneshwara se descreve como aquele que usa uma túnica branca. Seu corpo é cinza. Se lhe descreve como aquele com quatro braços e aspecto jovial. O tecido branco significa a pureza da mente e do coração. Quando o adorarem deveram se esforçar por alcançar uma pureza semelhante.

Vinayaka, sempre aparece sereno; com suas bênçãos, os devotos alcançarão qualidades semelhantes, qualquer que sejam os infortúnios da vida.”

No depoimento acima citado, se percebe claramente o significado da figura de Ganesha, e embora o elefante não é típico animal da fauna brasileira, todo mundo reconhece as potencialidades e qualidades que lhe são associadas.

3.4.1. A adoração a Ganesha na Índia

Na Índia *Ganesha* é uma das divindades mais populares e adoradas. Respeitado igualmente por Hinduístas, Budistas, e Jainistas é objeto de um dos festivais mais freqüentados em Bombaim , celebrado no quarto dia da quinzena de lua nova ou cheia do mês de *Bhadrapa* (agosto e setembro).

É visto como o deus da sabedoria, portador da sorte e removedor de obstáculos, protege o conhecimento os livros e a educação. É retratado com um ventre proeminente (símbolo do universo), tem no mínimo quatro braços, está sentado num trono de lótus ou num rato. Porta de um laço, um gancho de comandar elefantes e um prato de guloseimas. Em seu cinto se enrola uma serpente naja. Suas consorte são *Siddhi* (a força mística) e *Buddhi* (o discernimento).

Durante o festival de Bombaim, figuras do deus feitas de gesso são veneradas em locais públicos e levadas em procissão. Também se fazem imagens monumentais de *Ganesha* recriando paisagens das histórias dos Puranas em que se relatam os milagres do deus. As ruas das cidades e os bairros competem entre si. Ganesha é celebrado indistintamente por vishnuistas e shivaistas, especialmente, pelas classes populares. Ganesha também chamado de *Ganapathi* é cultuado em numerosos templos que se espalham pela Índia. Cada templo de Ganesha tem sua própria história relacionada a um milagre do deus. Destacam-se oito templos¹⁹⁷ cujas imagens são consideradas *svayambhu*, ou seja, não elaboradas pela mão do homem.¹⁹⁸

¹⁹⁷ Os oito santuários para *Ganesha* se localizam no estado de Maharastra e se associam com histórias puránicas. Estes são: Morgaon ao sudeste de Puna;Theur, perto de Puna, Rjangaon, Siddhatek, onde tem a trompa voltada para a direita considerada muito auspiciosa,Ojhar, Lendrayi, Palí (no caminho entre Bombaim e Goa),e Mahad.

¹⁹⁸ São grandes monolitos em que se destacam rasgos da cabeça do elefante ou da trompa do deus.

Existem diversas origens para *Ganesha*, todas atribuídas aos três grupos étnicos e lingüísticos formadores da Índia atual, os munda, os dravidianos e os indo-europeus.

Entre os munda¹⁹⁹ a escolha do elefante está associada à adoção de um grupo totêmico. Entre os dravidianos, adoradores de *Shiva*, aparecem várias versões que o apresentam como seu filho. Alguns historiadores defendem a tese que os arianos teriam se convertido em adoradores do elefante tornando-o o primeiro veículo de Indra, o deus védico e *Ganapati* era outro nome de *Ganesha* que já aparecia no Rig veda.

Ganesha também se encontra associado à agricultura.²⁰⁰

O culto a *Ganesha* se estendeu por outras regiões da Ásia como o Turquestão, a Mongólia, a China, Birmânia, Bali, Camboja, e em alguns monastérios do Tibet.

Os Puranas contém incidentes da vida de *Ganesha* principalmente nos Puranas chamados *Shiva, Linga, Brahma –vaivarta, Skanda, Matsya e Padma*, nos *Upapuramas* (crônicas secundárias) e o *Mugdala Purana*. As divergências sobre o surgimento de *Ganesha* correspondem a diferentes sistemas simbólicos. No Linga-Purana, *Ganesha* surge como o poderoso filho de Shiva.²⁰¹ O Shiva-Purana diz que *Ganesha* nasceu de Parvati, a consorte de Shiva.²⁰² O Brahma -vaivarta Purana diz que *Ganesha* é filho de Shiva e Parvati.²⁰³

¹⁹⁹ Tribos que habitavam na região do Decã, sul da Índia e cuja origem seria australiana.

²⁰⁰ Cf ROJAS, E. G. *Ganesha, el destructor de los obstáculos*, 1998.

²⁰¹ Brihaspati, o guru dos devas, pediu a *Shiva* que criara um deus com o fim de obstaculizar os demônios na sua tentativa de obstaculizar os deuses. O que ele fez.

²⁰² *Jaya e Vijaya*, duas amigas de *Parvati*, lhe sugeriram que deveria ter um filho para que *Shiva* comandasse suas tropas. Ela o fez e o colocou para guardar a entrada de seu palácio enquanto tomava banho. *Shiva*, voltando ao seu lar se deparou com *Ganesha* que não lhe deixou entrar, *Shiva* enfurecido com seu ato provocou um incidente que acabou matando *Ganesha* e enfureceu *Parvati* que foi tranqüilizada com hinos até que lhe fosse devolvida a vida a *Ganesha*. *Shiva* saiu em busca de um demônio, que tinha cabeça de elefante. *Shiva* o matou e voltou com sua cabeça para seu palácio onde foi tratada e colocada sob os ombros de *Ganesha*. *Parvati* agradecida prediz que todos os desejos humanos seriam realizados quando se venerasse *Ganesha* com o *puja* contendo os dezesseis passos da adoração.

²⁰³ O *Brahma- vivarta* diz que *Parvati* pediu a *Ganesha* um filho e *Shiva* lhe sugeriu que pedisse ajuda a Krishna fazendo uma austeridade denominada *punyaka vitra* e ter seu desejo realizado. Após um ano Krishna a abençoou com um filho extraordinário que foi admirado por todos os deuses inclusive por *Shan*, o deus de Saturno, amaldiçoado pela sua esposa por não lhe dar um filho. Com isso passou a ser considerado de mau- auguro. Por saber disso ele não olhava para ninguém diretamente com medo de ocasionar uma destruição. Por não acreditar nele, *Parvati* lhe obrigou a olhar para seu filho e naquele instante a cabeça de *Ganesha* se separou do corpo. *Vishnu* compadecido foi a procura de um ser para substituir a cabeça que faltava a *Ganesha*. O primeiro ser que encontrou foi um elefante que pastava a beira de um rio. Voltando ao palácio com a cabeça do elefante reconstituiu a *Ganesha* pronunciando um mantra que lhe devolveu a vida e outorgando-lhe grandes poderes.

Existem duas particularidades que acompanham a figura de *Ganesha*: embora seja um ser divino ele se transporta através de um rato; a outra particularidade é sua presa quebrada, o que explica um dos seus outros nomes, *Ekadanta*, o que tem somente uma presa.²⁰⁴ Muitas são as histórias de *Ganesha* contadas nos Puranas mais as principais ressaltam suas virtudes, como o removedor dos obstáculos e o que trazendo prosperidade a quem o adora.

Segundo a tradição hinduísta as oferendas para *Ganesha* podem ser qualquer flor e folha, com exceção da flor de *ketaki* e as folhas de *tulasi*. Suas flores preferidas são vermelhas, as folhas da árvore *bilva*, o lótus, o jasmim, a rosa. Também se lhe oferece, vegetais e lácteos, doces, principalmente modaka, arroz doce, frutas em especial manga, cocos, maçãs e bananas. No santuário de Gaya também se lhe oferece grama. Esses presentes devem ser ofertados usando os cinco dedos da mão direita (que representam os cinco sentidos e a pureza).

Um dos rituais mais elaborados é o *puja* que obedece a dezesseis passos, denominado *shodacha-upachara*. Na Índia este ritual é feito da seguinte forma segundo é descrito por Enrique R. Gamboa:

Depois de tomar banho, vestir roupas especiais e reunir todos os objetos necessários, o *sadhaka* (praticante), entra no quarto especial onde será realizado o *puja* e, senta frente à imagem de *Ganesha*. Recita o *sankalpa* (a decisão de realizar a cerimônia), cumprimenta às deidades e os sábios. Depois realiza o *achamana*, purificação da boca ao absorver a água preparando-se para cantar os hinos e mantras. A seguir o *pranayana*, a disciplina de alongar o alento e aquietar a mente, inalando pela narina direita e exalando pela esquerda por três vezes seguidas ao ritmo de 1-4-2. Canta o mantra *Gayatri*, o mais famoso dos mantras védicos que invoca a Deus manifestado na luz solar para que ilumine as mentes. Menciona-se o dia, o ano, o nome da pessoa que realiza o *puja* e objetivo geral do mesmo: obter riquezas, sabedoria, vitória, fama, longevidade, saúde, satisfação dos desejos, prosperidade, consumir todo trabalho sem obstáculos. Logo é consagrada à concha para o ritual da seguinte forma: o *sadaka* derrama água no seu interior, com um *kalaska* (recipiente sagrado), lhe oferece pó de sândalo, arroz vermelho, flores e folhas ao mesmo tempo em que canta mantras específicos. O *sadaka* derrama sobre sua cabeça e sobre todos os artigos utilizados no *puja* algumas gotas da água consagrada que estavam na concha.

²⁰⁴ A história da presa quebrada de *Ganesha* tem origem no seu aniversário quando após ter comido demais seu doce predileto, tropeçou numa serpente ao voltar para casa. Ao ver esta cena o deus da lua, *Chandra* riu, e *Ganesha* não gostou havendo pronunciando contra ele uma severa maldição. Ele não iria mais iluminar o céu pelas noites e atirou contra ele sua própria presa. Após muitas súplicas dos outros deuses, permitiu que a lua voltasse a brilhar nas fases da lua nova e lua cheia.

Por isto muitos hinduístas mantêm a tradição de não olharem para a lua por ocasião do *Ganesha Chaturti*, e outros a observam até o quarto dia de cada um dos meses do ano.

A seguir vem o *bhutochatana* o afastar os maus espíritos através de um mantra de Ganesha e a repetição da sílaba *phat*. Novamente se consagram os objetos do puja como a campainha, o recipiente que contém a água assim como os cinco néctares (leite, yogur, manteiga clarificada, mel e açúcar) que estão dentro de outros recipientes com uma orientação especial. A continuação é realizada uma *mantapa puja*, a consagração do altar, como sendo o altar sagrado que se encontra na ilha consagrada a *Ganapati*. Depois *dhyana*, a meditação, realizada para o senhor Ganesha sentado num trono sobre o altar.

A seguir, o cumprimento as oito divindades protetoras, seguido por um *assana puja*, a consagração do assento do Senhor, e *pranapratishta* a instalação da energia divina dentro da imagem. Este passo é muito importante, já que é pedida a divindade que ocupe a imagem e receba a veneração do *sadaka*. O puja continua com uma nova meditação em Ganesha e seus atributos acompanhados por hinos e elogios à deidade como destruidora de obstáculos e manifestação de *Ishvara*. Segue um *avahanam*, o convite para que a deidade aceite os oferecimentos (assento, água para lavar os pés, as mãos, à boca, banho com os cinco néctares, banho com água quente e aromatizada com perfumes de sândalo e cânfora, as roupas, o *yajnopavita* ou cordão sagrado, jóias, aplicação da pasta de cúrcuma e pó vermelho com almíscar ou sândalo, mel, frutas, arroz vermelho e armas para eliminar os demônios).

A seguir vem o cumprimento aos 21 ou 108 nomes de Ganesha, oferecendo uma flor, uma folha, ou uma pisca de arroz ao pronunciar seus nomes.

Para finalizar as oferendas de incenso, fogo, comida, água, pasta de sândalo, fruta, *modaka*, nozes, folhas de *betel*, moedas, *aratik* (luz), *pradakshina* (caminhar ao redor da imagem em sentido horário), *namaska* (cumprimentos com as mãos unidas), orações e *arpanam*, (oferecimento completo), no qual se oferecem a Deus todos os pensamentos, palavras, atos, tanto conscientes quanto inconscientes, tanto os voluntários quanto os involuntários e aqueles que são trazidos pelo Karma.²⁰⁵

Todos esses atos representam um profundo simbolismo. O banho é a purificação, assim, como derramar a água e absorve-la. O controle da respiração é a quietude da mente. A água que contém a concha é o Oceano de Leite (as águas primordiais), o ato de derramar água sobre a cabeça do *sadhaka* e os objetos do puja, significam retornar ao momento anterior da manifestação do universo. O som da campainha simboliza o *OM*, o som primordial. O Kalasha representa os cinco rios sagrados²⁰⁶ da Índia. Os cinco elementos são os cinco sentidos e os cinco elementos densos da natureza. O altar do puja reproduz o altar localizado na ilha de Ganesha, que é o próprio coração do homem; o rito de *pranapratishta* (a instalação da energia divina na imagem) permite que o *sadhaka* se faça consciente da divindade do seu ser.

²⁰⁵ Cf. GAMBOA E. G. *Ganesha, el destructor de los obstáculos*, 1998.

²⁰⁶ Indo, Yamuna. Bramaputhra, Ganges e Krishna.

O incenso é o perfume do amor divino; acender o fogo é afastar a escuridão da ignorância. O fato de caminhar ao redor da imagem em sentido horário quer dizer que o devoto atravessa a terra (mundo físico), a atmosfera (mundo sutil) e o céu (mundo espiritual). Tudo isso para alcançar Deus.

O pó vermelho que se aplica à imagem é a vida animada. Cada um dos nomes de *Gancia* simboliza um aspecto da divindade. O número 108 está associado ao divino desde a época védica. O oferecimento de alimentos a divindade é agradecer a Deus pelas bênçãos.²⁰⁷

Existem dias específicos dedicados a Ganesha, são às quintas-feiras e as sextas-feiras muito respeitadas na Índia.

Ganesha manifesta várias formas que o glorificam como sendo o próprio absoluto, ao todo os Puranas Mugdala identificam 32 formas diferentes. Cada uma dessas formas possui características diferentes cuja devoção oferece diferentes benefícios.²⁰⁸ Cada uma dessas manifestações é acompanhada de um mantra determinado. A seguir um dos tantos mantras recitados para Ganesha:

Om gam Ganapataye namaha.

Om gam Ganapataye.

(Saúdo ao Senhor dos inumeráveis)

3.4.2. Os rituais a Ganesha em São Paulo

Em São Paulo assim como na Índia, Ganesha é sempre invocado ao iniciar uma cerimônia. Em maio de 2005, especialmente, participamos de um puja para a deidade num restaurante vegetariano em Santana, em que foram cantados numerosos mantras e oferecidos: água, yogurth, leite, flores, manga, banana e maçãs.

²⁰⁷ *Ibidem*, p. 96.

²⁰⁸ Essas manifestações são: *Bala Ganapati* (a criança), *Taruna Ganapati* (o jovem), *Bhakti Ganapati*, (o devoto amoroso), *Vira Ganapati* (o guerreiro), *Shakti Ganapati* (o poderoso), *Dvija Ganapati* (o nascido duas vezes), *Siddhi Ganapati* (o perfeito), *Uchista Ganapati* (o alimento santificado), *Vighna Ganapati* (o que coloca e tira obstáculos), *Kshipra Ganapati* (o que atua com velocidade), *Heramba Ganapati* (o protetor), *Laksmi Ganapati* (o próspero), *Maha ganapati* (o grande), *Vijaya ganapati* (o vitorioso), *Nritya Ganapati* (o dançarino), *Urdhava Ganapati* (o que eleva), *Ekakshara Ganapati* (o da letra única, Gam), *Vara Ganapati* (o doador de bens), *Tryalshara Ganapati* (o das três letras), *Kshipra- Prassada Ganapati* (o que traz recompensa), *Haridra Ganapati*, (o dorado), *Ekadanta ganapati* (o de uma só pressa), *Shristi ganapati*, (o senhor da manifestação), *Uddanda Ganapati* (o que castiga), *Runamochana Ganapati* (o libertador), *Dhundhi Ganapati* (o que corta estatura), *Dvimuka Ganapati* (o de duas caras), *Trimukha Ganapati* (o dos três olhos), *Simha Ganapati* (o do Leão), *Yoga Ganapati* (o Yogui), *Durga Ganapati* (o salvador), *Sankatahara Ganapati* (o destruidor da dor).

No Instituto Naradeva Chala assistimos a um ritual para a deidade. Sobre esse ritual para Ganesha, o organizador explica:

“É um ritual bem clássico. Dez dias antes iniciamos a preparação. Todos os dias cantamos mantras e encendemos *dipas* para *Ganesha* até chegar o dia esperado. Os *pujas* para *Ganesha*, não mudam muito de lugar para lugar, isso depende da linha filosófica que as pessoas seguem, tântricas, védico.



Fig. 17. Ganesha

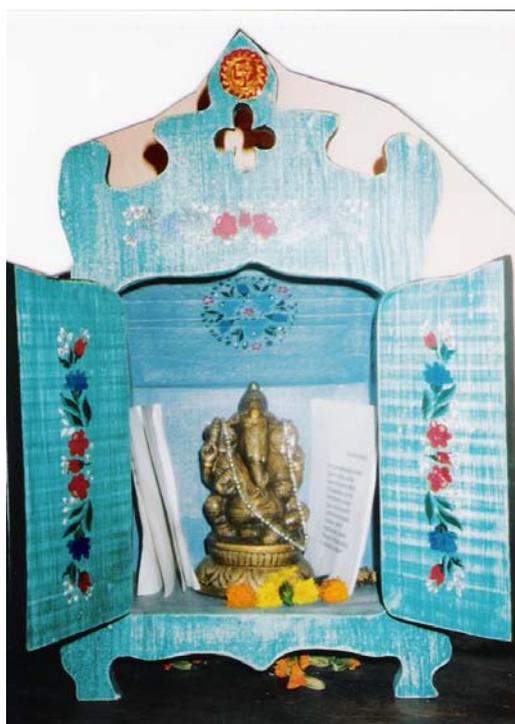


Fig. 18. Altar doméstico em homenagem a Ganesha.

Ganesha entrou no mundo religioso do imaginário brasileiro. Reconhecido como um grande benfeitor, ocupa um lugar de destaque em espaços holísticos, academias de Yoga e entre pessoas ligadas ao Hinduísmo. Está para os hinduístas como talvez, Santo Expedito está para os católicos no Brasil. Aparece freqüentemente em lojas de objetos de produtos esotéricos, e também em lojas de roupas e produtos orientais o que demonstra sua integração ao nosso meio.

3.4.3. A adoração a Laksmi

As deidades femininas são cultuadas desde a pré-história na Índia. Associadas à deusa-mãe, essas imagens femininas são de forma geral apaziguadoras, às vezes cruéis ou terríveis. Laksmi representa a deusa da riqueza e da felicidade, é a esposa de Vishnu. É uma deusa bastante popular na Índia associada também à beleza.

José G. Magnani analisando o circuito esotérico de São Paulo, verificou a realização de um workshop num fim de semana prolongado onde se prometia: “Um fim de semana inesquecível onde você vai participar do ritual das luzes em homenagem a Laksmi, a deusa da prosperidade na mitologia hindu”.²⁰⁹

A deusa –mãe Laksmi é cultuada por todas as pessoas que buscam algum tipo de riqueza. É considerada o modelo da esposa hindu e uma deusa do Amor.

²⁰⁹ MAGNANI, J. C. *Mystica Urbe*. 1999, p. 64.



Fig. 19. Lakshmi

Há oito modalidades para adorar Lakshmi de acordo com suas qualidades e manifestações e obter o efeito desejado. Essas manifestações são:

Santhana Lakshmi	Protege a riqueza da família e as crianças.
Gaja Lakshmi	Atende a todas as preces e orações.
Aishwarya Lakshmi	Promove o conhecimento e a sabedoria
Dana Lakshmi	Alimenta o mundo com uma boa colheita de grãos.
Adhi Lakshmi	É a mãe Divina e fonte do poder de Vishnu.
Vijaya Lakshmi	Nos concede a vitória sob todos os obstáculos e problemas.
Dhana Lakshmi	É a doadora de todo tipo de riquezas.
Veera Lakshmi ou Dhairyalakmi	Nos da força e coragem para enfrentar qualquer sacrifício.



Fig. 20. Imagens sobre as oito manifestações de Laksmi.

Esses aspectos são chamados de “*vrata*”, amor, harmonia e a conservação do lar , portanto um assunto muito valorizado na Índia. O lar está representado no relacionamento entre Laksmi e Vishnu. Representa também a prosperidade mundana, em particular os aspectos domésticos. Em geral também representa a economia. Muito popular entre os empresários e comerciantes é adorada todos os dias antes de abrir seus negócios.

Em Nova Delhi há o templo a *Laksmi-Narayana*, construído por um milionário agradecendo as benças da Deusa.

As lanternas usadas na festa parae *Laksmi* significam a luz que dissipa toda obscuridade da ignorância e dá iluminação. Este festival das luzes, o Diwalli é realizado no dia 25 de outubro e tem duração de uma semana. É o festival dos negócios e do jogo na Índia.

Esse festival apresenta uma grande riqueza de detalhes e símbolos. As casas e lojas são decoradas. É comum desenhar pisadas feitas com farinha de arroz ao redor das casas para atrair à prosperidade. As lamparinas são acessas

durante a noite. As mulheres compram jóias de ouro ou prata, ou mesmo algum utensílio novo que deverá ser usado. São entoados cânticos em louvor a Deusa e se alguém prospera é comum um amigo dizer: “Tua mulher é uma *Laksmi*”.

Geralmente os rituais são realizados as sextas-feiras coincidindo com o dia 11 ou 21 de cada mês.

O puja para *Laksmi* compreende ter uma imagem ou estátua da deusa, moedas, flores, frutas que devem ser oferecidos e depois consumidos. São comuns pequenos altares cobertos com uma toalha amarela onde repousa a imagem da Deusa.

Este ritual é também descrito para ser realizado no Brasil por Rosane Volpatto²¹⁰

“Ante a imagem da deusa coloque uma vasilha com água pura, duas lamparinas a óleo ou velas vermelhas, incenso indiano, moedas e uma bandeja com cinco variedades de frutas da época, um vaso com rosas vermelhas, pasta perfumada de madeira de sândalo, Panchamrutam, uma mistura de mel, manteiga clarificada, leite e açúcar e coalhada. Pode ser substituído por um doce de ambrósia. Deve ser colocada uma música indiana de fundo”.

Sente-se depois que o altar estiver pronto em posição de lótus no chão. Imagine a Deusa encima de uma flor de lótus, com seu sari vermelho todo bordado e dourado.

Converse com ela, diga que lhe trouxe presentes e peça-lhe suas bênçãos.”“.

O mantra entoado para *Laksmi* e alcançar a prosperidade:

Om Sreem Kareem Aum Kubera Laksmi

Kamala Daveenyari Dhanakashinyai Sowaha.

Recomenda-se que o mantra deva ser recitado 108 vezes para surtir o efeito desejado.

Laksmi é representada com dois ou quatro braços, os dois posteriores carregam flores de lótus. Os braços anteriores carregam moedas de ouro ou gemas, símbolos da fortuna.

²¹⁰Adoração a Lakmi. www.rosanevolpatto.trad.br/deusalaksmi.html, 2006.

As quatro mãos carregam os quatro fins da vida humana: *dharma* (atos de justiça e dever), *kama* (prazeres sexuais), *artha* (riqueza) e *mosksa* (liberação espiritual).

As mãos da frente representam as atividades do mundo físico e as de trás as atividades espirituais. As posições das mãos representam também mudras.

Veste um sari vermelho bordado a ouro, muitas jóias braceletes, colares pingentes de ouro e um aro no nariz. Sua cabeça ostenta uma coroa que representa a morada dos deuses, o monte Meru e ainda circundada por um aro que é uma aura solar. Pode ter a tez morena, rosa, branca ou dourada o que também é simbólico.

O assento de lótus significa que devemos apreciar a riqueza mais não tornar-nos obsessivos. Assim como o lótus cresce na água, não devemos ser molhados por ela. Em algumas pinturas aparece voando montada numa coruja (associada à sabedoria).

Entre as academias de Yoga pesquisadas fomos a Naradeva Chala. Localizada na Lapa, em São Paulo. O local funciona também como um templo onde são realizados vários rituais às terças-feiras. A oficiante sacerdotisa é a Sra. Margareth, cujo nome espiritual é Ychrha. Pertence a escola Suddhã Dharma que segundo suas informações veio para Ocidente em 1950. Esta academia funciona desde 1994. Em seu depoimento:

“Realizamos rituais com vários objetivos. Por exemplo, o ritual da lua crescente é um ritual de prosperidade para Parvati, Ganesha e Laksmi; na lua minguante são os rituais de banimento para Kali ou Shiva; na lua nova dedicamos os rituais para a Mãe Absoluta, a energia feminina de Shakti e na lua cheia para Brahman e Saraswati. Além desses realizamos cerimônias de casamento, batizados e purificações. No ritual usamos poucas imagens, especialmente. Naraja Devi. Usamos velas, incensos, água, cânfora, e leite (na lua cheia), e flores. Nos baseamos nos Vedas, principalmente no Gita. Nossa escola pertence à fraternidade branca do Hinduísmo, é uma escola de síntese mesmo estando em Kali yuga. Nosso público é variado. Vem pessoas até do Candomblé, da Umbanda, de outras escolas hinduístas, católicos, maçons, templários, esotéricos e rosacruzes”.

No mês de junho tomamos parte de um ritual em que era pedida harmonização para *Ganesha*.

A sessão é iniciada ao toque de um instrumento de percussão, foram entoados vários hinos pelos participantes, a sacerdotisa pediu para observar a respiração, direcionar os pensamentos para uma tela mental na busca de paz e harmonia. Os participantes usavam uma espécie de túnica por cima das roupas feitas em cetim azul e amarela. Num determinado momento foi pedido para beber água dos copos, que estavam ao lado do participante, algumas pessoas usavam taças cuja água foi energizada com movimentos circulares. Todas as pessoas entoavam mantras. Esse ritual durou aproximadamente uma hora e meia.



Fig. 21. Sacerdotisa em ritual para Ganesha num instituto de Yoga.

3.5. O Agnihotra: rituais como experiência científica?

Com todo amor aos sagrados Pés de Kalki, Avatar Parama Sadguru Shree Gajanam Maharaj Shivapuri Akalkot e Shree Vasant Paranjpe quem recebeu do Kalki Avatar a ordem de divulgar este conhecimento a todas as pessoas do mundo.

Mônica Kolk

O Agnihotra foi introduzido no Brasil, em São Paulo, em 1982, por Paz Victória, uma chilena que conheceu a terapia Homa no vale Del Elqui, nos Andes chilenos e que tomou a missão de divulgar o Agnihotra no Brasil . Mais tarde se mudou para Brasília para coordenar um outro centro de terapia Homa.

Hoje ela está no Chile. Chegamos a estas informações por meio de Tânia, que conheceu Paz Victória, mas que foi iniciada nesta prática pelo mestre Vasant. Atualmente mora em São Bento do Sapucaí-SP, e que se dedica a divulgar esta prática.

As raízes da expansão desse ritual estão na Índia. Quem trouxe esta prática para o Ocidente foi Sri Vasant Paranjpe, um indiano que atualmente mora em Akkalkolt, no estado de Maharashtra. Seguidor da filosofia de Gandhi, quis permanecer como um monge errante. Sri Vasant Paranjpe, começou a visitar São Paulo em 1985, desde então suas visitas foram constantes. No momento ele tem mais de noventa anos e devido à idade avançada, parou com as viagens internacionais.

As raízes da prática do Agnihotra estariam nos Vedas. Esses conhecimentos passaram através de uma linha discipular, de guru a discípulo iniciado com o *Swami Shri Swami Samartha* (1856 – 1878), considerado uma encarnação do Senhor *Dattatreya*²¹¹. *Shri Dattatreya Avaddhuta*, é considerado o primeiro guru de todas as linhagens yoguis, assim como a primeira manifestação humana de *Shiva*. Apontado como o ecologista nato, o que talvez explique a excessiva preocupação dessa linha com a preservação do meio ambiente. É creditada ao Senhor Dattatreya, a seguinte frase: “Podemos permanecer ignorantes, destruindo e saqueando a natureza ou aprender com ela e descobrir sua essência divina”. Em última análise, poderíamos dizer, então, que a linha religiosa – filosófica desta prática é shivaista. Esta tradição teria adquirido maior importância através de um outro Swami, Paramsadguru (1938 – 1987) que divulgou mais amplamente sua importância. No livro, “Luz que conduz ao caminho divino”, o Mestre Vasant diz que: “Agnihotra é a forma mais simples de um Yajnya baseado nos ritmos circadianos (o ritmo em torno de um dia), que corresponde ao nascer e ao pôr do sol”. Segundo a definição: “Ao nascer do sol, todos os fogos, eletricidades, éteres, energias mais sutis que emanam dele, se estendem naquelas coordenadas onde se diz que está nascendo; esta inundação vitaliza e purifica tudo o que encontra em seu caminho, destruindo todo o impuro”.

O Agnihotra consta de três disciplinas : queimar no fogo certas substâncias orgânicas, cantar determinados *mantras* em momentos específicos

²¹¹ Aparece sempre acompanhado de quatro cães e uma vaca.

do dia correspondentes ao nascer e pôr do sol. Homa é o nome dado à ciência védica associada a bioenergía, psicoterapia, medicina, agricultura, ingenieria climática, e comunicação interplanetária. Além da prática dos yagnas, Vasant ressalta que deverão ser observados comportamentos cujos objetivos são afastar a ofensa e a cobiça. Este sabe é parte do caminho quántuplo dos Vedas, sendo que o primeiro deles é a prática do Agnihotra. Os outros quatro estão compostos por :

Daan, compartilhar os bens com espírito de humildade; fazer que a pessoa á qual se oferece um presente não se sinta comprometida com você; oferecer em segredo qualquer dádiva; efetuar caridade com os próprios recursos.

Tapa é a autodisciplina imposta voluntariamente pelo indivíduo. Acompanha uma série de preceitos a seguir como: cuidado com ressentimentos, não falar mal dos outros, não falar mal de ninguém na sua ausência. Prega-se a humildade.

Karma, adotada por todas as correntes hinduístas. É a lei da causa e efeito transportada a níveis mais sutis. É *Swadhyaya*, ouvir a voz da própria experiência. Dentro da literatura específica sobre Agnihotra, lemos sobre esta prática que traria certos benefícios no que concerne ao planeta, animais, plantas e o homem. A palavra Homa está associada ao processo de purificação da atmosfera através da ação do fogo. Na agricultura é recomendada especialmente para nutrir o solo. Segundo Vasant explica, a terapia Homa é uma forma natural de obter melhores resultados, podendo ser enquadrada como uma agricultura orgânica. Na nossa pesquisa encontramos informações que foram aplicadas na Polônia²¹², Austrália, Alemanha²¹³ e Peru. Em *Homa Farming for the New Age*, Jarek Bizberg²¹⁴ mostra experiências que foram realizadas por diversas pessoas no Peru. No Brasil em São Paulo, Joaquim e Marta mantêm uma chácara perto de Atibaia, na qual o solo é tratado com o Agnihotra.

Joaquim é doutor em paisagismo pela Universidade de Hannover, Alemanha. Nascido em Sturgart e mora no Brasil desde 1988. Ele disse que ficou encantado com o clima e a paisagem brasileira. Marta é professora de biologia

²¹² Na Polônia: agni@comment.com.pv, 2006.

²¹³ Na Alemanha: ulrich@homatherapie.de, 2006.

²¹⁴ BIZBERG, Jarek. *Homa for the New Age*. 1999, p.127- 128- 129.

na rede pública e leciona metodologia numa universidade paulistana. Moram em São Paulo, mas Joaquim fica a maior parte do seu tempo no sítio em Campo Limpo Paulista.

De formação estritamente luterana, hoje diz não ter uma religião específica. Define-se como espiritualista e recebe informações em diversos campos do esoterismo de uma amiga de longa data que mora na Alemanha. Foi justamente esta amiga que o colocou em contato com a prática do Agnihotra e sob sua orientação comprou um kit, composto por uma pirâmide de cobre, uma colher de cobre, um pote para ghee (manteiga clarificada), um roteiro com os mantras a serem entoados e livros sobre os benefícios escritos pelo Mestre Vasant.



Fig. 22. O Mestre Vasant em palestra sobre Agnihotra , São Paulo, 1987.

Ele disse que pratica Agnihotra com fins estritamente científicos e não religiosos. Preocupa-se em realizar agricultura orgânica e disse ter notado uma melhora significativa na produção depois que começou nessa prática.

Uma vez por semana ele rega a plantação com uma solução de cinco colheres de cinzas do Agnihotra para 24 litros de água. Afirma que até as pragas que o incomodavam na sua plantação estão sendo mais condescendentes depois de terem feito “pequenos acordos”, como: não eliminá-las mais por meio de venenos convencionais.

Afirma que depois do início dessa prática criou-se um clima de harmonia e paz bastante perceptível no seu sítio.

Conhece poucas pessoas que praticam Agnihotra no Brasil, e está esperando uma especialista no assunto, que mora no Peru, para iniciar um projeto piloto no seu sítio com o fim de incrementar o plantio.

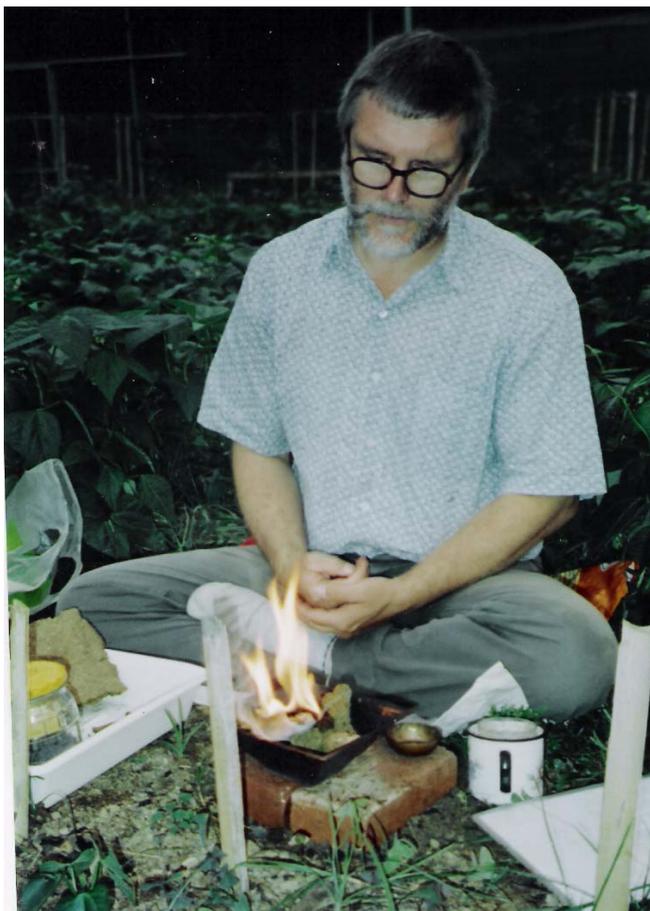


Fig. 23. Praticante de Agnihotra durante o ritual.

3.5.1. A terapia HOMA

Os praticantes do Agnihotra usam as cinzas na medicina para preparar medicamentos em forma de pó, cápsulas, unguentos, cremes, colírios, etc. O casal Jehle, da Alemanha Ocidental realizou uma experiência utilizando esses medicamentos e relatou num informe os resultados obtidos.

Usa-se também o Agnihotra para o caso de ocorrer secas e como provocar chuvas as que segundo afirmam podem durar até seis dias. As pessoas que

participarem desse tipo de experiências deverão ser pessoas muito treinadas já que, seria necessário cantar os mantras com perfeição, além de manter uma disciplina perfeita. Os yagnas poderão ser utilizados também por pessoas que queiram ter filhos com o objetivo de proporcionar principalmente fertilidade as mulheres.

Para efeitos de melhorar a qualidade da atmosfera terrestre, existem determinados tipos de yagnyas indicados pela terapia Homa, o agnistoma, jyoshtoma, e somayag, que também deverá ser realizado por pessoas muito qualificadas. Outras indicações do Agnihotra são: o alívio do stress, diminuição da raiva, hábitos autodestrutivos como o uso de drogas e álcool.

A realização do Agnihotra requer alguns elementos que o usuário deve ter à mão e são fundamentais. Estes são: uma pirâmide de cobre com as medidas exatas indicadas por Vasant, arroz integral, ghee (manteiga clarificada), esterco de vaca e fogo. O praticante deve ter uma tabela de horários exatos do nascer e do pôr do sol já que, é exatamente nesses horários que deve ser praticado o ritual. É também necessário que o praticante conheça os mantras básicos e os recite com uma pronúncia correta.

Neste sentido descreveremos agora o processo recomendado para realizar o Agnihotra:

“Ponha uns grãos de arroz integral num pratinho pequeno ou na palma da mão esquerda e aplique a eles algumas gotas de ghee”.
Exatamente ao nascer do sol entoe o primeiro mantra e depois da palavra Swaha adicione alguns grãos de arroz ao fogo.
Entoe o segundo mantra e adicione os grãos de arroz após a palavra Swaha,
O Mantra do nascer do sol
Suriá Swaha Suriara Idam Na Mamá
(adicione a 1ª. porção de arroz)
Prajapatayé Swaha Prajapataye Idam Na Mama
(adicione a 2ª. porção de arroz)
Ao Pôr-do- sol
Agnayê Swaha Agnayê Idam Na Mama
(adicione a 1ª. porção de arroz)
Prajapatayê Swahá Prajapatayê Idam Na Mamá
(adicione a 2ª. porção de arroz).



Fig. 24. Preparação de ritual Agnihotra.

Encontramos uma informação na Internet²¹⁵, sobre o uso do Agnihotra por um grupo de Chapecó chamado, Núcleo Bio-ecológico de Preservação Planetária Ardalk, que parece estar envolvido em outras práticas de índole holística inclusive com questões sobre Ufos.

Oferecem informações das vantagens dessa prática assim como das instruções e os produtos necessários para praticar o ritual.²¹⁶



Fig. 25. Canteiro de hortaliças onde são utilizadas às cinzas do Agnihotra. Campo Limpo Paulista, São Paulo.

²¹⁵ Projeto Águia dourada Agnihotra Terapia Homa. <http://www.geocities.com/aguila-dorada/agnihotra.html>? Acesso 20/06/2006.

²¹⁶ Agnihotra <http://www.geocities.com/aguila-dorada/agnihotra.html>?, 2006.

Percebemos que o Agnihotra na Índia tem uma conotação religiosa e mais preocupada com a evolução espiritual dos indivíduos, método que diz ter resgatado dos Vedas. S.K.Kulkarni²¹⁷, coloca que no verso sete do Saptashloki, Paramsadguru, teria resgatado o “caminho quántuplo dos Vedas”, dizendo ser necessário que esta prática se espalhe pelo mundo a fim de salvar a terra e a humanidade que já está se denegrindo.

No Brasil percebemos que o agnihotra está muito mais próximo de uma proposta científica, mais ecológica, na tentativa de criar um paralelismo entre, uma tradição religiosa vinda de fora e alguns conceitos já conhecidos aqui, como os do movimento Nova Era. Observamos que se trata de uma adequação Oriental a uma realidade Ocidental cujas preocupações se dirigem para o bem-estar , principalmente, salvaguardando o mundo material.

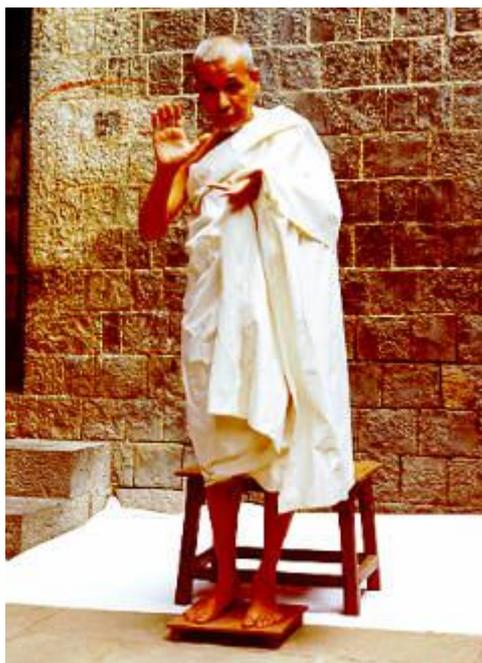


Fig. 26. Sri Paramsadguru

²¹⁷ KULKAMI, S.K.1997, p.25.

CAPÍTULO IV - UM *ETHOS* BRASILEIRO NOS RITUAIS HINDUÍSTAS

Ao longo deste quarto capítulo nos propomos analisar a construção de uma identidade brasileira na prática dos rituais hinduístas: De que formas se apresentam? Qual é o jeito desses rituais no meio paulistano? Em que medida o “*ethos*” brasileiro entende e influência essa prática?

Identificaremos possíveis semelhanças com o *ethos* indiano, visões de mundo aparentemente similares. *Ethos* é no entendimento de Geertz: “o tom, o caráter, a qualidade de vida, o estilo moral e estético, a atitude subjacente em relação a ele mesmo e ao seu mundo que a vida reflete”.²¹⁸ Esse elaborar as coisas dentro do ambiente paulistano é que nos dará as bases desta construção. Em que medida a análise dos símbolos sagrados tradicionais hinduístas tem o mesmo significado e se foi modificado caso tenha ocorrido, em que consiste essa nova linguagem. Consideramos de extrema relevância a análise do contexto em que é realizada a prática ritualística assim como a trajetória de vida dos envolvidos. Procuraremos interpretar os significados a luz de Geertz.

Refletiremos se os uso dos rituais são um produto de exportação da Índia acrescentado ao processo de globalização. Até que ponto se trata do seguimento da tradição? Onde começa a re-significação, o desejo de tornar próprio o que é de outros às custas de mudanças no verdadeiro sentido dessa tradição tão distante de nós? O que tem permanecido e o que se tem modificado? Em que momento os rituais hinduístas adquirem nuances tipicamente brasileiras?

Embora esse *ethos* brasileiro se manifeste em numerosas oportunidades, existe uma certa familiaridade com a cultura da Índia. Em *Palavras repatriadas*, Gilberto Freyre sendo um jovem estudante da Universidade de Colúmbia, Nova York, conheceu pessoalmente o escritor indiano Rabindranath Tagore. No decorrer de sua exposição, Tagore não aparentava ser tão exótico para ele quanto para os outros presentes. Essa familiaridade estava estampada nas palavras do Indiano.

“De repente percebi: há algo no modo de falar dos indianos – assim como há algo na sua poesia lírica e escrita que a torna uma parte de sua pessoa e uma parte de sua poesia – estranhamente familiar para mim. Para um brasileiro. Para um nativo dos trópicos... Ele quis saber de onde

²¹⁸ GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. 1998, p. 92.

eu era, como se provavelmente sentisse que havia em mim alguma coisa da juventude indiana. Minha cor azeitonada. Meus olhos. Eu lhe disse que era do Brasil e percebi que o nome Brasil pouco significava para ele. Ele repetiu, Brasil. E sorriu, acrescentando que eu tinha a aparência de um indiano. Minha impressão dele é que havia algo de brasileiro na sua aparência, tanto quanto na sua lírica quando a li por primeira vez.”

Ambos nativos dos trópicos (...) Teria a experiência comum da natureza tropical, da luz tropical, das cores tropicais algo a ver com a tendência comum de indianos e brasileiros para uma expressão lírica na poesia e mesmo na cultura, como uma característica nacional, marcada por uma intensa ou pungente suavidade?

Os poetas, mais do que a maioria dos romancistas e ensaístas, parecem refletir o caráter ou ethos de uma nação, conforme destacou certa vez um crítico britânico.²¹⁹

Ao longo deste trabalho já mencionamos que a Índia tem como característica a fusão e os trânsitos culturais, uma convivência de raças, e de vivências que a fazem muito particular e que, vem se repetindo através de sua história. Esses efeitos diversificados são de certo modo, os mesmos que tem acontecido durante a trajetória histórica brasileira.

Nos últimos séculos, o Brasil tanto quanto a Índia têm sido grandes laboratórios de experiências multireligiosas e culturais. Nesse mundo de possibilidades a tendência a ritualidade frutificou. O Brasil já muito familiarizado com outros rituais, adotou o Hinduísmo e incorporou a suas crenças embora grande parte de sua tradição tenha se perdido. Nos referimos com isto aos efeitos que a modernidade tem provocado na Índia.

Fatores econômicos fizeram acelerar a re-significação religiosa. No campo do neo-pentecostalismo, essas acelerações são mais evidentes, sabemos das proporções do crescimento das igrejas evangélicas no nosso meio. Pelo contrário ocorreu uma desaceleração no universo hinduísta. Muitos grupos atuantes no circuito hinduísta tiveram que se adaptar apenas, a uma filosofia de vida voltada para práticas meditativas e ritualísticas. Trabalhar muito, ganhar pouco e meditar sem estresse não tem sido uma boa combinação. E tudo isso oferecido a longo prazo. Lembramos que, as correntes da prosperidade apregoadas pelos neo-pentecostais oferecem prazos menores. Grupos que na década de oitenta e noventa pareciam prosperar, hoje tem enormes dificuldades para concorrer no

²¹⁹ FREYRE, G. *Palavras repatriadas*. 2003, p.p. 417-420.

ambiente religioso. Aqueles que se destacam tanto no campo grupal quanto individual sofrem para sobreviver.

4.1. Uma análise dos rituais

Percebemos que houve mudanças na realização dos rituais. Algumas acontecidas dentro do próprio tempo histórico, e outras, com respeito a espaços diferentes, o Brasil e a Índia. No primeiro, podemos remontar-nos aos tempos védicos e séculos subseqüentes, onde as tradições eram mais ou menos as mesmas. No segundo, trata-se de traçar diferenças entre os dois ambientes. Nos casamentos atuais, a noiva já conhece o noivo e podem casar-se por amor, bem diferentes dos tempos védicos. Porém sabemos que, ainda muitos casamentos são arranjados na Índia, costume que ainda permanecia até pouco tempo entre os Hare Krishna, quando de certa forma se seguia às sugestões “casamenteiras” do guru. Na Índia, os casamentos ainda são realizados entre as mesmas castas. Isso, normalmente não acontece no Brasil. Os que requerem um casamento hinduísta o fazem por uma ligação sentimental ou porque procuram uma cerimônia diferenciada, ou ainda, porque pertencem a uma religião hinduísta.

A mulher, diferente dos tempos védicos, não passa a morar na casa da família do noivo por obrigação. Os noivos também não vão assistir o nascimento da estrela Dhruva, como o faziam antigamente. Na Índia, ainda os noivos oferecem preces a Ursa maior e a estrela Polar, mas não observadas no Brasil. Pequenos detalhes como: o uso da aliança no dedo anular esquerdo também são produtos de uma tradição posterior, somada ao ritual hinduísta.

Se nas sociedades da antiga Índia, somente os homens tinham direitos a Iniciação, aqui não ocorre. As mulheres são também iniciadas e podem fazer rituais. Entretanto não é um fato comum ver uma mulher atuar nesse campo. Na Índia os rituais femininos são reservados a vida doméstica. No Brasil há mulheres que praticam rituais fora do lar, como o caso estudado de Meetha Ravindra em nossa dissertação.

Os rituais de iniciação dos tempos védicos eram bem mais elaborados, demorados e rigorosos que os atuais, se comparados com os que temos assistido dentro da comunidade Hare Krishna. Permanece o batismo em que se recebe um

novo nome espiritual, o recebimento do mantra secreto, e a comida comunitária, a *prassada* que é servida logo após a cerimônia.

Dentro dos cultos observados para Laksmi, há uma certa similaridade com aqueles realizados para um dos orixás mais importantes das religiosidades afro-brasileiras: Iemanjá. Ambas deidades femininas são protetoras do amor, da família e da prosperidade. As duas gostam de jóias, flores, frutas, têm uma cabeleira preta, densa, e comprida, usam coroas e são veneradas em datas de comemoração.

4.2. Uma fronteira com a magia

A fronteira com a magia se insinua e desenha numa cosmovisão muito particular dentro dos três exemplos estudados. A busca pela transformação seja no plano físico quanto espiritual, é um fator comum. O mito prevalece e se mistura com a emoção. A transmutação se faz visível na expressão de palavras indistinguíveis para os leigos, nos gestos repetitivos e mesurados do sacerdote ou mesmo do assíduo praticante dos rituais. Os novos velhos símbolos, encantamentos, gestos se tornam objetos de culto intermediando o mundo físico com o sobrenatural. No dizer de S. Guerriero: “Assistimos hoje, a uma utilização bastante acentuada da magia por algumas religiões. Estratégia de marketing ou não, esse uso acaba fazendo com que muitos dos fiéis estejam preocupados apenas com a resolução dos problemas imediatos.”²²⁰ Caberia aqui a pergunta: porque as pessoas procuram as religiões mágicas cujos rituais adquirem uma importância especial? Segundo o Venerável Mestre budista, Hsing Yun: “tempos incomuns exigem métodos incomuns”. Numa colocação do antropólogo C. Geertz : “a política de um país reflete o modelo de sua cultura”.²²¹ Na verdade C. Geertz não se refere aos cultos e costumes, mas sim as estruturas de significados através dos quais os homens dão forma a suas experiências. Disse ainda: “O que o povo preza, como o que teme e odeia são simbolizados através de sua religião.”²²² Seu ponto de vista, leva-nos a pensar que, as religiões no Brasil serviriam para valorizar os indivíduos, oferecer segurança, felicidade e sucesso, o que na verdade, é competência dos poderes públicos. Outra possibilidade,

²²⁰ Cf. GUERRIERO, S. *A magia existe?*, 2003.

²²¹ Cf. GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*, 1989.

²²² *Ibidem*, 1989.

associa magia e rituais com correntes esotéricas da Nova Era. Nesse sentido a Nova Era tem incorporado elementos de tradições antigas, ressuscitado e re-significado crenças a serviço das pessoas, com o intuito de proporcionar uma melhora de vida e bem estar, que implica numa íntima comunicação com esse mundo mágico. Ao analisar certas oferendas dos rituais hinduístas lembramos daquelas que são realizadas por parte das religiões afro – brasileiras, exceto, o uso do sacrifício de animais. Flores, frutas, incensos, cânfora e outros, compõem as ofertas para as divindades.



Fig. 27. Materias utilizados para realizar o puja, aratik ou ritual.



Fig. 28 Oferendas para um ritual.

4.3. Sacerdotes à moda da casa

Quem são os sacerdotes dos rituais hinduístas em São Paulo? De modo geral os entrevistados tem relações muito estreitas com suas correntes religiosas de origem. No caso de Kesava Kasmiri Das, peruano, morando no Brasil desde 2000, revela-nos:

“Tenho vinte e seis anos no Movimento Hare Krishna, dos quais quatorze fazendo rituais... Para mim Hare Krishna significa o caminho genuíno para assegurar uma vida espiritual garantida, pois pertence a uma escola muito antiga da milenar cultura védica. Com Hare Krishna, você aprende a alimentar sua alma, o que ajuda a ser você com você mesmo, com o próximo, com a natureza e com Deus.” Referindo-se a instituição acrescenta: “A Sociedade Hare Krishna é uma instituição espiritual dedicada à comunidade em geral. Em nossos templos temos programas de ajuda, aconselhamos sobre alimentação, medicina natural, e como levar uma vida melhor. Nossos princípios harmonizam com o cuidado do meio ambiente.”

Kesava Kasmiri Das, também realiza rituais para pessoas fora do ambiente Hare Krishna, embora acrescenta, que todas as pessoas que pedem esses rituais, tem contato com o Hinduísmo. Os rituais mais solicitados pelas pessoas são: rituais de purificação, limpeza de locais, rituais de prosperidade e rituais de casamentos.

Indagamos como se sente realizando rituais:

Posso me definir como um especialista em rituais e procuro também harmonizar as pessoas. Nesse sentido psicologia e espiritualidade caminham juntas. Assim como os brahmanas de antigamente cuja função era fazer rituais e fazer cumprir o dharma das pessoas, o ritualista hoje deveria fazer o mesmo.

A Senhora Mehta Ravindra, indiana, cantora conhecida nos meios artísticos e ambientes hinduístas, morando no Brasil há vários anos, realiza rituais disse que, seu principal objetivo é levar para o maior público possível, em especial para a colônia indiana, as tradições hinduístas. Tem como parceiro o seu marido que atualmente é aposentado e a ajuda no projeto de abrir uma casa de estudos sobre Hinduísmo em São Bernardo do Campo.

Pertenço à casta dos brahmanas. No início aprendi a fazer rituais com minha mãe que mantinha em casa um pequeno altar na cozinha. Agradeço minha mãe pelo que aprendi. Depois aprimorei meu conhecimento num *ashram* de Haridwar. Eu era uma das pouquíssimas mulheres participantes.

Com relação às pessoas que a procuram, disse que na grande maioria já conhecem o Hinduísmo, são homens e mulheres na faixa de 35 a 40 anos, a maioria casais, embora, atendera dois irmãos recentemente, que desejavam fazer um ritual para a inauguração de uma loja. Refere-se a essas pessoas como clientes. Relata-nos:

Comecei fazendo rituais para brasileiros. Muitas pessoas me procuram pedindo informações sobre a Índia. Muitas têm uma idéia errada, pensam que por lá é só misticismo mais não é bem assim. Sou muito seletiva, só faço rituais quando as pessoas mostram verdadeira devoção. Considero fundamental a participação da pessoa que pede para fazer o ritual. Explico que eu sou apenas um canal. Não faço rituais para satisfazer curiosidades.

Perguntamos que tipo de rituais realiza e como se desenvolvem?

Geralmente realizo rituais por motivos financeiros. A grande maioria pede ajuda a Laksmi. Muitos pedem para interceder na venda de imóveis, porque tem pendências judiciais. Outros também porque nasce um filho, depois porque vai comer os primeiros grãos, porque muda de casa; inauguração de algum local comercial, por exemplo, uma academia de Yoga, e outros.

Recorro à astrologia. Indico um mantra para as pessoas que deve ser recitado á risca: os 365 dias do ano são divididos por 24 que são as horas do dia. Cobro muito das pessoas que devem recitar os mantras. Isto traz calma, menos ansiedade, a esperança de que tudo vai melhorar. Como no Brasil não tem algumas ervas que tem na Índia, tive que pesquisar o que seria mais adequado para substituí-las. Geralmente levo o material que vou usar para a casa da pessoa, cinco tipos de galhos de árvores, cinco tipos de frutas secas, manteiga clarificada, gergelim, amendoim, sândalo e mirra.

Invoco a Ganesha, oro para Saraswati e Gayatri. Prefiro perder o cliente a fazer de qualquer jeito. Isso não me favoreceria já que posso ser cobrada espiritualmente. Não preciso mais de conforto, só vida espiritual.

Um outro ritualista é Nuno; diretor, professor e sacerdote do centro holístico Tupã Aue, localizado em Santana. Nasceu em Portugal, mas mora no Brasil também há muitos anos. Este espaço funciona há dois anos, como um centro de aprendizagem de diversas correntes ocultistas, místicas e esotéricas. Vimos que há uma pequena loja com produtos esotéricos e principalmente livros. Relata-nos sua história de vida, formação e atividades no ramo dos rituais hinduístas:

“Estou há vinte anos no caminho espiritual. Pertencço a várias escolas hinduístas: seis vaishnavas, duas vedantas, uma delas praticamente desconhecida por aqui, Luz Divina. Entre as décadas de setenta e noventa conheci o mestre Constantino Magista, com quem me aprimorei no campo

da magia. Sou um estudioso de várias escolas e busco no uso da magia uma área para meu aprimoramento. Poucas pessoas compreendem isso e só procuram ajuda para resolver problemas de índole material. Fui bramacharya durante cinco anos no Movimento Hare Krishna em São Paulo quando ainda era na rua Angélica, Higienópolis. Cheguei a auxiliar na administração do templo. Utilizo as práticas hinduístas quando uma sintonia com a pessoa. Muitas fogem de mim porque não entendem o verdadeiro sentido da vida espiritual. Sou português de nascimento. Voltei novamente ao Brasil depois de uma longa estadia pela Europa e norte da África, Marrocos, Tunísia, Egito e Sahara Ocidental. Estudei o Alcorão na mesquita de Fez e outros estudos de alta magia como alquimia Iberianana Espanha.²²³ Estudei cabala, pertença a ordem Agripa varanassi, e sou também discípulo da ilha do Man na Inglaterra. Fui Rosacruz, e teósofo por pouco tempo, achei que os conhecimentos que passavam eram básicos”.

Todos os dias faço meus rituais pessoais, *pujas* e *aratik* para as deidades deste espaço. Também faço rituais com meus alunos e o público que frequenta por aqui. De forma geral percebo que as pessoas só querem rituais para benefícios materiais, prosperidade e proteção, o que de certa forma também significa prosperidade. Acho que somente uma vez fiz um ritual com fins espirituais, para um rapaz que agora está na Índia. Faço muitos rituais para apaziguamento porque se encontram soluções na calma.

Não cobro nada. O máximo que pode acontecer é as pessoas darem voluntariamente algum agrado para as deidades. Eu acho que de todas formas sou beneficiado, através de um obrigado, ou um abraço, tanto faz. Atualmente estou à frente do projeto *Mandir*, a construção do maior templo hindu de São Paulo, esperamos que tenha o maior número de deidades possíveis, inclusive a *Durga Negra*. A dificuldade será encontrar *pujaris* que iriam tratar delas (as deidades).

Com relação ao público voltado para o Hinduísmo em São Paulo e os rituais em especial o Sr. Nuno diz:

Acho que o público é bem amplo, diria até maior que os budistas, só que estão espalhados por muitas escolas, geralmente desorganizados. Diria que a que tem uma boa divulgação é Ramakrishna. Pode ter certeza que o ano que vem o Hinduísmo estará na mídia. Escreve isso!”.

Os rituais hinduístas na Índia são muito diferentes. Como disse anteriormente, por aqui estão mais voltados para alcançar a prosperidade material. Tem ritual em que seria necessário soltar animais de grande porte na mata o que por aqui seria estranho.

A última ritualista que entrevistamos foi Vilma, cujo nome espiritual é Vraja Sundari. É proprietária de um centro de Yoga na Pompéia, e se dedica nos últimos vinte anos ao ensino da cultura indiana. Neste centro trabalha também,

²²³ Lugar da Espanha onde há um rio no qual, é encontrado um tipo de metal utilizado para praticar esse tipo de magia.

com astrologia e Ayurveda. Durante esse tempo realiza rituais que são engajados na prática das outras ciências védicas. Realiza tratamentos de rejuvenescimento, programas de autoconhecimento e *Vastu Shastra*, a ciência védica da disposição arquitetônica e decorativa.



Fig. 29. Sacerdote em culto a Ganesha, (no centro), em espaço holístico e restaurante vegetariano de Santana.

Fizemos uma análise com relação às lideranças. Observamos se dentro destes grupos há determinadas pessoas que se apresentam como líderes e alcançam um certo respeito dentro do seu meio, influenciando-os . Neste sentido, nos aproximamos de Weber na sua análise sobre dominação carismática: “por meio do oráculo, da sorte ou de outras técnicas de designação , a crença na pessoa do qualificado converte-se assim em crença na técnica correspondente”.²²⁴ Devotos que exercem o sacerdócio dentro do Movimento Hare Krishna têm em algumas oportunidades exercido também a função de conselheiro espiritual.

Conhecimentos religiosos e capacidade de lidar com mecanismos de transformação ,como aqueles que se originam com os rituais, trazem um certo prestígio e uma certa liderança dentro da comunidade. Durante o tempo em que permanecemos observando o cotidiano Hare Krishna estas percepções se fizeram bastante presente. No caso de um dos sacerdotes entrevistados, ele nos

²²⁴ WEBER, M.. Sociologia ,1982. p.138.

disse que alguns freqüentadores do templo o procuravam para pedir conselhos, inclusive para falar de questões bastante íntimas, como arranjar parceiros ou parceiras para namorar, lidar com problemas financeiros e outros que não se referiam à vida espiritual.

Weber se refere ao “carisma mágico”, inerente a alguns especialistas qualificados, que lembra um dos ofícios mais velhos da Antigüidade, o de mago, feiticeiro, bruxo profissional. O estudioso afirma que: “o mago é o homem de permanente qualificação carismática em oposição ao homem comum”.

N o mesmo capítulo, lembra que quem possui carisma, quem sabe utilizar os meios adequados, é mais forte que um deus, e pode obrigar esse deus segundo sua vontade.²²⁵ Neste caso a ação religiosa está mais para uma pressão ao divino, e a invocação não é mais um pedido e sim uma fórmula mágica. Os elementos específicos do ritual como a oração (mantras), a oferenda, o sacrifício de fogo, estão mais próximos da magia. Os sacerdotes, seu saber específico lhes outorga a capacidade de interferir e influenciar na vida das pessoas.

Lideranças carismáticas dentro de grupos Nova Era e sociedades espiritualistas são comuns, e compõem as “minorias cognitivas” a que se refere Berger.

4.4. Clientes ou devotos: concepções da religiosidade brasileira

Ao analisar a oferta dos serviços ritualísticos hinduístas, lembramos da colocação de Prandi referindo-se ao amplo mercado religioso: “Nessa amálgama de religião com magia estrita, foram agregando-se crenças, tradições, invenções e práticas não-rationais de todo tipo e origem, formando-se um enorme elenco de métodos oraculares, de intervenção e de cura, de solução para todas as aflições, ao qual se tem acesso diretamente, ou pela compra de serviço específico, alias, devidamente anunciado e propagandeado, ou pela adesão religiosa, que também deve ser paga”.²²⁶

²²⁵ Ibidem, p. 343.

²²⁶ PRANDI, R. *A realidade social das religiões no Brasil*, 1996, p.261.

Em entrevista a revista Planeta o professor Hermógenes²²⁷ coloca sua preocupação com relação ao Yoga ,em particular, devido à popularização das práticas que vem do Oriente: “... me causa preocupação ver o Yoga entendida e vendida como simples trabalho com o corpo”.²²⁸temos a mesma inquietação com rituais hinduístas.

O universo das religiosidades paulistanas se tornou um universo de escolhas e possibilidades nas quais é difícil estabelecer fronteiras. A mentalidade de mercado está presente no mundo dos rituais hinduístas assim como está presente em outra religiosidade. Esse uso capitalizado dos bens religiosos é estabelecido na maioria das vezes pelo pagamento dos honorários aos sacerdotes do ritual. Porém, devemos lembrar que essa prática não é nova e que, tanto no mundo védico quanto na Índia atual, esses serviços são pagos. Esse pagamento ao qual já fizemos referência, a dakshina, tem a função de proteger o sacerdote de adquirir karma negativo durante a cerimônia. O que tomamos como original é que existe um certo marketing com relação a esse tipo de serviços que são ofertados via Internet , mala direta e através do correio eletrônico.

Os clientes pertencem às camadas médias da sociedade paulistana com escolaridade média à superior. Os ambientes hinduístas são freqüentados por professores, comerciantes, adeptos do Yoga, que se tornam usuários dos rituais. Alguns freqüentadores são também praticantes de outras religiões orientais ,e, inclusive de religiões afro-brasileiras. Lembramos que existe uma vertente dentro da Umbanda Esotérica, religião tipicamente brasileira que tem uma linha Oriental, e que alguns centros mantêm no seus altares divindades hinduístas.

4.5. Os dois ambientes: Brasil – Índia

Nos propomos fazer algumas observações de como são vivenciados os rituais na Índia e no Brasil. Utilizamos para fazer esta análise depoimentos de indianos que moram em São Paulo não descartando que futuramente esta

²²⁷ Hermógenes de Andrade Filho, José. <http://www.profermogenes.com.br/yoga1.htm>.

Nascido em Natal, Rio Grande do Norte, é considerado o pioneiro em medicina holística no Brasil, tendo mais de 42 anos de prática e ensino do Yoga. Possui título de doutor em Yoga, título concedido pelo *World Development Parliament of Índia*. É autor de numerosos livros sobre Yoga, filosofia e poesia.

²²⁸ HERMÓGENES: *Deus me livre de ser normal*. Inês Castillo. Revista Planeta, p.75. Outubro de 2006, 82 páginas.

pesquisa possa ser realizada “in loco” no lugar de origem acrescentando talvez uma nova visão a este estudo.

Escolhemos entre os vários entrevistados o depoimento do Senhor Amitabh que é comerciante de produtos indianos na 25 de Março. Hoje, embora tenha uma loja, já trabalhou no Consulado Geral da Índia de São Paulo. Está no Brasil desde 1999. Ele nos disse como são vistos os rituais na Índia:

Os rituais são importantíssimos na Índia. Tem cidades onde somente se faz isso, como é o caso de Varanassi ou Rishikesh. Em cidades do interior, pequenas aldeias e lugarejos, as coisas permanecem como antigamente. Somente nas grandes cidades as coisas se modificaram bastante ,embora também se realizem rituais.

São realizados rituais de todo tipo. Desde rituais de casamentos, fúnebres, quando uma criança nasce, existem rituais para tudo o imaginado. Há aqueles que formam parte do calendário Hindu e aqueles encomendados pelas pessoas.

Eu e minha família fizemos um ritual fúnebre pela morte do meu pai que tinha a função de servir para o descanso de sua alma. Contratamos um sacerdote. Especialmente esse foi um ritual muito duro, durou treze dias. Eu assumi a posição de filho principal. Não podia sair de casa, passei por uma purificação alimentar na qual não podia comer nada com sal, somente frutas, água e leite. Foi um ritual muito caro, entre U\$ 4000,00 e U\$ 5000,00, uma das formas de pagamento foi uma vaca que tivemos que doar em dakshina. Ainda se realizam esses tipos de pagamentos na Índia. No caso do meu pai houve além do sacerdote principal, mais onze. Por isso custou tão caro. Tínhamos convidados que havia que alimentar e dar pousada. Eu sou de uma cidade perto do Nepal e ainda acontecem essas coisas por lá. Em São Paulo fui a algumas cerimônias, mas são uma grande mistura de coisas. Fui a centros holísticos, mas acho que só querem arrancar dinheiro das pessoas, distorcem a tradição.

A grande maioria dos consumidores da cultura indiana no meio paulistano mantém uma imagem idealizada e romântica da Índia, associada à espiritualidade. Estas idealizações encontram um campo fértil para se reproduzirem no nosso meio. Porém, vozes vindas do atual mundo indiano, já conhecidas, se contrapõem a essas idealizações do mundo Ocidental. Em pesquisa realizada através da Internet²²⁹, encontramos esta declaração do escritor Deepak Chopra: “O Ocidente pode pensar que a Índia é um país muito espiritual, mas eu discordo. Eu penso que, é uma terra muito materialista, basta ver sua história”.

²²⁹ *Indiagestão.blogspot.com. Acesso 12/06/2006*

Sobre Delhi, Deepak disse:

É tudo sobre dinheiro. As pessoas só falam do quanto dinheiro eles vão ganhar, quais festas vão e sobre suas casas e carros. Deepak pensa que era assim no começo, mas agora o Ocidente mudou. Os ocidentais estão agora mais espiritualizados, enquanto os indianos se tornaram extremamente materialistas.

O best seller, *Karma Cola*, escrito por uma indiana, Gita Mehta, descreve os ocidentais que vão a Índia em busca de um mundo mágico e espiritualizado, ridicularizando suas expectativas. Mostra o que esse mercado consumidor da contracultura provocou na outra fase da Índia, aquela que convive com graves problemas sociais e foge ao imaginário ocidental.²³⁰

Outro autor indiano contemporâneo, Manil Suri, num romance intitulado, *A morte de Vishnu*, relata a realidade do cotidiano da Índia. Servindo-se de metáforas se depara com o grave problema das castas e divisões sociais que ainda sufocam esse país.

A Índia não corresponde a essa visão oferecida pelo mundo ocidental . Mas, isso não é um dado assustador. É natural que isso aconteça já que tanto lá quanto aqui o processo de modernização, a produção de alta tecnologia no ramo da informática e principalmente na exportação de cientistas para países de Primeiro Mundo tem ocasionado um choque de mentalidades e de costumes. Do mesmo modo que o Brasil, a Índia apresenta uma discrepância social gritante. Tradição, superstição e novas tecnologias, riqueza e pobreza, convivem em grandes metrópoles, abocanhando espaços, e competindo por mercados e clientela. Tanto aqui como lá não é possível distinguir realidades imutáveis. Sabemos pelos depoimentos de indianos, que na zona rural da Índia, ainda permanecem muitas das tradições mas, que nas cidades há mudanças significativas. De qualquer forma, à Índia não é mais a mesma que há séculos. Percebemos uma estranha inversão de valores, enquanto o Oriente prima por querer se modernizar esquecendo suas tradições, o Ocidente quer resgatá-las.

²³⁰ Cf. METHA, G. *Karma Cola*, 2003.

CAPÍTULO V - CONSIDERAÇÕES FINAIS: TRADIÇÃO OU RE-SIGNIFICAÇÃO?

Segundo Gilles Andrès:

La Tradition, c'est ce qui se transmet depuis l'origine des temps, ou du moins de l'homme, chaîne ininterrompue depuis l'état de perfection première où baignait l'humanité, et que l'on trouve à l'aube de toutes les civilisations archaïques... La tradition fait participer l'homme à cet Etat primordial, au delà de la dualité, qui était celui du premier Adam.²³¹

As tradições hinduístas permanecem? Ou até mesmo existem na nossa sociedade? Os limites das tradições obscureceram suas fronteiras. Mesmo nos berços das grandes manifestações tradicionalistas, como as Orientais, esses limites ficaram confusos, sujeitos a mudanças constantes, movimentos migratórios fusões culturais e sobreposição de elementos. A própria tradição védica se fundiu num amálgama de possibilidades. Subsistem elementos adaptados e passíveis de outras influências. O Homem Primordial²³² continua sendo o estado almejado pelos homens de todas as épocas, procurado entre tantos outros métodos, por meio de rituais que se dizem tradicionais na sua essência, porém, como sabe-lo?

Anthony Giddens, defende que o que chamamos de tradição, é na verdade uma criação da modernidade criticada pela corrente Iluminista do século XVIII. Segundo seu ponto de vista, e somando-se ao parecer de Hobsbawn²³³, todas as tradições seriam inventadas e no fundo servem para a legitimação do poder dos reis, imperadores e sacerdotes, o que também já foi apregoado por Weber.²³⁴ Segundo diz, as tradições não somente evoluem como podem ser alteradas ao longo do tempo. Ressalta também que é errôneo afirmar que uma tradição deve ser considerada realmente tradicional se persiste ao longo do tempo, o que não é necessário para ser considerada como tal. Na sua opinião, o que define uma tradição é a persistência e o ritual repetitivo. Tomamos como exemplo, a tradição judaica que contava com numerosos rituais, e que eram como todas as tradições antigas, vinculadas a observância das leis. Uma dessas tradições era o ritual de batismo

²³¹ ANDRÈS G. *Principes de la Médecine selon la Tradition*, 1988, p.12. A tradição é aquilo que se transmite depois da origem dos tempos através do homem, sem interrupções depois do estado da perfeição primária ou do nascimento da humanidade, da primeira aurora de todas as civilizações arcaicas. A tradição faz o homem participar do seu estado primordial e da dualidade que era no estado adâmico. (Tradução nossa).

²³² O Homem que estava ao lado de Deus em estado de pureza e, portanto, conseguia entendê-lo.

²³³ Sobre a invenção das tradições.

²³⁴ GIDDENS, A. *O mundo em descontrolado, o que a globalização está fazendo por nós*, 2005, p.p 49-50.

cujos antecedentes se encontram nos prosélitos²³⁵. Em Mateus 3:15, uma referência de Jesus quando se refere à necessidade de: “ter que ser feita a justiça completa”, no momento de ser batizado no Jordão²³⁶. Jesus num primeiro momento da sua pregação dava importância à tradição pois saber tratar-se de uma maneira de ser aceito pela população.

Se uma tradição se consolida pelo uso dos rituais repetitivos como afirma Giddens, é provável que o uso dos rituais hinduístas venham no futuro a integrar-se plenamente ao universo das religiosidades paulistanas, e se tornem uma Tradição.

Concordamos também com Giddens quando afirma que é parte da vida acadêmica explorar os limites dessas tradições e fomentar o intercâmbio entre elas.²³⁷

Por ora percebemos que se trata de apropriações, e seus efeitos sobre as identidades se manifestam nas re-significações e sincretismos dos valores culturais. O processo de globalização muito tem contribuído para a possibilidade desses acréscimos. O uso dos rituais hinduístas dentro das sociedades Ocidentais, aparentam ser um sub-produto da globalização sem com isso deixarem de significar novos símbolos, gerando movimentos que vem crescendo no sentido de resgatar essas ditas tradições, o que, muitas vezes, tem o intuito de rebelar-se contra os domínios culturais de outras nações. O que nos chama a atenção, é que, no caso do Brasil, foram os brasileiros que foram para o exterior e trouxeram muitos dos costumes indianos para serem acrescentados ao universo das religiosidades regionais. Destacamos que, nenhum indiano chegou por aqui e quis oferecê-las.

Ao longo de nossa pesquisa, observamos que o caráter mágico creditado aos rituais hinduístas se encaixa na idiossincrasia do povo brasileiro, acostumado a outras religiões de origem africana, e que fazem da magia um dos importantes elementos de sua sobrevivência. Antônio F. Pierucci e Reginaldo Prandi em, *A realidade social das religiões no Brasil*, destacam como a magia influência e proporciona um re-encantamento do mundo onde: “um mercado mágico amplamente

²³⁵ Prosélitos: pessoa convertida.

²³⁶ Cf. SIMON, M. André Benoit. *El Judaísmo y el cristianismo antiguo*. Embora João Batista manifesta-se sua inferioridade perante Jesus, entendia que esse ritual deveria ser cumprido nos moldes da tradição judaica. Nesse ato, Jesus reconhece não somente seu precursor senão também a necessidade de seguir à tradição para provar frente aos gentios sua verdadeira vocação.

²³⁷ *Ibidem*, p.55.

aceito pelos mais distintos segmentos e classes da sociedade brasileira extravasado além –fronteira”.²³⁸ Na verdade o que talvez se vivencie, seja a necessidade de uma nova magia e de novas técnicas de transformações espirituais que em última instância estão fadadas a provocar uma mudança material. Se pensarmos no contexto capitalista, imediatista em que se encontra a sociedade brasileira, onde São Paulo representa o principal centro econômico do país, uma experiência religiosa que soma a espiritualidade a benefícios materiais, é bem aceita. Nas devidas proporções, todos os exemplos que estudamos oferecem a perspectiva de melhorar o quadro material.

A entrada do Hinduísmo traz um novo mercado, ainda pequeno se comparado ao Budismo e ao esoterismo, mas significativo.

Existe um grande público voltado para o Oriente e não só para a Índia, isso acontece também com relação à China, ao Japão, e ao mundo árabe que são objetos da incorporação de suas tradições.

Esses olhares significativos criaram novos universos cujas inquietudes no dizer de Eric Hobsbawn: “possibilitaram o nascimento de uma tradição inventada, resgates de natureza ritual ou simbólica que inculcam valores do passado havendo adaptações quando necessário. Velhos modelos para novos fins cujos significados passam a ser negociados dentro de uma nova ordem social.”²³⁹ Inventam-se novas tradições quando ocorrem transformações suficientemente amplas e rápidas tanto do lado da demanda quanto da oferta”.²⁴⁰ Às vezes puramente inventadas como mostram o acréscimo de turbantes, faixas e túnicas aos uniformes militares dos indianos por parte dos britânicos quando em 1860 perceberam que alguma coisa deveria distingui-los de suas próprias tropas e com isso torná-los autênticos.²⁴¹

Seguramente o ritual hinduísta que ainda hoje permanecem na Índia, não tem os mesmos significados que no Brasil. Muitos dos produtos usados para fazer os rituais na Índia, não existem aqui. A Senhora Mehta Ravindra já nos disse que foi necessário adaptar algumas ervas da floresta brasileira na falta das originais indianas. Interpretações com “jeitinho brasileiro” foram acrescentadas, e fazem parte de um processo de re-significação. Destacamos como exemplo, o convite para a festa das Luzes em homenagem a Laksmi em que existe o seguinte pedido: “venha

²³⁸ PRANDI, R. *A realidade social das religiões no Brasil*. 1996, p. 101.

²³⁹ Cf. HOBSBAWN, Eric. *A invenção das tradições*. 1984.

²⁴⁰ *Ibidem*, p.12-13.

²⁴¹ GIDDENS, A. *Mundo em descontrole, o que a globalização está fazendo de nós*. 2005, p.48.

de branco!”. Essa cor é usada nas roupas da festa de final de ano no Brasil. Quem já não foi à praia vestindo uma roupa branca na esperança de que o ano vindouro seja carregado de felicidade?

Chegou às nossas mãos um texto a respeito de Ganesha, que parecia com uma corrente daquelas que são comuns dentro da igreja Católica em que se agradece por uma graça alcançada pedindo-se para que sejam feitas mais cópias. Tem por objetivo chegar a dez brahmanas, e tem circulado entre alguns devotos Hare Krishna. Tem *mantras* escritos para *Ganesha* que vão ao encontro das necessidades que se tenham no momento. Isto nos lembra as cópias das imagens de Santo Expedito ou Santa Edwiges, que são deixadas em inúmeros lugares em agradecimento por ter-se alcançado alguma graça.



Fig. 30. Fac símile, convite para a “Festa das Luzes” do ano Novo Indiano, em São Paulo.

A antropóloga americana Lenda S. Paladin exemplifica este novo momento,

“Jamais alimente a fé em algo que seja tão absoluto que você não possa transcendê-lo, recriá-lo ou considerá-lo sob uma perspectiva diferente. Se viver sob crenças absolutas, você estará condenado a descobrir que elas não surtem efeito (...) Os rituais tradicionais na nossa sociedade perderam muito do seu espírito e significado; normalmente são repetitivos e vazios. Um dos maiores desafios com que nos defrontamos, seja do ponto de vista cultural como individual, é a necessidade de criar cerimônias significativas em nossa vida social e pessoal. Nossa mente precisa religar-se com nosso espírito”.²⁴² O que desejamos demonstrar com isso que esse novo momento está sendo construído de fragmentos, de resgates, de muitos fênix que parecem ressurgir de um passado distante, porém significativos e atuais passíveis de serem reformulados e adaptados a outras realidades presentes.

O conhecimento e a compreensão básica do universo Hinduísta ajudam a desmembrar algumas das variadas manifestações presentes na nossa sociedade.

Estes universos não são empecilhos para o desenvolvimento da sociedade, sendo pelo contrário, um acréscimo para o rico mundo da cultura e religiões brasileiras. Diante desta reflexão, lembramos de uma crítica realizada por Edward Said a Samuel Huntington pelo seu artigo publicado em “Choque de Civilizações, Foreign Affairs, 1993”. Neste, Huntington ressalta que enquanto no passado os conflitos mundiais ocorreram em facções ideológicas: “As grandes divisões da Humanidade e a fonte predominante do conflito serão culturais... O choque de civilizações vai dominar a política mundial”. A defesa de E.Said é que ele ignora como as culturas funcionam: “dizer o que ela é, é sempre uma grande disputa democrática”, porém distingue que, a cultura dita oficial é aquela dos sacerdotes, dos acadêmicos e do Estado. Segundo ele, a expressão “choque de civilizações” pressupõe estigmas e antipatias, produtos de uma construção fabricada. Ele se esquece que o mundo é feito de misturas, migrações, cruzamentos de fronteiras, que nenhuma civilização é ilhada, uma coisa só²⁴³. Defende um sentimento de comunidade, compreensão e simpatia que preparem o caminho para a dissolução

²⁴² PALADIN, L. *Cerimônia de transformação*, 1991, p.25.

²⁴³ Cf. SAID, E. *Reflexões sobre o exílio*, 2003.

de barreiras culturais. Até o presente momento, entendemos que os rituais hinduístas na cidade de São Paulo expressam uma somatória desses vários elementos.

Distinguimos apenas alguns sem descartar outras possibilidades.

Ao vivenciarmos a “mudança de paradigmas” mencionada por autores contemporâneos, não podemos afastar-nos da presença e da atuação das idéias que acompanharam a Nova Era e da importância que essas idéias têm sobre a realização de rituais hinduístas nesta Metrópole. Entendemos que a concepção de promover benefícios aos indivíduos, resguardar sua felicidade, proporcionar bem estar, corresponde a um discurso novaerista. Mostram a integração do indivíduo numa dimensão única em que sagrado e profano se complementam como na ideologia que é própria da Nova Era, enquanto , os rituais hinduístas são mais uma linguagem acrescentada às religiosidades urbanas características dessa ideologia. Concluimos que mesmo tratando-se de tradições ou de re-significações, é importante ressaltar que nesta grande urbe, o que se pretende trazer à tona é aquilo que ressalta Giddens: “estabelecer compromissos morais que se elevem acima das preocupações da vida cotidiana”.

Neste poema de Maria Aparecida Almeida Franco, encontramos a síntese, o *status quo* do momento em que vivemos, uma mistura de uma nova linguagem, de emoções, e de inquietudes daqueles que, de alguma forma fizeram seu o que viera de muito longe:

“A realização do ser”

Vagabunda corre "maya", a ilusão,
Nesta lucidez mecanizada.
Virei karma, ação, reação,
Anseio por uma parada.
Quero transcender os opostos,
Não quero chegar, nem partir,
Meu corpo é o degrau ou o templo
Donde expulso as trevas, até me redimir.
Redimir pelo trabalho?
Não, pois a besta também trabalha!
Então pelo amor?
Não, pois o amor é um atalho!
Redimir pela batalha?
Não, pois batalhar é se opor!
Redimir individualizando-se?
Não, pois também é uma cilada.
Redimir, mais sim realizando-se



Fig. 31. Realização de ritual durante apresentação de cítara em 2003, no Festival da Nova Consciência, Campina Grande.

GLOSSÁRIO

Acharya – mestre espiritual que ensina através do exemplo.

Ágama – tradição.

Agni – fogo.

Ahimsa – não violência.

Akarma – não ação, não geração de karma.

Ariano – seguidor da cultura védica.

Assana – literalmente sentado, mais traduzido como postura ou posse.

Ashrama – as quatro ordens espirituais segundo o sistema védico.

Aranjaka – O acendedor de fogo.

Arjuna- Um dos cinco Pandavas que participou do famoso diálogo com Krishna na batalha de Kurushetra. O discípulo de Krishna.

Atma – alma individual.

Atman – uma das características do espírito universal.

Avatara – alguém que descende.

Avydia – a não verdade, a ignorância da realidade absoluta.

Bhagavam – Aquele que possui todas as opulências.

Bhakta – devoto.

Bhakti – serviço devocional a Deus.

Bhakti – *yoga*- *yoga*.

Brahma – o primeiro ser criado do Universo; dirigido por Vishnu ele cria todas as formas de vida do Universo.

Bramacharya – estudante celibatário segundo o sistema social védico.

Brahman – alma individual – aspecto impessoal e onipenetrante do Supremo – a Suprema personalidade de Deus – o *Maha tattva*, ou seja a totalidade da substância material.

Brahmana – membro da classe de intelectuais de homens segundo as divisões ocupacionais do sistema védico.

Brahma – samhita – texto antiqüíssimo que registra as opções que Krishna oferece.

Chaitanya Mahaprabhu – reconhecido como uma encarnação de *Krishna* na era de *Kali*. Apareceu na Bengala Ocidental no século XV inaugurando o yuga-dharma, canto congregacional.

Deva – semideus, divino.

Dharma – princípios religiosos, ocupação eterna e natural do ser vivo.

Ekadashi – dia especial de jejum de grãos e cereais feito duas vezes ao mês.

Gayatri – mantra cantado pelos brahmanas para a iluminação espiritual.

Gosvami – amo dos sentidos.

Govinda – nome de *Krishna*.

Grihastra – pessoa casada que segue as regulações védicas e que corresponde a um dos quatro ashramas ou ocupações espirituais.

Guna – as três qualidades ou modos do mundo material: bondade, paixão, ignorância.

Guru – mestre espiritual.

Hata – *yoga* – sistema de exercícios para ajudar a controlar os sentidos.

Ishvara – o controlador supremo.

Japa – canto dos nomes de Deus com ajuda de um colar de 108 contas.

Jiva – a alma individual eterna.

Jñana – conhecimento.

Jñana Yoga – o caminho para a realização espiritual.

Kali – deusa que aceita que seus seguidores lhe ofereçam carne.

Kali – *yuga* – a era de ferro, era de desavenças e hipocrisia.

Kalpa – um dia de Brahma que equivale a 4.360.000 vezes 1000 de nosso dia.

Kirtana – glorificação congregacional de Deus.

Kshatriya – ocupação de administrador ou protetor dos cidadãos de acordo com o sistema védico.

Lila – passatempo ou atividade trascendental executada por Deus.

Loka – planeta.

Mahabaratha – epopéia védica escrita por Vyasadeva.

Maha – mantra – o grande canto que segundo os Vedas proporciona a liberação.

Mahatma – grande alma.

Mantra – hino ou som transcendental.

Manu – segundo os textos védicos, o pai da humanidade. Autor dos códigos e regulamentos morais da antiga Índia.

Manu – samhita – livro de leis escrito por Manu.

Maya – ilusão, segundo os Vedas a energia de Deus que leva as entidades vivas a esquecer sua natureza espiritual.

Mayavadi – impersonalista, acredita que Deus não tem forma nem qualidades.

Om – a sílaba sagrada que representa a verdade absoluta. A representação sonora de Deus.

Paramatma – a Superalma.

Parampara – sucessão discipular.

Para prakriti – a natureza espiritual das entidades vivas.

Patañjali – uma grande autoridade no sistema astanga – yoga e autor do Yoga – sutra.

Prakriti – natureza material.

Prana – o ar vital.

Pranayama - controle respiratório utilizado como processo para avançar no Yoga.

Prassada – alimento oferecido a Deus e santificado.

Puranas – dezoito escrituras védicas que apresentam o conhecimento

dos Vedas.

Purusha – o desfrutador supremo.

Sadhu – homem santo. *Samadhi* – transe, completa absorção da consciência de Deus.

Sañatama – eterno.

Sañatana – *dharma* – a religião eterna , serviço devocional.

Sannyasa – pessoa da ordem renunciada.

Saraswati – deusa da sabedoria.

Shashtra – escrituras védicas reveladas.

Shiva – semi-deus que supervisiona o modo da ignorância.

Smirti – escrituras suplementares dos Vedas.

Srimad – Bhagavatam – o Purana escrito por *Vyasadeva* que se encontra no modo da vontade. Relata fatos históricos da antiga civilização ariana e sobre o futuro da humanidade.

Shuti – os vedas , o revelado.

Sudra – membro das classes inferiores segundo o sistema de castas.

Swami – aquele que tem pleno controle dos sentidos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AC. BHAKTIVEDANTA SWAMI, Prabhupada. *O Bhagavad-gita como ele é*. São Paulo: Bahktivedanta Book Trust, 1995.

_____. *Srimad – Bhāgavatam*. Primeiro Canto “A criação” (Parte Um – Capítulo 1 –3) São Paulo: BhaktivedanBook Trust, 1976.

ALVES, Rubens. *O que é religião*. São Paulo: Loyola, 1999.

AMARAL, Leila. *Carnaval da alma. Comunidade, essência e sincretismo na Nova Era*. Petrópolis: Vozes, 2000.

APOLLONIO Rodrigo Wolff. *Entre a cruz e o Asana: Respostas cristãs à popularização do Yoga no Ocidente*. Revista Rever, n. 3, a. 4. www.pucsp.br/rever. 10/ 05/ 2005.

AUGÉ, M. *Não lugares: uma introdução a uma antropologia da super – Modernidade*. Campinas : Papyrus,1994.

BELLAH, R. N. A Nova Consciência religiosa e a crise na modernidade. *Religião e sociedade*, 13 (2) : 18 – 37, 1986.

BERGERSON, Richard; BOUCHARD, Alain; PELLETIER, Pierre. *A Nova Era em questão*. São Paulo: Paulus, 1994.

BÍBLIA DE JERUSALÉM – REVISADA : São Paulo. Paulus, 2002.

BIZBERG, Jarek. *Homa Farming*. Fundaeja Agnihotra: Jordanov/Poland : 1999.

BLAVASTKY. *A doutrina secreta*. São Paulo : Pensamento, 1988.

BURUMA, Ian. *God’s Dust. A Modern Asian Journey*. A Phoenix Paperback. London: 1988.

CAMPELL, Colin. A orientalização do ocidente: reflexões sobre uma nova teodicéia para um novo milênio. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro : v. 18, n. 1, p. 5-21, 1997.

CAMPBELL, J. *As máscaras de Deus, Mitologia Oriental*. São Paulo: Palas Athena, 1994.

CAVALCANTE, Verônica Franscisca. *Os tribalistas da Nova Era*. São Paulo: Tese Doutorado em Ciências Sociais. PUC - SP, 2003, 359pags.

CHAMPION, F. Religiosidade flutuante, eclectismo e sincretismos, In: Jean DELUMEAU, *As grandes religiões do mundo*. Lisboa. Editorial Presença, S/d.

DOUGLAS, Mary. *Pureza e Perigo: ensaio sobre as noções de poluição e Tabu*. Edições 70, 1991.

DURKHEIM, Emile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ELIADE, Mircea. *Tratado de História das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____. *O Mito do eterno retorno*. São Paulo: Mercuryo, 1992.

_____. *Ocultismo, bruxaria e correntes culturais*. Belo Horizonte: Interlivros, 1979.

FERGURSON, M. *A Conspiração de Aquário*. Barcelona: Anocero, 1994.

FRAZER, Sir George James. *La rama dorada*. Mexico: Fondo de Cultura Econômica, 1994.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala. Formação da família brasileira sob o regime da economia colonial*. 49ª edição. São Paulo: 2004.

_____. *Sobrados e Mucambos. Decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. 15ª edição: São Paulo. Global editora, 2004.

_____. *Palavras repatriadas*. Brasília: Universidade de Brasília, 2003.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

GIDDENS, Anthony. *Mundo em descontrolo: o que a globalização está fazendo por nós*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2005.

GUENÓN, René. *Introducción General al estudio de las doctrinas Hindúes* (1921). <http://www.hermanubis.com.br/LivrosVirtuais.htm>. Acesso em 26/06/2005.

_____. *Oriente y Occidente*. <http://www.hermanubis.com.br/LivrosVirtuais.htm>. Acesso em, 26/06/2005.

GUERRIERO, Silas. *A Magia Existe?* São Paulo: Paulus, 2003.

_____. *O movimento Hare Krishna no Brasil: a comunidade religiosa de Nova Gokula*. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. PUC. São Paulo: 1989. 179 pags.

GOSVAMI, Satsvarúpa dâsa. *Introdução à filosofia védica*. Pindamonhanga: The Bakthivedanta Books Trust Internacional, 1986.

HARRIS, Marvin. *Canibales y Reyes : Los Orígenes de la Cultura*. Madrid: Alianza Editorial, 1996.

HISTÓRIA DE LAS RELIGIONES. *Las religiones antiguas*. Vol. 2. México: Siglo Veintiuno editores, 1970.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, T. (org.). *A invenção das tradições*: Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HOLM, Jean e John Bowker. Coordenação. *Ritos de passagem*. Portugal: Publicações Europa – América, Lda. 1994.

HOLLANDA, Heloísa B. de; GONÇALVES, Marcos A. *Cultura e participação nos anos 60*. 1ª reimpressão. São Paulo: Brasiliense, 1999.

JANSEN, Eva R. *O livro das imagens hinduístas. Os deuses e seus símbolos*. São Paulo: Totalidade editora Lda, 1993.

JUNG, Carl Gustav. *Os arquétipos de o inconsciente coletivo*. Petrópolis Editora Vozes, 2002.

_____. *Psicologia e religião Oriental*. Petrópolis : Vozes. 1991.

JUDAH, Stillson J. *Hare Krishna and the counterculture*. New York : John Wiley & sons, 1974.

KNOTT, Kim. *My sweet lord. The Hare Krishna movement*. Wellinborough: The Aquarian Press, 1986.

LEVINE, Faye. *The strange World of the Hare Krishnas*. Greenwich : Fawcett Publications Inc, 1974.

MAGIA INDIANA. ATHARVA-VEDA FÓRMULAS E PRÁTICAS. Trechos dos livros de rituais e comentários. Traduzidos por Maurice Bloomfield. São Paulo: Madras Editora Ltda, 2005.

MAGNAMI, José Guilherme. *Mystica Urbe: um estudo antropológico sobre o circuito neo-esotérico da cidade de São Paulo*. São Paulo: Studio Nobel, 1999.

MARTELLI, S. *A religião na sociedade pós-moderna: entre secularização e dessecularização*. São Paulo: Paulinas,s/d.

METHA, Rohit. *O chamado dos Upanixades*. Brasília : Editora Têosofica, 2003.

MONCÓ Sofia. *Las mujeres en los Vedas*. Madrid : Ediciones Akal, 1999.

MANIL, Suri. *A morte de Vishnu*. São Paulo : Companhia das Letras, 2001.

MOREIRA DA ROCHA, Aderson. *Medicina Chinesa e Ayurvédica: um estudo comparado em perspectiva histórico-antropológica*. Dissertação(Mestrado em Medicina Social) Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro : 2003. págs. 124.

NOVA ENCICLOPÉDIA BARSA. *Encylopaedia Britannica do Brasil*. Volume13. Rio de Janeiro, Publicações Ltda. Rio de Janeiro – São Paulo: Barsa, 1997.

OLDENBERG, H. *La Religion du Véda*. Paris, Traduit de l'aleman par Victor Henry: Félix Alcan Éditeur, 1903.

OTTO, R. *O sagrado*. Lisboa : Ed. 70, 1992.

PANIKKAR, Raimon. *Espiritualidade hindu. Sanātana dharma*. Barcelona, Editorial Kairós. 2005.

PEIRANO, Mariza. *Rituais ontem e hoje*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

PIERUCCI, A. F. *Reencantamento e dessecularização*. A propósito do Auto-engano em sociologia da religião. CONFERENCIA NP VIII CONGRESSO DA SOCIEDADE DE SOCIOLOGÍA, Brasília. UNB, Novembro de 1997.

RETAMALES, Valentina. *O divino e o sagrado da natureza: a filosofia védica o biocentrismo na relação sociedade-ambiente – O Movimento Hare Krishna no mundo contemporâneo*. Dissertação de Mestrado em Sociologia , Campinas : UNICAMP, 2000. 159 pags.

Revista Rever. <http://www.pucsp.br/rever/rv012001pusarkpdf>. Acesso em 9/02/2005.

ROJAS, Enrique Gamboa. *Ganesha: El destructor de los obstáculos. Historias, Rituales y Mantras*. Colección India eterna. México D.F : Editora y Distribuidora Yug, S.A de C.V, 2004.

SAID, Edward W. *Orientalismo*. Trad. María Luisa Fuentes. 2ª ed. Barcelona: Novoprint S.A., 2003.

_____ *Reflexões sobre o exílio e outros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SCHMIDT-LEUKEL, Perry. *Las religiones y la comida*. Barcelona : Editorial Ariel, 2002.

SEVERINO, Joaquim Antônio. *Metodologia do trabalho científico*. 22ª ed. São Paulo: Cortez, 2006.

SIQUEIRA, Deis. *As novas religiosidades no Ocidente*. Brasília : Editora UNB, 2003.

SILVEIRA, Marcos Silva da. "*HARI NAMA SANKIRTANA*": *Estudo antropológico de um processo ritual*. Brasília: Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós - graduação em Antropologia do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Brasília, 1999.

SORMAN, G. *El gênio de la Índia*. Barcelona : Editorial Kairós, 2002.

STARK, Rodney; Baindrige William Sims. *Theory of religion*. New Bruswich: Rutgers University Press, 1996.

TAIMI, I. K. *GAYATRI: o mantra sagrado da Índia* . Brasília: Editora Teosófica,1978.

TAVARES, Carlos A. P. *O que são as comunidades alternativas*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

TERRIN, Natale Aldo. *O Rito, antropologia e fenomenologia da ritualidade*. São Paulo : Paulus, 2004.

THAPAR, R. *Historia de la Índia*. México : Fondo de Cultura Econômico, 2201.

TINÔCO, Carlos Alberto. *O pensamento védico: uma introdução*. São Paulo: Edições Ibrasa, 1992.

THE CULTURAL HERITAGE OF INDIA. Volume IV. *The Religions*. Calcuta:

HARIDAS BHATTACHARYYA, M. A.,B.L., P.R.S., Darsanasagara. The Ramakrishna Mission Institute of Culture . s/d.

THOMPSON, G. M. *Atlas del New Age*. Madrid : Editorial Lbsa, 2004.

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América*. A questão do outro. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

TUMMER, L. *La sabiduría de Rabindranath*. Buenos Aires : Deva's, 2004.

TURNER, Vitor. *O processo ritual. Estrutura e anti-estrutura*. Petrópolis : Vozes, 1978.

VALLE, Edênio. *Psicologia e experiência religiosa*. São Paulo: Loyola, 1998.

VASANT, V. Paranjpe. *TERAPIA HOMA. Nuestra última oportunidad*. Virginia: Fivefold Path Inc., 1991.

_____. *Luz que conduz ao caminho divino*. Virginia . Fivefold Path Inc, 1995.

VELASCO, Francisco Diez de. *Hombres, ritos, dioses. Introducción a la historia de las religiones*. Madrid : Biblioteca de las Ciéncias de las Religiones, 1995.

WEBER, Max. *Economia e sociedade. Esbozo de uma sociologia compreensiva*. Obra. Volume I. México. Fondo de Cultura Economica, 1994.

ZIMMER, Heinrich. *Filosofias da Índia*. São Paulo : Palas Athena, 2003.

_____. *Mitos e símbolos na arte e civilização da Índia*. São Paulo: Palas Athena, 2002.

REVISTAS

ALVES, Liane. Histórias de amor e fé: veja os relatos de quem conseguiu incluir a religiosidade do parceiro em sua vida sem abrir mão das próprias crenças. *BONS FLUIDOS*, São Paulo : N° 82. 90 pags. Fevereiro de. 2006.

GRAIEB, Carlos. A revolução da Índia: de nação miserável a país viável. *Veja*. São Paulo : N°1959. 170 pags.7/6/2006. Newsweek. Latin America Edition. *India Rising*. Juan Manuel Castro Prieto. New York : March, 2006.

SITES E ARTIGOS DA INTERNET

Consulado da Índia em São Paulo [http:// indianconsulate.org.br](http://indianconsulate.org.br) .Acesso em 10/10/2005.

Embaixada da Índia no Brasil. <http://www.indem.indianembassy.org.br>. Acesso em 12/10/2006.

Espaço Holístico Tupã – Aué. <http://espacotupa.com.br/>. Acesso em 24/06/2006.

Espaço Naradeva Chala. <http://suddhadharma.com/naradeva/>. Acesso em 24/06/2006.

ISKCON.COM. *The word of the Hare Krishna: ISKON the movement Vaishnava Philosophy, Devotes of Lord. Art/ Culture.* [http:// www.iskon.com/ICJ61/_61 klostermaier. htm](http://www.iskon.com/ICJ61/_61_klostermaier.htm). Acesso em: 5 /10/2005.

KUPFER Pedro. A ciência e a cosmovisão hindu. <Http://www.yoga.pro.br/artigos.php>. Acesso em: 03/08/2000.

Professor Hermógenes. <http://profhermogenes.com.br/yoga1htm>. Acesso 20/12 /2006.

Martim Baumann Martim. [http://wwwuser.unibremen.de/~mbaumann/lectures /durb-dia.htm](http://wwwuser.unibremen.de/~mbaumann/lectures/durb-dia.htm). Acesso em 1/10/2006.

Shaligram. <http://www.shaligram.com>. Acesso 12/ 08/ 2006.

Rituais védicos em São Paulo. <http://samagni.com.br>. 24/06/2006.

YAGNAS E MANTRAS [Http:// metha_ravindra.com.br](Http://metha_ravindra.com.br) Acesso 10/05/ 2005.

A Vedanta no Brasil. <http://vedanta.org.br/>. Acesso em: 5/3/2006.

ANEXO I

Perguntas realizadas para os praticantes dos rituais durante nosso trabalho.

Além de dados gerais de identificação - como profissão, idade e sexo - tentamos abordar as seguintes questões:

- Já praticou outro tipo de ritual anteriormente? Se a resposta for afirmativa:
 - em qual linha ou denominação religiosa?
 - Como estabeleceu contato com os rituais hinduístas?
 - Conhece algum grupo que pratique este tipo de ritual? Qual?
 - Frequenta esses grupos?
 - Já solicitou particularmente algum tipo de ritual? Qual? Com que propósito?
 - Por que motivos pratica os rituais hinduístas?
 - Com que frequência costuma solicitar rituais?
 - Você se encaixaria em que grupo?
 - Praticante do Hinduísmo (...)
 - Adepto do holismo e esoterismo (...)
 - Sem uma religião ou filosofia definidas ()

ANEXO II

Os passos de um casamento Hare Krishna. Transcrição do fac símile 9.

Vilani – A mãe da noiva recebe o noivo oferecendo o fogo de uma lamparina em sinal de boas vindas. O pai da noiva ou um representante coloca uma guirlanda da (colar de flores), em volta do pescoço dele homenageando-o.

Drashana – A noiva entra acompanhada de suas amigas. Soam os búzios convidando os semideuses. Uma mulher casada coloca-lhe uma guirlanda.

Kanya- dana – O pai entrega sua filha em matrimônio.

Pani- Grahana – Para que a união do casal seja mantida, uma mulher casada ata as mãos dos noivos com uma guirlanda. Neste momento as promessas de matrimônio são feitas pelo casal, enquanto mantras, hinos apropriados são cantados.

O casal ora para *Mathasishvam*, o príncipe do amor, *Dhata*, os deus das relações, e *Destri*, o deus dos segredos protejam esse matrimônio.

O noivo diz para a noiva: “ Que teu olhar seja suave protegendo teu marido. Seja caridosa com os animais, tenha mente boa, seja bela. Seja mãe de heróis, mãe de vida, querida por Krishna, trazendo a mais elevada felicidade.(...) Logo te dou a boas vindas como legítima esposa.

Deveres e promessas do noivo. “Prometo proteger-te, levar-te comigo, estar contigo em cerimônias importantes, compartilhar os deveres domésticos contigo, confiar em ti em relação aos gastos domésticos, não criticar-te em público, manter o princípio de uma vida elevada, ver todas as mulheres como minha mãe e só amar a ti, e manter-te de acordo com minha capacidade.

Agora as mãos do casal são atadas. Colocam-se as alianças e trocam de guirlandas, simbolizando a integração da energia masculina com a feminina.

A esposa circuambula o marido no sentido horário para a trair auspiciosidade. Eles prestam reverências as deidades. O sari da noiva é atada por um nó, contendo arroz no interior, ao manto (tcahar) do noivo e cobre-lhe a cabeça com um véu, sinal de que agora ela é uma mulher casada.

Agni- Sthapana – O sacerdote invoca o fogo sagrado através do cantar de mantras e por meio de mudras (movimentos auspiciosos com as mãos).

Mangala – carana – Canto de mantras para a glorificação dos respectivos mestres espirituais dos noivos, do sacerdote , a Krishna e a Suprema personalidade de Deus, os participantes atiram arroz aos noivos e gergelim.

Purna – Huti – O casal ao cantar os mantras, oferece frutas ao fogo dos sacrifícios.

Spta- padi – A noiva caminha por sete círculos desenhados com farinha de arroz, fazendo votos e juramento para atrair prosperidade e sucesso para o casal.

No último círculo, o noivo diz: "Seja minha companheira para toda a vida, seja minha companheira sempre e que estes votos nunca se quebrem".

Santi – dana – Recitação final de mantras para a paz do casal e dos convidados.

Dakshina – O noivo remunera e presenteia o sacerdote em agradecimento. Então, todos os convidados são convidados a circumbular alegremente a arena de sacrifício, ao som transcendental do maha – mantra Hare Krishna, enquanto os noivos distribuem os elementos contidos na arena tais como : frutas, legumes, cereais, e flores.

Prassada – Os noivos compartilham com todos os convidados os alimentos consagrados no altar.